



Inventário dos Bens Culturais da Comunidade Assentamento São Francisco Oriunda do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG

Versão resumida

**FASE
IDENTIFICAÇÃO**



Assentamento São Francisco
Formoso-MG • 2006

***Deus vos salve a claridade
Deus vos salve a luz do dia
Deus vos salve a luz do sol
A luz que nos ilumina
O sol para sair pede licença ao senhor
Quando sai joga seus raios por cima do resplendor
Deus vos salve a luz do sol
Que é o mistério mais profundo
Quando sai joga seus raios
Nas quatro partes do mundo.
O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado
Ele serve de sinal para um verbo encarnado
O clarão da lua cheia
É um sinal da primavera
O sol faz sua marcha
E por ninguém ele não espera***

(Cantório de agradecimento do pouso de folia, por Seu Otaciano)

**Projeto Inventário
dos Bens Culturais da
Comunidade São Francisco
Oriunda do Parque Nacional
Grande Sertão Veredas/MG**

**Comunidade São Francisco
Formoso-MG**



**Fase Identificação
2006**

REALIZAÇÃO

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI

Presidente - Luis Fernando de Almeida
Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial – Márcia Genésia de Sant’Anna

EXECUÇÃO

Fundação Pró-Natureza – FUNATURA

Presidente – Henrique Brandão Cavalcanti

Superintendente Executivo – Cesar Victor do Espírito Santo

Presidente do Conselho de Curadores – Luis Van Beethoven B. de Abreu

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão Geral - FUNATURA – Cesar Victor do Espírito Santo

Acompanhamento Técnico - IPHAN – Ana Julieta Teodoro Cleaver

Coordenação Executiva – Helena Oliveira

Pesquisa e Sistematização de Dados – Thaís Teixeira de Siqueira e Helena Oliveira

Fotografia – Lana Guimarães

Consultor em Música – Roberto Correa

Consultoras em Antropologia – Inês Zatz e Thaís Teixeira de Siqueira

Assistentes de Campo – Márcio Chaves, Ivanildo Rocha, Roselito “Gaúcho”, Arcanjo Daniel e Paulo Henrique

APOIO

Associação Rural Sertão Veredas

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos da comunidade do Assentamento São Francisco pela parceria na realização deste projeto e por compartilharem conosco um pouco de sua história e seus saberes.

Agradecimentos especiais:

Comunidade Cajueiro, Comunidade Grotão, Dona Rosário e família, Dona Arcanja, Dona Lídia, Dona Maria, Dona Lu, Galdino e Regina, Gumerindo, Seu Otaciano, Dona Nica, Seu Miguel, Seu Alberto, Dona Chica, Ivan, Idelino, Gaúcho, Seu Aneandro, Dona Júlia, Dona Ambrosina, Quinquinha, Ferro Véio, Dete, Dona Argemira, Marião, Nega, Odilon, Seu Tercílio, Zé Preto, Pela Porco, Dão Cheque, Manoel Tipóia, Aldelino, Hélio, Sr. Maximo e Dona Delfina, Fernando, Valdomiro e Maria José, Elias, Antônia Aparecida, D. Benedita, Coquinho, Seu Carmosino, Daniel Marcio Chaves, Wagner Chaves, Arcanjo Daniel e Paulo Henrique (Funatura).

Instituições:

IBAMA de Chapada Gaúcha/MG, Câmara de Vereadores de Formoso/MG, Prefeitura Municipal de Formoso/MG - Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ação Social -EMATER, Papel do Cerrado e Tríade Patrimônio e Turismo.

ÍNDICE

Introdução	07
Metodologia	08
CONTEXTUALIZAÇÃO DE FORMOSO E DO ASSENTAMENTO	
Relações das celebrações comunitárias e musicalidade	11
4.2 - ANOTAÇÕES SOBRE CELEBRAÇÕES	13
4.2.1 - O homem, a natureza e o sagrado	13
4.2.2 - Nos tempos que passam, nos lugares que mudam	17
4.2.3 - A Bandeira, o retrato e o Santo	20
4.2.4 - Estrutura das festas dos santos e relatos de imperadores	22
4.2.5 - Giro de Folia e Foliões	24
4.3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CELEBRAÇÕES	28
4.3.1 - A sala da casa	28
4.3.2 - O terreiro da casa	30
4.3.3 - O fora de casa	30
4.3.4 - Celebrações do privado e do comunitário	30
Documentação Sonora da Musicalidade do Assentamento	
São Francisco e Arredores	33
CD I	36
CD II	37
AS EXPRESSÕES MUSICAIS	38
CANTORIOS DE DEVOÇÃO	39
Cantorio de Folia de Reis	39
Cantorio da Folia do Divino	39
Agradecimento de Mesa	40
Cântico de Louvor	40
Inselenças	41
Cântico da Paixão	41
Rezas	42
BRINCADEIRAS DE FOLIA	42
Curraleira	42
Guaiana	44
Lundu	44
CANTO DE TRABALHO	47
Canto de "Roda de Farinha"	47
DANÇAS DE RODA	47
OUTROS CANTOS	49
Romance	49
Coco Travado	49
Desafio de Embolador	50
Enumeração	51
ANEXO I - Mapa do Giro de Folia de Reis no Assentamento São Francisco	
ANEXO II - Ficha de Celebrações	

Introdução

O Assentamento São Francisco é composto por antigos moradores da área que foi transformada no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado pelo Decreto 97.658 de 12/04/1989, e que culminou no deslocamento das pessoas que habitavam a área. As comunidades, que antes eram nomeadas por agrupamentos familiares, foram remanejadas para o Assentamento São Francisco, numa área de 5.616,75 hectares, abrigando uma média de 90 famílias e abrangendo as localidades São Francisco e Gentio, nomes das antigas fazendas ali existentes.

A aplicação do método Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC foi fruto de um convênio entre a Fundação Pró-Natureza - FUNATURA e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no âmbito do Departamento de Patrimônio Imaterial/DPI e consistiu em duas fases: o Levantamento Preliminar e a Identificação. A fase do Levantamento Preliminar foi desenvolvida em 2005 e consistiu em pesquisas dos bens culturais, materiais e imateriais, dos modos de fazer e de viver, das expressões representativas da visão de mundo da comunidade. Nesta primeira fase, foram inventariados 50 bens culturais, envolvendo as celebrações, os formas de expressão, os ofícios e modos de fazer, os lugares e as edificações.

A Segunda parte da aplicação do INRC consistiu na fase de identificação, iniciada em julho de 2006. Para esta fase, a FUNATURA ainda em parceira com o IPHAN, direcionou o foco das pesquisas nas celebrações e na musicalidade. Esta escolha se deu por ser a musicalidade um dos bens culturais mais expressivos e que mobiliza todos os outros, abrangendo o universo de ritmos, sons e melodias presentes em seu dia-a-dia, associados especialmente às suas celebrações, trabalho e religiosidade.

Ao fazer uso do INRC é preciso deixar claro que não se pretende congelar o imaginário e tampouco dar uma visão definitiva da musicalidade e celebrações desta comunidade. A importância do inventário, para além de seu caráter de pesquisa e documentação, reside na constituição de um documento, que pode ser usado pela própria comunidade como um instrumento de defesa e luta por seus direitos.

O projeto foi acompanhado desde o início pela Gerência de Identificação do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN. Foram feitas várias reuniões com os técnicos deste departamento, após as quais chegou-se ao consenso de que o bem a ser inventariado nesta fase seria a Folia, no domínio das celebrações. Por meio das folias, chega-se também às formas de expressão, aos modos de fazer e aos lugares. Ao explorar a religiosidade e a musicalidade no Assentamento São Francisco, percebemos que não pode-se separar o universo das 'celebrações' ao das 'formas de expressão', pois é nas 'celebrações' da comunidade, nas folias e festas, que a musicalidade é exercida. Os cantorios, as curraleiras, os lundus, as rezas, as danças de terreiro são postas em prática nas festas e até mesmo os cantos do feitio da farinha estão relacionados às festas, pois a farinha e seus derivados são alimentos fundamentais para a realização das festas.

Esse passou a ser o foco do projeto, levando a um aprofundamento do referido bem, para onde se voltaram os olhares e percepções da equipe de pesquisa e das pessoas da comunidade que se integraram ao processo, permitindo-se mergulhar em suas formas de expressão musical, que se remetem aos cantorios de devoção, às brincadeiras de roda, aos cantos de trabalho e às rezas.

Tendo como objetivo o aprofundamento da pesquisa na comunidade São Francisco, Roberto Correa, que é músico e pesquisador de reconhecida capacidade profissional e talento, foi integrado à equipe do projeto. Ele ofereceu os recursos e habilidades necessárias para a gravação sonora de algumas músicas tradicionais e também as suas impressões sobre a musicalidade praticada no Assentamento.

Apesar do cuidado técnico, não há intenção comercial na gravação das músicas. Este registro pretende apenas demonstrar algumas músicas entoadas pelos participantes em suas festividades e devoções ou nas relações de trabalho. O que se vê no caso dos cantos de fazer farinha de mandioca que, em decorrência da mecanização do sistema de produção, já não são mais praticados. Porém, são constantemente lembrados com emoção pelos mais velhos.

Durante os seis meses de realização do projeto, a equipe realizou visitas de campo à comunidade São Francisco obtendo informações, por meio de entrevistas com alguns moradores. Estas propiciaram a geração desta publicação, contendo relatórios e dados de pesquisa. Também foi realizada a gravação sonora de dois CDs musicais, com 32 faixas, onde se pode apreciar curraleiras, lundus, cantigas de roda, cantos de fazer farinha e rezas, sendo estas categorias musicais próprias da região. Estes CDs e a própria publicação são partes integrantes do produto deste projeto.

Metodologia

A pesquisa consistiu na aplicação dos Questionários de Identificação nos domínios das Celebrações, Formas de Expressão, Ofícios e Lugares. Foram realizadas cinco viagens a campo:

- 1ª Viagem a campo – dias 09 a 10 de agosto
- 2ª Viagem a campo – 25 a 29 de agosto
- 3ª Viagem a campo – dias 14 a 17 de setembro
- 4ª Viagem a campo – dias 11 a 14 de outubro
- 5ª Viagem a campo – dias 09 a 13 de dezembro

Além das gravações sonoras, outras viagens de campo foram realizadas para o levantamento de dados e informações. Para isso, as pesquisadoras realizaram entrevistas com algumas pessoas relacionadas.

Para a aplicação dos questionários utilizou-se o gravador e a posterior transcrição literal das falas. Ao invés de aplicar apenas um questionário para cada bem cultural, como foi recomendado pelos técnicos do IPHAN, optou-se por aplicar vários questionários para cada bem. Esta escolha se deu com o objetivo de aprofundar mais os temas e buscar visões plurais sobre um mesmo bem cultural. Consequentemente, tem-se alguns questionários mais completos e aprofundados e outros menos extensos, que foram feitos com o fim de complementar os primeiros. Alguns questionários apresentam campos em branco, pois tratam de assuntos já explorados em outros questionários.

Durante a formatação do documento final, optou-se por incluir todos os questionários que foram aplicados durante a pesquisa. Tal decisão se deu pela importância das falas das pessoas da comunidade, e além do mais, considerou-se que

cada questionário é um documento, um arquivo que pode vir a ser consultado em sua forma original. No documento final constam ainda as fichas de 'sítio' e 'localidades', preenchidas e publicadas na fase do levantamento preliminar.

A opção pelo preenchimento de apenas uma Ficha de Identificação: 'Celebrações' foi fruto de reflexões e debates entre a equipe da FUNATURA e entre membros da Gerência de Identificação do DPI. Considerou-se que ao inventariar as folias, celebração mais marcante na comunidade, não poderíamos dissociá-la da musicalidade intrinsecamente relacionada às celebrações. Deste modo, ao invés do preenchimento de duas Fichas de Identificação: Celebrações e Formas de Expressão trabalhou-se de forma mais detalhada na Ficha de Identificação: Celebrações, na qual há espaço para a musicalidade presente nas folias. Ao optarmos pelo preenchimento de apenas uma ficha, levamos em consideração questões práticas e metodológicas, com o cuidado de não separar, no inventário, elementos que são complementares e interdependentes uns dos outros, como as celebrações e suas formas de expressão.

Seguindo as recomendações dos técnicos da Gerência de Identificação, foram feitas algumas alterações cruciais nos campos da ficha. Alguns campos foram renomeados e outros acrescentados, de forma a se encaixarem nos dados recolhidos. Nos Campos 8.3, 8.4, 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10, onde havia "descrição", mudou-se para "denominação". No campo 8.3, onde havia "função" alterou-se para "descrição/função". Nos campos 8.5, 8.6, 8.7, 8.8, 8.9 e 8.10 onde havia "função" alterou-se para "descrição/significado". O campo 8.8 referente às Danças e foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as danças em I – Brincadeiras de Folia; II- Danças de Terreiro ou Danças de Roda; III – Forró. Ainda neste campo 8.8, incluiu-se uma linha em cada tabela, denominada "Letra da Música", de modo tratar das composições referentes às danças no mesmo campo destas.

O campo 8.9 referente às Músicas e Orações foi organizado da seguinte forma: dividiu-se as músicas e orações em : I – Rezas; II – Cantorios de Folia; III – Cantos de Trabalhos; IV – Outros Cantos. Ainda neste campo, onde havia "quem provê" alterou-se para "quem executa".

Helena Oliveira
Coordenadora Executiva

Thaís Teixeira de Siqueira
Antropóloga/Pesquisadora

Brasília, janeiro de 2007

**Contextualização de Formoso e
do Assentamento São Francisco**

**Relações das Celebrações
Comunitárias e Musicalidade**

(Transcrição parcial)

**Anotações sobre
celebrações**

*Por Inês Gonzaga Zatz,
Mestre em Antropologia Social*

PROJETO
INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DA COMUNIDADE DO
ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO
Famílias oriundas do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG
Fase Identificação: musicalidade

CONTEXTUALIZAÇÃO DE FORMOSO E DO ASSENTAMENTO

Relações das celebrações comunitárias e musicalidade

Consultora Inês Gonzaga Zatz
MSc. Antropologia Social

(Transcrição parcial)

4.2 - ANOTAÇÕES SOBRE CELEBRAÇÕES

Neste relatório, privilegia-se as festas e as celebrações de cunho religioso e manifestações profanas, como espaço apropriado onde emerge, com mais ênfase e espontaneidade, a musicalidade, como valor cultural da comunidade do Assentamento São Francisco.

Neste Assentamento, as famílias conhecem e celebram, ou participam, das festas dos Santos Reis, de São Sebastião, de São João, de Nossa Senhora Aparecida, de Santa Luzia. Estas foram as festas citadas nas entrevistas, salientando-se a dos Santos Reis como a mais popular e prestigiadas pela comunidade.

Também os movimentos de romarias de santos são oportunidades de deslocamentos fora de seus territórios, celebrações sociais e sagradas, e as mais citadas e freqüentadas são, na ordem: a de Santo Antônio no Distrito de Serra das Araras (município de Chapada Gaúcha); a Romaria de Bom Jesus da Lapa, no município do mesmo nome, na Bahia; a romaria de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, no município de Niquelândia, Goiás. Embora façam parte das relações das famílias do Assentamento, festas de romarias não são objeto do presente estudo.

4.2.1 - O homem, a natureza e o sagrado

No célebre livro de João Guimarães Rosas - **Grande Sertão: Veredas**, o personagem central agia e falava pela alma, sentimento, personalidade do sertanejo. Para o presente relatório, na abordagem sobre celebrações, é significativa a passagem

selecionada por Santiago Sobrinho: “Riobaldo interessa-se mais pelo movimento das coisas do que pelas coisas em si.” (P.46). ¹

Ao longo da obra pode-se perceber que o movimento de um animal vale tanto quanto sua natureza animal. Na obra, encontram-se passagens onde os animais falam, os rios conversam com os sertanejos. Os céus dão sinal de chuva, os animais têm sentimentos. Nas danças que acontecem nas Festas de Santos no Assentamento, foliões e pessoas da comunidade se divertem nas *danças de terreiro* ou *brincadeiras de roda* (terreiro é onde se desenvolve, no cotidiano, os trabalhos com a criação — galinhas, porcos, patos) nas quais imitam o *tamanduá*, o *carneiro*, a *barata*, *Mergulhão*, *Cana Verde*, *Ariri*. Vale lembrar que os depoentes falam da dança e canto do *Ariri* (que é uma palmeira da região), mas no momento de cantar, o grupo diz, nos versos musicados: “oriri orirai...”.

Os movimentos das pessoas, da natureza e na natureza são frases para a leitura dos acontecimentos, do tempo, do clima, dos significados das manifestações humanas. São celebrações de acontecimentos, de santos, de divindades e, também de fazeres, de ser e de estar. Exemplos não faltam nos estudos privilegiados da musicalidade do povo do Assentamento São Francisco, como por exemplo, perceber os dizeres dos movimentos em uma Casa de Farinha, nas diferentes fases de uma Festa dos Santos Reis, da do Divino, na postura de um festeiro, de um folião; no comportamento de um Alferes, no que se bebe e no que se come nas diferentes ocasiões.

Fundamentalmente, e de fácil visibilidade, sempre se *está dizendo alguma coisa* nos movimento dos corpos, seja no cavalo de um Giro de Folia, à pé, na dança das brincadeiras, do forró, ou no momento do cantório (é reza, estruturada e cantada) de um Guia e Contra Guia de Foliões. O saber disciplinar o corpo para celebrar o coletivo, assim como celebrar sistemas comunitários, e saber ler seus significados é, também, um patrimônio imaterial de uma comunidade.

“O romance GSV é construído por um intrincado entrelaçamento entre as necessidades humanas e as necessidades da natureza, formando uma rede em que o sujeito e o objeto, homem e natureza, jamais se separam.” (Santiago Sobrinho, 2003; p.32). Sem dúvida alguma, a obra do mestre Guimarães Rosas coloca o ser humano, a natureza e o sagrado em um entrelaçado mais rico, de movimentos que se confundem, “jamais se separam”. Trata-se da sociedade, da natureza e do que é da Divindade.

Portanto, na vida do sertanejo, não há limites rígidos entre a sua existência (e de sua família e grupo social), com a vida da natureza (as plantas, terras, águas e animais), e com o mundo do sagrado, no alvoroço de santos e divindades em movimento. Em todos estes universos as relações se diferenciam pelas aparências, poderes e valores. Seja como for, tudo é movimento, tudo tem significado na linha do tempo, do espaço e das relações — entre gerações dos homens, entre estes e a natureza, entre esta e as divindades, entre todos, o tempo todo, particularmente nos rituais de celebração e nas trocas, que garantem o sistema de relações e de coesão, proximidade, vínculos, entre todos, igualmente.

¹ João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

Vejamos o que acontece no real, na visão dos moradores e festantes do Assentamento São Francisco. Muitas vezes, muitas, os relatos que envolvem passado e presente, começam pela expressão “*de primeiro...*” (quando as distâncias invocam, no máximo 2 ou 3 gerações), ou até invocando tempos históricos ou lendários, quando o relato começa por “*no princípio do mundo...*”. O que se quer marcar são as **mudanças**.

“De primeiro saía a divindade, não tinha uma que tinha essa cachaça solta que tem hoje, que hoje eles toca a folia a troco só do álcool e isso é de acerto” (Q20 - *Celebrações, ago.2006 - entrevistado nascido em 1936*)

“(...) E as festas também é a crença, que o pessoal de primeiro fazia promessa pra Santo Reis, pra alguma coisa... aí ia fazendo as festas. Não faz a festa só porque quer fazer a festa. Tinha promessa. Agora o pessoal mudou: muitos! Mudou de religião, tem muitos evangélicos, aí vai perdendo um pouquinho. Às vezes, o pouco que fica, fica meio excluído no meio dos outros, aí vai perdendo. Mesmo os que não são evangélicos, já perdem a ponta da meada de fazer alguma coisa, porque precisa de gente pra ajudar, aí desarticulou.” (Questionário de Inventário Q40 - *Formas de Expressão, entrevista out.2004 - depoente nascido em 1961*)

De primeiro, a gente fazia festa que dependia de divindade. Quando era baile, era baile; quando era reza, era reza! Não se usava o forró e hoje eles tão misturando as bolas, ta misturando uma coisa com outra. So que eu não gosto. Ainda tô no sistema velho. Festa que eu sou Folião de Guia, de primeiro eu não aceitava dançar nem!... hoje é o seguinte: ninguém tá dando jeito no povo. Na hora que eu saio, eles faz, depois que eu entrego meu encargo. Que eu chego, rezo e entrego a minha obrigação secreta aí eles faz o que quiser.” (Questionário de Identificação - Q20 - *Celebrações, ago.2006 - entrevistado nascido em 1936*)

“É meio complicado porque, na mesma hora que tá rezando — que o cantório é como se fosse uma reza — já tá falando de outra coisa, de cachaça, de mulher. Mas mulher também é bom, né?” (Questionário de Inventário Q40 - *Formas de Expressão, entrevista out.2004, depoente de 1961*)

Pelos exemplos de depoimentos verificam-se mudanças marcantes estão relacionadas aos procedimentos, e à faixa etária dos participantes. Os mais velhos entendem e os jovens (ou os *de fora, forasteiros*) que vão só se divertir, não respeitam uma festa *que é de Santo, da divindade*.

Faziam festa para uma divindade (Santos Reis, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, São Sebastião) para pagar promessa. Desde o início, desde a iniciativa de se fazer a festa e o Giro de Foliões, a intenção é se vincular com a divindade, comunicar-se com os Santos. Não é festa sem razão, e nem festa de chegar só para divertir. Tem reza, promessa, compromissos, seriedade, respeito. É para por ordem em alguma coisa que não deu certo no reino dos homens, como doença, negócio ruim, acidentes, perigo de morte de um jovem. A divindade é poderosa, se agradada.

“Eu prometi à Nossa Senhora Aparecida, porque eu tive um conflito. Eu capotei o carro uma vez (...)” (Questionário de Identificação - *Celebrações / Q20 - entrevista em ago.2006, depoente nascido em 1962*)

“A gente quer incentivar aquelas pessoas, às vezes ela tá com algum problema de saúde, tá preocupada e aí a gente senta pra rezar, pro modo ajudar as pessoas. Porque Deus é um bom pai, Deus e o Santo é um bom pai. Aí é dessa maneira que nós trabaia aqui, sabe. Mode que o santo é um pai muito verdadeiro, muito poderoso.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

“(…) fé nos santos e em Deus” (Q20 - ago.06, Guia de Folia, nascido em 1916)

“Eu já fiz voto e já fui feliz. Por acaso a gente tá num certos embaraços aí e pega com ele, tem aquela fé e a gente é válido. Eu fiz voto pros Santos Reis, que é um santo que eu saio com ele.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

“Já fiz promessa uma vez e rezei duas veiz de Reis. Pedi Santo Reis pra me ajudar eu que eu precisava de uma coisa. Ai ele me ajudou e eu paguei. Fui imperador dois anos. O imperador faz a promessa e põe os folião pra cantar.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* / Q40 - entrevista em set.2006; depoente nascido em 1947).

Ter problemas no curso da vida: *certos embaraços / ter conflitos* leva quem sofre a fazer a promessa para interromper ou recuperar o sentido da vida, o caminho certo desenhado pelo destino. A relação é eficaz se “tem fé”, se acredita. É um acordo: um pede, o outro atende e então se cumpre a promessa, para agradar o Santo. Alguns fazem porque gostam, porque *têm boa vontade para agradar* as divindades. Outros tomam a iniciativa porque *acha a festa bonita*.

Ser imperador é ser humano, um ser da sociedade, parte dela, chefe poderoso da sociedade. No momento da promessa ou de assumir o império, fica em evidência por ser um homenageante do Santo, representando uma posição privilegiada da sociedade. O imperador personaliza a sociedade, profana. Demonstra necessitar da força e benção divina. Naquele momento da Festa, representa a sociedade. Tem necessidades, força e também fraquezas. Precisa ser “ajudado” pela comunidade dos homens e do divino. Os demais membros devotos daquele santo da Festa, se apresentam com doações que são entregues ao imperador. Mas estão ofertando, por meio dele, ao Santo. O senhor máximo da festa “é o padroeiro (...) o Santo”.

Há a troca: o imperador oferece a festa, a comunhão com a mesa farta e os convivas vão apoiar a ação humana na sua iniciativa de vínculo com a divindade. Os convivas do imperador são partes do banquete e dos votos com os santos. Contribuem com dádivas e com a presença na Festa, para que esta seja “boa”, eficaz para o imperador e para seu império (sociedade) e para o Santo e o poder supra-humano, do sagrado. Completam o cenário das condições de execução da Festa ou rito.

Os foliões são os intermediários, os mensageiros, que fazem acontecer o ritual ² do encontro do homem social, personificado na figura do imperador (com suas fraquezas e

² S.J. Tambiah, no seu texto *A Performative Approach to Ritual* (mimeo, 1981) destaca duas dimensões da ação ritual: a externo pragmática e a interno semântica. O ritual tem a função não apenas de comunicar “dizer alguma coisa”, mas também, enquanto um ato, o ritual age e atua sobre a sociedade, com o poder de modificá-la, pelo convencimento, ou seja, o ritual faz alguma coisa, mas também sofre

virtudes, com sua esposa, filhos e companheiros — na sociedade estruturada) com a divindade (o Santo homenageado, rogado, que está integrado na estrutura da sociedade divina, para mandar as bênçãos e graças de Deus — Pai, Filho, Espírito Santo). Conflitos na sociedade e no sagrado estão: tanto externalizados em males terrenos, sociais (fora do esperado), tais como doenças, acidentes, fraquezas; quanto nas ações do Satanás, que perturbam as mentes, os *juízos*, os comportamentos desejados. São forças sobre-humanas que representam o mau encaminhamento da vida, pelo poder de interferência nos destinos. São ritos de purificação e de expiação.

“Comida a pessoa dá o que tem e o que pode. De primeiro tinha uma carne de caça, tinha e podia. Hoje é regulado o negócio. Eles dava muito é frango e dá até hoje. Galinha já imagina que chegá o mês de janeiro, morre mesmo, que os folião come mesmo! Folião é igual guará pra comer galinha.” (Questionário de Identificação - Celebrações - Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936, há mais de 40 anos é Guia de diversas Folias)

“Na festa o que é que eu faço: eu reuno frango, porco, leitoa assada, a mulher prepara polvilho pra fazer biscoito, eu mato duas vacas pra fazer carne assada, cozida, fazer da maneira que as pessoas fique grata e satisfeita”. (ex-imperador fala da festa que fez acontecer para Nossa Senhora Aparecida - ele é nascido em 1962) (grifos meus).

O festeiro que quer agradar ao santo, tem que agradar a comunidade. Ele tem que mostrar sacrifício e este deve ser reconhecido pelo grupo. O promesseiro e sua família têm que dar o máximo de si, de suas posses e de sua casa. Se ele não for bem aceito, não for homem correto, não terá ajuda, apoio, convivas e a festa não têm jeito de se realizar. É uma inteiração estreita do festeiro e sua comunidade com o universo das divindades.

4.2.2 - Nos tempos que passam, nos lugares que mudam

Muda também o modo de fazer o Giro: antes, no Parque e nos outros municípios da região, tradicionalmente, era sempre à cavalo. Mas, recentemente, os Giros são em comunidades onde as famílias moram mais próximas, ou são feitas nos bairros das cidades, em povoados. Pode-se fazer à pé.

“(...) De primeiro, o pessoal vinha lá do Parque até Formoso à Cavalo. Só na Folia que ainda Gira à Cavalo, onde for longe, onde for perto. Tem região

ação dos atores sociais. Alguns símbolos, valores morais, atos de significância podem ser mais ou menos evidenciados, seguindo a dinâmica de mudanças da sociedade. Existem, em determinados momentos da vida da comunidade, valores e relações que se querem minimizar, enfraquecer e outras que se mostram necessárias serem *celebradas*, valoradas. O ritual é um ato comunicativo e performativo, uma linguagem da coletividade que expressa uma idéia e sentimentos comuns de fé, por exemplo. Uma Festa de Folia, este modelo de ritual, tem ação integradora da sociedade onde ocorre, fortalece a estrutura e relações e apropria-se de fatores que estão influenciando como transformadores do ritmo e processo da comunidade. Por isso, as Festas e Folias de um lugar, são diferentes de outras, embora mantenham a mesma estrutura ritual, sempre formalizada, previsível, repetitiva, encantadora (*mágica*) e com sentido para os atores sociais. Utilizam em todas as Festas, nos diferentes municípios ou comunidades, os mesmos elementos, instrumentos, materiais, adornos rituais, Divisas, mas que são diferentes entre eles e entre estes e os de outros lugares. Marcam identidades e personalidades.

que ainda gira à pé. Mas, aqui, inda usa cavalo” (*Questionário de Inventário Q40 - Formas de Expressão*, entrevista out.2004 - depoente nascido em 1961)

Julgam, porém, que sempre à cavalo é mais imponente. No dia-a-dia não é comum ter tantos cavalos juntos, como em um Giro, chegando em fila de dois, ordenadamente. O Giro de Folia é diferente de uma cavalgada ou de viagem de vários sertanejos juntos. No Giro, à cavalo, na chegada na casa do pouso ou na casa do Imperador, cumpre-se o ritual de “chegada”, fazendo as evoluções, que são os foliões/cavaleiros dominando o animal, para honrar o Santo e celebrar a sociedade. É um dos momentos mais apreciados pelos participantes.

“O significado é porque é uma chegada do santo na casa do imperador. É bonito fazer um coração e aquele coração faz parte do amor, da união das pessoas.” (depoimento de um morador que foi imperador - grifo meu)

“Os foliões entram aqui dentro da casa fazendo a *venda* com a bandeira, o alferes. O alferes faz o *cruzeiro* com a bandeira, aqui. É a mesma coisa de você fazer o sinal da cruz quando você deitar. Faz o sinal da cruz com a bandeira três vezes.” (Q20 - *Celebrações* - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

Rezas, ladainhas, cantorios (rezas cantadas), excelências (vínculos com o sagrado) se opõem à *brincadeira* (profano). As brincadeiras na curraleira e lundus são, ainda, partes do rito da Folia, é ainda dança para o Santo. É uma representação entre os santos e os homens, movimentos humanos onde se mistura quem é folião (pagador de promessa) e o público brincante, também homenageantes, dançando e cantando na festa da divindade.

“Eu recebi os folião aqui e aí quando os folião entregou a Folia, depois de tudo nós fizemo um forrozinho aqui na frente da casa. Mas lá na frente do Santo eu não quero forró, mas aqui é uma mania nossa. O padroeiro mesmo é o Santo, mas nós somos imperador, nós temos aquele respeito. Aí depois que os folião acabou o compromisso deles, eu fui lá busquei uma sanfona, fizemo o forró, o pessoal brincou aqui, baile.” (Folia N. Sra. Aparecida, seu Alberto)

[Na Folia] “Só canta quatro, dois canta e dois responde. Os outros acompanham e às vezes cantam outra coisa. Às vezes não canta o cantorio dos Reis, mas já canta o lundu, canta a curraleira. Todos que tá ali sabe alguma coisa. Nas casas que vai passando também, tem muita gente que gosta, que acompanha e que ajuda também, todo mundo entra dentro. Ele não é folião mas tá ajudando ali.”

As performances dos Foliões são conhecidas, estruturadas. O *Coração* feito pelos foliões à cavalo, é o amor. A *chegada* é a visita do Santo. O Alferes leva a bandeira e faz o *Cruzeiro* e a *Venda*³, abençoa a casa e a família. É troca da sociedade (pouso da

³ “Venda” é uma expressão oral, dita e gravada na comunidade do Assentamento São Francisco, neste projeto de pesquisa da FUNATURA. Pelas experiências e estudos do músico Roberto Correa da equipe deste Projeto, “venda” é o mesmo que *vênia* - que significa reverência, uma saudação feita com a

Folia e os donativos da festa) com o sagrado (o santo, rezas, bênçãos em movimento, encenação com significados reconhecidos por todos). Celebra-se o vínculo da sociedade com o divino. Os foliões fazem a celebração, a comunidade legítima com a participação. Se a comunidade ficar satisfeita com a festa, se for uma *festa boa*, os Santos estarão homenageados, aceitam as oferendas e sacrifícios.

Ainda que não tenha havido mudanças substanciais com a saída do Parque para o Assentamento, são sensíveis diferenças de aspectos, de práticas e de posturas do modo de fazer, da religiosidade e do respeito ao que é procedimento do sagrado (dos santos, das divindades) e o que é da natureza dos homens. Para os depoentes, com o tempo, está-se perdendo o equilíbrio entre o homem e o que é divino, determinando um processo de degradação da sociedade, de descontrole e falta de domínio. Há um desconforto do encontro da identidade da zona rural (família, unidade, respeito, religião, festa, brincadeira, som de instrumentos tocados) e os valores que marcam a cidade (modernidade, juventude, bando, bagunça, indivíduo, som alto, elétrico, sem músicos, desrespeito ao que é antigo, ao grupo de família e à tradição/história).

“Quando a gente mudou de lá pra cá, isso a gente vem continuando de lá. Até o ponto que chegou aqui continuou do mesmo jeito. A primeira [Festa e Folia de Reis] aqui foi em 2003.”

“Aqui no assentamento mesmo tem muito pouco tempo de festa, porque aqui as festas que a gente tem aqui é só as festas de Santo Reis mesmo, na época de janeiro. Só que lá no Parque tinha mais festas, tinha de São Sebastião, que era dia 20 de janeiro e Nossa Senhora Aparecida, que era dia 12 de outubro. Aqui no assentamento, por enquanto, teve só festas de Santo Reis e uma do Divino, que teve esse ano.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* - Q20 - entrevista em out.2004, depoente nascido em 1961)

“A mudança do Parque não alterou muita coisa não, porque o pessoal que fazia as festas de São Sebastião lá no Parque é porque morreu e não fez mais. Ele chamava Sebastião, era o imperador, e morreu e não fez mais. E Nossa Senhora Aparecida, também, sempre tinha um lá que fazia, que era o Waldemar e o Antônio de João Messias, e às vezes ainda faz até hoje também. Agora na região aqui mesmo é de Santo Reis, sempre tem. Quando não é aqui no Assentamento, é próximo do Parque aqui no entorno. Todo ano tem, uma ou duas festas.” (*Questionário de Identificação - Formas de Expressão* - Q20 - entrevista em out.2004, depoente nascido em 1961)

“O que mudou é que agora ficou mais perto, as casas ficaram mais próximas, aí facilita, mas só que o pessoal tá fazendo menos festa. Lá era mais longe e o pessoal fazia mais festa. Isso acontece com o correr do tempo mesmo. O pessoal mais velho parece que tinha mais tradição de fazer mais reza, festa, reisado, santo. Os pessoal mais jovens não liga muito com isso não. Às vezes, vai na festa e nem participa direito, vai pra fazer baderna. A festa já mudou, não só por causa de termos mudado aqui pro Assentamento. Qualquer lugar aqui da região mudou muito. Você vai numa festa aí, eu mesmo fui numa festa aqui antes do Assentamento, aqui

bandeira do Santo, em movimentos bem marcados, largos e visíveis à distância. Outras variações encontradas por Roberto em depoimentos de vários Foliões em outras comunidades: *veina*, *vena*.

próximo, na região de São Joaquim. Não vi nenhum folião cantar nenhuma vez: só gente com som de carro. Cabou! Parecia uma festa da cidade. Então mudou, o povo mesmo, não sei o que foi que eles viu que mudou assim. Na região ali de Ribeirão de Areia, Vargem Bonita, o pessoal lá ainda tem aquela cultura antiga, ainda. Eles fazem uma festa dessa de Santo Reis não tem forró, é dança, outro tipo de dança até manhecê o dia: curraleira, lundu, roda de terreiro. O pessoal nem pede pra ligar o som, porque lá nem usa. Aqui o pessoal faz uma festinha e uma já liga um som de um carro ali, o pessoal começa a dançar e aí cabou: já muda o rumo da festa. Às vezes o cara quer ouvir uma curraleira, um lundu e não ouve. Só ouve no Giro da Folia. Mas quando chega no dia da festa, já acaba tudo.” (*Questionário de Inventário Q40*, de out.2004 - *Formas de Expressão*, de Folião, nascido em 61)

“A Folia de Reis só girava de noite e não se fazia de dia. No cantório mesmo fala:

‘— *Os três Reis andavam no mundo*

Correndo sua freguesia

De dia tava parado

De noite eles dirigia’

Agora, não. Agora é comum de dia. De primeiro, se chegasse numa casa cedo, eles pousava e naquela casa eles ficava o dia todinho ali. Quando chegava de noite, ia sair, a noite toda. Mas hoje, os trem mudou demais, moça! Igual eu tô te falando que as brincadeira era outra, não era essas brincadeira de forró.” (Q20 - *Celebrações* - entrevista ago.06, nascido em 1936)

Em conversas informais em dezembro de 2006, no Assentamento, durante um pouso de Folia da Festa de Santa Luzia, os convidados que aguardavam a chegada da Folia iam falando de diferenças: na Folia de Santa Luzia, *protetora das vistas, dos olhos*, a Folia só gira de dia, com a luz do dia. Não andam à cavalo. Foliões caminham à pé, porque assim é a tradição. Diferente, muito, da Folia dos Santos Reis que deveria girar apenas à noite, como fizeram os Reis Magos, para não serem vistos. Seguiam a estrela guia que os levariam ao Menino Jesus.

4.2.3 - A Bandeira, o retrato e o Santo

As duas últimas Festas de Santo com giro de Folia que aconteceram no Assentamento São Francisco foram a Festa do Divino e a Festa de Santa Luzia. Aconteceram pela primeira vez depois da saída do Parque. A de Nossa Senhora de Aparecida, que se realizou em 2005, não se repetiu em 2006 como era esperado. As bandeiras do Divino e a de Santa Luzia tiveram os *retratos* pintados pela mesma pessoa do Assentamento. É uma senhora que fez curso de pintura, mulher de Folião, filha de Guia de Folia, produtora, mãe de família. Ambas as bandeiras ficam guardadas na casa dela, aguardando uma próxima festa do Santo. Ela é citada frequentemente, nas entrevistas, pela habilidade de fazer *retratos*.

Fotos de Bandeiras das Festas do Divino e da Festa de Santa Luzia



Dona Dete mostra a Bandeira do Divino que pintou para a Festa deste ano. Faz as pinturas dos *retratos* dos Santos. O quadro de Santa Luzia (centro), de sua casa, serviu de modelo para a Bandeira da Folia, carregada (à direita) pelo Alferes Reinaldo, na chegada em um pouso do Giro da Folia.

Um ex-imperador fala da Bandeira de Nossa Senhora Aparecida, pintada, que ele encomendou para cumprir a promessa para a Santa:

“Porque tem pessoas que vem e faz aquele conhecimento, aquela semelhança dela. Pessoalmente eu não conheço, nunca vi a Nossa Senhora Aparecida, mas a gente vê assim, com certeza é ela.” (Q20 - ago.2006, promesseiro nascido em 1962)

“E aí eu pedi essa santa aqui e ela me acudiu. Tem pessoas que fala: “isso é só um pano!”, mas não isso aqui na verdade é só a semelhança dela, ela mesma tá lá em cima, lá no céu. Aí eu pedi pra ela e Deus me abençoou, que eu fui recuperando, minha mulher cuidou muito de mim, me ajudou. Aí eu vim pr’aqui, adquiri um lote aqui e aí comecei a pagar”. (*Questionário de Identificação - Celebrações* /Q20 - ago.06, depoente nascido em 1962)

O sentido de *semelhança* é a representação do Santo, não um simples desenho. A imagem no pano, o *retrato*, é um ícone, o Santo da Festa.

Cada Bandeira tem a cor que representa o Santo que está no *retrato*. Elas são retangulares: a de cor azul claro é com a imagem de Nossa Senhora Aparecida; a do Divino é vermelha; a de São João Batista é amarela; a dos Santos Reis é branca; a de Santa Luzia tem fundo branco, e o *retrato*, colorido, é cópia de um quadro. Na tradição da região, os retratos devem ser sempre pintados à mão, por artistas que se especializam nesta arte. Cada cor representa um Santo.

Representar o santo em questão, torna-se a presença física do santo em todo o ritual:

“Porque essa imagem aqui ela sai bonitinha, isso nós trata, é a mesma coisa de nós tá vendo a santa.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* / Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1962)

O alferes é “companheiro” no Giro da Folia, responsável pela bandeira, por levá-la no trajeto, guardá-la e fazê-la respeitar. É um cargo de maior importância no Giro.

O Alferes é escolhido pelo Guia e quase nunca é um jovem, pois tem que ter experiência e conhecimento de suas funções, respeito ao Santo e à Bandeira e as

responsabilidades do cargo. Em dezembro, para a Festa de Santa Luzia, foi escolhido um Alferes que tinha 19 anos, porque não tinha um experiente que pudesse. Ele é filho do Guia, irmão do festeiro. A justificativa é que se não começar, não aprende nunca.

“O alferes é pra carregar o mastro, receber as ofertas.” (Q20 - entrevista em out.06, Guia de Folia nascido em 1928)

“O alferes é o comandante que manda até no Guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro”. (Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936, Guia de diversas Folias)

É o Alferes que faz o *Cruzeiro* e *Venda*. A *Venda* é o movimento de saudação que se faz com a bandeira, em forma de cruz (*cruzeiro*) e aceno, com volteios criativos. Chamam de “condão” o pau da bandeira. O responsável pelas performances, pelos momentos e lugares, e para levar a bandeira e o *retrato* é o Alferes.

4.2.4 - Estrutura das festas dos santos e relatos de imperadores

Além do Alferes, outros personagens de qualquer Festa de Santo estruturada no Giro de Folia são responsáveis pelo êxito e eficácia da Festa. A estrutura das Festas de Santo é a mesma, em diversos pontos da ampla região do Noroeste de Minas e Goiás. Esta semelhança é reconhecida pelas famílias estudadas, nesta descrição da entrega da Folia ao imperador:

“A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a Folia chega. A Folia chega, canta o Reis na *lapinha* e aí tem que fazer o *cantorio*, porque levanta o mastro fazendo o *cantorio*. Aí vai jantar. Depois da janta reza na *lapinha*, aí vem a entrega da Folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.”

Em suma, uma estrutura da entrega da Folia, que é a culminância da Festa, representa a celebração do Santo no *arremate*, o dia do encerramento e da festa do Império (imperador e a família). Tem a seguinte sequência:

- 1 Folia chega do Giro
- 2 Canta os Reis na *lapinha* do Imperador
- 3 Levanta o mastro às seis horas, fazendo *cantorio* (reza cantada) específico
- 4 Intervalo para jantar em casa
- 5 À noite: tem a reza cantada (*cantorio*) na *lapinha*, e entrega da Folia (entrega da Bandeira)
- 6 Danças: baile (forró) e danças (Lundu, Curraleira ... e cantos de terreiro) - “é *brincar: aí a noite é de festa*”.
- 7 Na manhã seguinte: derrubada do Mastro (olha para que lado parou a Bandeira que é o rumo da Folia no próximo ano)

A Festa dos Três Reis / Festa dos Santos Reis / Festa dos Reis - é a mais tradicional entre os moradores do Assentamento e na região. Ocorre desde os últimos dias de dezembro, com a saída dos Foliões para o Giro da Folia e termina dia 6 de janeiro, na entrega da Bandeira e de Folia ao Imperador, o dia do *arremate*, quando acontece a festa maior, com a presença de todos da

comunidade. Conforme informações dos entrevistados, a festa começa um mês antes, pelo imperador, fazendo coleta nas fazendas, para fazer a festa: ovos, galinhas, café, carne, farinha, queijo, porco. Ganha (oferta ou “esmola”) ou tem que comprar. Para o imperador, a Festa tem dois momentos com alimentos e festejos: na saída da Folia e, uma semana depois, ou 15 dias, a chegada, dia 6 de janeiro para o “arremate” ou encerramento.

Os cantos, rezas, danças e brincadeiras são levados no Giro da Folia. Os Foliões percorrem caminhos pela comunidade, sem nunca cruzar um caminho já percorrido, sempre indo por um lado e voltando pelo outro, como fizeram os Três Reis magos para visitar o Menino Jesus que nasceu. No percurso, desenhado para cada Giro de Folia, param nos pousos (previamente marcados), convidam as pessoas para a grande festa do imperador, recebem donativos para a festa, levam alegria, músicas no espírito religioso, danças e toques de músicas profanas. É um acontecimento esperado, estruturado, com rezas e, sobretudo, cantórios (também reza, mas cantada) tradicionais, do conhecimento das famílias da região.

Pouso de Folia das festas de santos são as casas ou fazendas onde os Foliões param para pousar, passar a noite, comer, rezar, sair no dia seguinte depois do almoço. Na organização do Giro da Folia, já se combina os pousos com os moradores ou fazendeiros que querem, ou aceitam dar o pouso. Em geral e o ideal é quando o “interesse nasce dos donos da casa.”

Na **Festa e Folia de São João** algumas especificidades vão fazer diferença e marcar uma festa da outra. Não só as comidas são características e tradicionais nesta festa de meio do ano, mas também muitas rezas e ladainha (em São João do Cajueiro), danças e brincadeiras. Há, por exemplo, palavreados próprios na ação de soltar fogueira.

Os principais personagens de Festas de Santos e Giros de Folia são descritas com frases selecionadas em Questionários de Identidade da aplicação, pela FUNATURA, do método *INRC* do IPHAN.

Noiteiro - em folias de São João e do Divino → “(...) o *noiteiro* é aquele que dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.”

Imperador → “o imperador é responsável pelo último dia da festa (...)”; “A principal função é fazer a festa do arremate. Ele trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá” (no arremate, ou seja, o último dia da Festa).

Imperador da Folia de Reis

(1) “cansa, é festa de muito labor. Porque a festa de Reis é festa do dia que começa a Folia até o dia que arremata. Uns faz umas coisa, outros faz outras e é festa direto. A Folia sai girando e a gente [imperador e família] fica cuidando cá pra esperar a chegada dela.”

(2) “O pessoal geralmente é imperador por **promessa**, eu não, foi por boa vontade, porque eu **achava a festa bonita**. Aí eu comecei um ano pra experimentar, pra ver se dava certo, aí **achei bom** e as coisas pra mim foi fácil, botei pra quebrar na festa. Mas tinha a reza, eu rezava, a reza era no último dia.”

Imperador da Folia de Nossa Senhora da Aparecida - no seu relato o que foi imperador explica que quem organiza e prepara a festa é o imperador. O

depoente mora no Assentamento. Fez promessa para se recuperar de um acidente de carro, para poder ter saúde para trabalhar e criar os filhos. Cumpriu a promessa com rezas, festa e folia em 2005. Queria continuar sempre, todo ano, por gosto da mulher, pelo prazer de ter a ajuda da comunidade, amigas e vizinhas. É uma despesa pesada, muitos gastos, que, segundo o informante, vale a pena e se tivesse mais dinheiro, gastaria mais e sempre.

Como já foi comentado no item anterior, o promesseiro se oferece para ser o imperador. É o que “vai rezar” naquele ano, é o que cria as condições para que ocorra a *reza* para o Santo. O imperador tem que contar com a ajuda dos outros, com recursos para fazer uma **festa boa**, o que garante a participação da comunidade, para ser eficaz. A Festa é organizada pelo imperador, mas é um evento coletivo e comunitário, desde o início, desde a decisão ou definição do festeiro.

4.2.5 - Giro de Folia e Foliões

O imperador escolhe o seu Guia da Folia, que escolhe o **Contra-guia** e reúne os *companheiros*, os foliões, que devem ser, idealmente, 12 (mas pode ser 10, 8, sempre em número par). O **Capitão da Folia** é o **Guia do Imperador** (é o escolhido por ele, o imperador, ou sua família).

Enfim, a Folia contratada será a responsável pelo *cumprimento do voto*. Os foliões formam um grupo, uma unidade com sentido e significado para a sociedade. Estão unidos pela integração de princípios, no tempo, no fazer, no cantar, no espaço, nos objetivos. A Folia não é a Festa, mas uma unidade que se impõe como o eixo orientador dos rituais e relações que fazem o acontecimento da Festa, do início (decisão e identificação do imperador), seguindo da preparação e organização, a Saída da Folia, o Giro, os Pousos e a Chegada, para o *arremate*, ou encerramento solene seguido de festejos (brincadeiras, danças de terreiro, baile ou forró).

O Guia é um o Folião e com os demais formam um grupo (unidade) de conhecedores e praticantes daquele evento, há centenas de anos. Na verdade, desde tempos imemoriais. O saber do Guia é especializado, é quase *mágico* (pelas origens secretas dos ensinamentos, os dizeres e estruturas das *tabelas* ou seja, dos dizeres das rezas, com linguagens sofisticadas e antigas, sacralizadas e cantadas). Um bom Guia, de renome, é um privilegiado por nascimento, distinguido pela vontade divina, diferente dos demais homens da sociedade.

A Folia CELEBRA a festa. Os Foliões são os *celebrantes* da Festa, os *pagadores da promessa* ou os rezadores, perfazendo um grupo, ou uma entidade única. Eles garantem a realização do ritual, porque têm o conhecimento, o dom, o saber cantar e agir e estão com o Guia que sabe comandar, guiar uma Folia. Cada folião tem sua função e responsabilidade, como músico ou cantador e dançador. Têm que saber, precisam se integrar, como *companheiros*.

Cumprir promessa exige sacrifícios do imperador, do Guia e dos foliões para satisfação da comunidade das pessoas e dos santos. É coletivo, grupo. O Sucesso não depende do indivíduo ou de uma família do festeiro. É comunitária, diferente de um casamento, de uma festa de aniversário, de uma comemoração política, que é coletiva mas é particular.

“Porque a festa de Reis **quem cumpre a promessa é os folião**, por que os folião é quem sacrificissa no mundo, é moiando, é enfrentando o rio cheio. Lá tinha muito rio, muita água, Tinha vez que entrava num córrego, tinha todo mundo que desariá, pra caçá uma pinguela pra passar a cela. Lá é assim.” (*Questionário de identificação - Celebrações/Q20*, entrevista em out.06, depoente é Folião, nascido em 1928)

“Lá do Divino, nós fazia lá no município de Arinos. Só servia eu, lá em Arinos tem tanto folião, mas só eu porque compreendo a divindade. Tem uns que compreende a de Reis, mas a do Divino não compreende. É eu e Jeromim, lá do Buritis.” (*Questionário de Identificação - Celebrações Q20* - ago.06, depoente nascido em 1936, é Guia de renome)

[Foliões representam] “como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu Cristo, que os Três Reis andou. Mas os Três Reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os Três Reis fez pra visitar Jesus. (...) Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os Três Reis foi visitar. E aí, daí pra cá, foi que começou as Festas de Reis. Não tem ouro, incenso e mirra, mas **tem viola, pandeiro e caixa e é isso que os folião leva**. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadera ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarvorado.” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente de 1936, há mais de 40 anos é Guia de diversas Falias)

“(...) O folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. (...) com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a Folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu no Oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis.” (*Questionário de identificação - Celebrações - Q20*, entrevista em out.06, depoente é Folião, nascido em out.1928)

É um discurso recorrente o de advertir de que — para fazer parte de um Giro de Folia, ser um folião — primeiro não pode ser quem gosta de beber cachaça, porque “a folia de Reis é de muito respeito”. Tem que ter responsabilidade e ter alguns dons, tais como saber tocar e dançar. Tem que ter musicalidade na alma.

“Sempre é doze folião. Se sair mais do que isso é vagabundagem. Porque ali pra brincá, na hora que um cansa tem que ter os outros pra ajudar.” (*Quest. de Inventário - Formas de Expressão Q40*, out.2004, Folião nascido em 1961)

“Tem que saber tocar a curraleira, saber tocar viola. Porque uns faz uma coisa outros faz outra.” (*Questionário de identificação - Celebrações - Q20*, entrevista em out.06, depoente é Guia e Folião, nascido em out.1928)

“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. (...). Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar”. (...) “Eu giro como guia pelos poderes de Deus primeiramente, a Mãe Santíssima, Jesus Cristo e os Três Reis do Oriente, o Divino Espírito Santo e qualquer santo que tiver folia. É comigo mesmo, eu nasci pra isso.” (*Questionário de Identificação - Celebrações* - Q20 - entrevista em ago.06, depoente de 1936)

...ainda sobre os Foliões e Guias de Folia

Além do poder de Deus, da Mãe Santíssima, de Jesus, dos Três Reis do Oriente, do Divino Espírito Santo e de todos os santos que têm Festa e Folia, o folião, para ser Guia, precisa ter conhecimentos e formação que são de domínio de poucos, raros, de um grupo de iniciados que guardam o “segredo”, conseguido com meios nada claros, misteriosos, meio *mágicos*. Detém o vocabulário e a língua dos Santos, incompreensíveis e inacessíveis para leigos, mas aceitas pelo que representam e significam para os Santos e para o ritual (Festa). É o encantamento, a magia das palavras e do ato de dizê-las cantando. As rezas em latim são orgulhos de quem sabe, um valor de respeito, reconhecimento do poder de comunicação do orador com os santos, as divindades. É linguagem “estranha”, difícil de aprender e compreender, própria de rezas dos antigos sacerdotes, “desde tempos imemoriais”.

A transmissão do saber do ser Guia é restrita, por linha de parentesco, ou que tenha afinidade. O Guia é pessoa distinta, por ser excepcional, reconhecido como tal pela sociedade e na região. Outra fonte de aprendizagem é por meio de especialistas mestres. A comunicação destes mestres, de saber e de experiências também renomados, é feita para neófitos iniciados, que já tem o dom divino “nasceu pra isso”, e a capacidade de aprender, um dom da natureza humana. Ambos os dons são pré-determinação (por Deus e pela sociedade) para ser Folião e Guia de Falias. É um *celebrante* nato, como nas diferentes instituições religiosas, que tem os celebrantes que se formaram porque têm a *vocação*, e se formam pelo estudo do *sagrado* para se tornarem “pastores”, “padres”, guias, enfim.

Assim conta um Guia de Folia, do Assentamento São Francisco, morador de Formoso, sobre seu percurso na sociedade para se formar e se tornar um Folião de prestígio, pelo seu poder de saber:

“Peguei pelo Livro do Oriente. Os mestres pegou, e aí passou pra mim. O que eu sei, as *tabelas* [orações, movimentos rituais] que eu sei, vêm do Livro do Oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre Folia de Reis, a não ser o Livro do Oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse Livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo. Lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

“(…) Foi mais ou menos em 1950 por diante já começava a cantar assim pra ajudar os Guias, e depois eu fui decorando, decorando, e hoje eu sou mestre de qualquer um fí de Deus daqui da região.”

“Eu não faço nada a não ser por força da obra divina, pela obra da natureza. Porque eu nasci no mato, embaixo de um pé de jatobá carreira. O dom meu, foi Deus quem me deu. Só mesmo assim o ofício de Nossa Senhora, Virgem Imaculada Conceição, eu aprendi no livro, sabe. A ladainha de Nossa Senhora eu aprendi no livro, os Reis, tudo pelo livro, da santa escritura. Eu não canto nada fora da escritura. É por isso que o povo gosta. E os outros cantam inventado, e aí não vale, né?”

(...)“O guia puxa a viola e a divindade, e o contra-guia responde mais os outros [foliões].” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente de 1936)

“Guia é pra cantar na frente dos outros. Porque o guia é quem sabe e os outros vão respondendo, o que ele fala. O que ele fala os outros vão respondendo também.” (*Q20*, entrevista em out.06, depoente é Guia e Folião, nascido em out.1928)

O Guia é um Folião. Mas tem a responsabilidade de formar o grupo de Folia, escolher, organizar, arrumar um Alferes que saiba carregar a bandeira, “levar o condãozinho” e fazer as performances do ritual - *cruzeiro e venda*, por exemplo. O Alferes tem que ter responsabilidade e experiência, não pode, portanto, ser muito jovem. Mas no Giro da Folia de Santa Luzia, o alferes era um jovem de 19 anos, mas filho do Guia, irmão do imperador. Estava aprendendo a função.

Os guias fazem a intermediação, entre o Homem/sociedade e a entidade sagrada/mundo das divindades — pela representação de ambos — em cerimônias ritualizadas que eles sabem conduzir e executar. Os Contra-guias ajudam o guia a organizar a Folia e canta com ele, repetindo os versos em tom diferente. Um guia de uma Folia pode atuar como contra-guia em outra Folia. Um Folião, na função de Guia, sabe todos os rituais, as rezas, os cantorios e tem habilidade para “jogar versos” (ou versos *tirados*) e cantar as orações do ritual da promessa ou dos pedidos e agradecimentos do imperador / dono do pouso / noiteiro.

Os principais elementos rituais dos foliões são os Instrumentos musicais (caixa, viola e pandeiro) e as *divisas* (toalhas brancas que colocam ao redor do pescoço, caídas na frente). Além disto, têm que ter o dom para atuar: ter voz para cantar, pernas para dançar, mãos e ouvidos bons para tocar, pelo menos um dos instrumentos.

O folião **nasce** com vocação, **aprende** e **faz** bem: “Se ocê tem invocação com uma coisa ocê aprende fácil. Agora, se ocê não tiver invocação, ocê quebra a cabeça. Pode prestar atenção nisso: cada um nasce com uma invocação, um por umas coisas, outros por outras. Vê os outros fazendo e pela invocação sua, ocê vai aprendendo, aos poucos.” (*Q20* - entrevista em out.06, depoente nascido em 1928). (realces meus)

A Divisa é uma espécie de toalha ou estola de pano branco que os foliões usam em torno do pescoço, sinalizando que estão em Folia e em Giro, que estão atuando. *Divide* (distingue) o folião de outros participantes quaisquer. Cada folião pode ter a sua *divisa*, mas é entregue (pelo imperador ou suas esposa) no dia da Saída da Folia. A *divisa* do Guia é sempre mais trabalhada, bordada, enfeitada. O mais experiente Guia, o mais citado nas entrevistas, fala sobre este elemento ritual:

“Na divisa do guia tem uma cruz e o alferes usa um top na toalha, que é uma fita, faz um lacinho bonito assim de uma fita da cor do céu, pode ser da cor do *retrato*, mas se não tiver pode ser de qualquer cor. Se for do divino é vermelha, se for dos Três Rei é cor do céu. A divisa do folião pode ter o nome dele bordado, se quiser.” (*Questionário de Identificação - Celebrações - Q20* - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Na entrega a bandeira “aí sai a imperadeira, sai de folião em folião, correndo o giro, tira a atalha de um, bota no braço, até que toma tudo. Aí tomou, coloca lá no altar. Aí agora o **voto tá cumprido**” (Q20 - entrevista em out.06, depoente nascido em 1928). (destaques meus)

4.3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DAS CELEBRAÇÕES

As celebrações de Festas de Santos com Giro de Folia acontecem em espaços bem específicos, tradicionais, previsíveis, portanto. Nesta região do Assentamento, sem muitas variações, os rituais das festas acontecem, entre o largo da fachada da casa, para as evoluções à cavalo e os primeiros *cruzeiro* e *venda* da Bandeira. É quando se realiza, nesta parte pública, a Saída e Chegada da Folia. Na sala/salão da casa, é onde se arrumada a *Lapinha* (altar), na frente da qual se faz o *cantorio* e depois as *brincadeiras*. No terreiro, fica para os cantos de danças específicas, onde as mulheres são maioria. Na rua, na porta da casa, fica o rancho (nem todas as festas têm), construído na ocasião para abrigar os dançadores de forró.

4.3.1 - A sala da casa

Na **casa** tem a Lapinha. É um altar de família, montado com a imagem do santo da folia e outros santos. É decorado com flores de papel crepom para a festa ou é permanente na casa. Fica na parte mais nobre da casa, na sala. Tradicionalmente, o Imperador e toda família que “dá pouso” para Giro da Folia, ou que recebe a Folia em casa, de passagem, tem pronta sua Lapinha, para os cantorios, para acomodar a bandeira com o *retrato* do Santo. Fica assim, até a saída dos Foliões, com outras cantorias “de despedida e de agradecimento”.

“Toda imagem que você tiver dentro da casa assim pode colocar junto lá. Mas normalmente mesmo a imagem certa é a que tá no retrato da bandeira.”

“Aí vem as vizinhas, prepara a casa e ajuda a limpar. Enfeita, faz a *lapinha* e coloca as imagens que tem ali, as imagens de Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida tá lá. Nós fizemos a *lapinha*, eu fiz bem feitinha com quadrozinho, enfeitemos com aqueles arcos lá da vereda. Uma coisa mais linda do mundo.” (Alberto, 34)

O Cantorio é uma oração cantada, de foliões, pagando promessa (de encomenda), referindo-se a um voto, devoção. É canto para saudar, pedir e agradecer. Pede a Deus que abençoe e aumente a criação e a fazenda, por exemplo, do morador que deu pouso, para o imperador. Pede saúde, fala e cita nome de cada filho do dono da casa, agradece. O Folião “joga versos” citando os nomes dos familiares, os feitos e traços da

personalidade do imperador ou dono do pouso e depois vêm as rezas que são da tradição, conhecidos, e que não são inventados na hora. Primeiro apresenta o promesseiro e depois fala da promessa, agradecimentos e pedidos de bênçãos.

No cantório aberto, de improviso, o Guia vai “tirando versos” (inventando, criando) para descrever o cumprimento da promessa do imperador, as cenas que percebe, o ambiente, as relações de importância para a família. É como se falasse com o Santo. Descreve para o Santo o contexto, a história, os merecimentos, os desejos e pedidos, os agradecimentos de graças e pede bênçãos. É o momento solene e final da relação com o sagrado. Sela o cumprimento com as falas cantadas da oração. No cantório, o grupo de foliões toca e canta, a postura é de seriedade e não há movimentos de corpo. Ficam parados.

Tem cantório na Alvorada (saída da Folia), na chegada em um pouso, na Lapinha, na mesa, na saída do pouso, na bênção de um morador que solicita e dá uma prenda (boa) para o Santo, para a festa. Tem o cantório da Chegada, do mastro e da Entrega da Folia para o Imperador.

“Faço o cantório de qualquer tipo que a pessoa precisar. Se for pra fazer o do morador, eu faço o do morador. Se chegar um viajante e pedir: ‘Eu quero um cantório de Reis!’, eu faço. Quer dizer, fiz a do dono da casa e já faço a do viajante, pede eu pra fazer que às vezes ele não tá na casa. Se um fazer uma promessa pros Três Reis e mandar fazer um cantório, ele de joelhos, isso aí já é um cantório diferente, eu faço também. E aí quando passar isso daí, aí nós vai fazer os lundu, as curraleira e as catira se precisar.” (Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Nas brincadeiras toca-se e dança-se a Curraleira e o Lundu (tem sapateado). São próprias de festas de foliões. São cantigas em movimento. Diferente do Cantório, estas cantigas são dançadas, acompanhadas com os mesmos instrumentos musicais dos Cantórios dos Foliões, do Giro de Folia: o pandeiro, a viola e a caixa.

São muitos os cantos, antigos e novos. O movimento é grande, ritmado e *trançado*, entre os participantes, em fila dupla, uma em frente da outra. Nas brincadeiras se “joga versos” e os movimentos de roda, giros e caminhadas das filas, uma com a outra, é estruturado, previsível e conhecido. O sorriso nos rostos é uma marca. É pra brincadeiras. Dança de *quadra*, ou oito, doze, sempre de par. As mulheres que sabem e querem, entram e dançam a curraleira e os lundus.

“A curraleira pode abordar vários temas, santos, amor, brigas, qualquer acontecimento pode virar curraleira”

“O lundu não precisa dançar de par não, aí pode misturar. Mistura um com o outro assim e para onde der certo.” (Q20 - entrevista em ago.06, depoente nascido em 1936)

Guaiana ou catira - dança de par (pelo menos seis pares), com viola e palma, bate os pés (sapateado ritmado) e troca de lugares com os pares, são versos novos ou antigos. Quase ninguém do Assentamento sabe dançar a catira, a não ser os mais velhos. Mas na tradição das famílias, a curraleira é mais dançada e parece com a Catira, mas é mais simples. Dançadas no “salão”, dentro de casa, na sala.

“Só não pode dançar forró em festa de Reis. **A festa de Reis é uma festa de brincadeira**, que dança lundu, é guaiana, é curraleira. As dança de folião é essa, folião não pode dançar **forró não**.” (Q20 - entrevista em out.06, Guia de Folia nascido em 1928) (destaques meus).

4.3.2 - O terreiro da casa

No terreiro, acontecem as danças de Roda - “dança de terreiro”, “canto de terreiro”. No **terreiro**, as danças são orientadas por motivações diversas, com nomes que sugerem a natureza: Cana Verde, Tamanduá, Carneiro, Marujo, Mergulhão, Ariri, Mulatão, Peru e Flor da ingazeira. As mudanças de passos, ritmos e estrutura, com homens e mulheres, com letras que inspiram os movimentos e danças, cujos passos e movimentos são conhecidos de todos, ou inventadas na hora e ensinadas. São danças coletivas. Podem variar de nome e de letra, pois as pessoas podem “tirar” (inventar) e ensinar para outras, e dançar. As mulheres mais velhas “tiravam” mais.

4.3.3 - O fora de casa

Na **rua**, em frente à casa do festeiro ou do Imperador, **fora**, armam o **baile** com Forró, com tocador de sanfona, música de “som”.

“Forró, não! Não é de Deus! Forró não é respeitado. Só tem escândalo... é o maior caminho da perdição”. Outro: “Forró é só confusão, briga. Não tem futuro.” Outro retruca, apreciador de forró: “no forró, diz alguma coisa... quem sabe agiliza um namoro!” (dez.06)

Festa que é religiosa, no caso de Santo Reis ou outro santo, aí não tinha forró. O pessoal usava forró só em festa de casamento e de aniversário, aí já não dançava curraleira, essas coisas.” “Casamento é forró, na base da sanfona.” (dez.06)

Forró não é novidade, mas não é da tradição desta parte do sertão, em Minas Gerais. São tocados com sanfona ou por meio de gravações em equipamentos eletrônicos. Onde não existe a eletricidade e a festa está com as *brincadeiras*, se alguém chega com o carro, abre a porta e põe a música de forró para tocar, acaba com as curraleiras e lundus. Não é dança de dentro de casa, mas *de fora*, da porta para fora. Quando o forró está programado em uma festa, o dono da casa costuma construir um rancho na frente da casa para acontecer o forró.

4.3.4 - Celebrações do privado e do comunitário

Depoentes fazem entender que existem dois momentos culturais de celebração bem distintos na vida da comunidade: um pode ser identificado como *privado*, uma comemoração de um evento ou data de uma família, que marca uma passagem no tempo ou no status da vida social. São, por exemplo, um casamento, aniversário, bodas, batizado, etc. Neste caso, as despesas são inteiramente por conta do anfitrião que faz os convites. A comemoração é coletiva, mas não é comunitária. A festa é privada. É bem aceita a música de forró nestes eventos. O indivíduo é o homenageado.

Ele está na sociedade, A *festa boa* tem homens e mulheres, grupos de jovens, músicas modernas, som elétrico ou músicas que se ouve em rádio, popular. É costume acontece estas festas privadas em tendas, em clube, em pátios, *longe de casa* . No caso do Assentamento isto não acontece, pois é zona rural e não há salões, galpões ou clubes. Mas, nas Festas de Santos, as danças *modernas* estão fora de casa, na *rua* ,⁴ em espaço improvisado, um rancho em frete da casa, construído para isso.

Um outro tipo de celebração, coletivo e comunitário, são as festas de caráter religioso, de tradição centenária, que tem seus momentos profanos e os “dos santos, de Deus”. A célula é a família. O encanto e o *indizível* destas Festas ficam por conta do caráter de unidade estabelecida pela tensão entre os contrários: o céu e a terra; a reza e as brincadeiras; alma e o corpo; o Giro das Folias e as danças de dentro de casa; os cantorios rigidamente repetidos, contidos (corpo) e sérios, versus as músicas *tiradas* quase de improviso, lúdicas e sensuais, dançadas, com sorrisos de prazer. Misturam-se velhos, jovens, homens, mulheres e crianças. O ambiente é a casa, a sala e o terreiro. Tem identidade de família. O homenageado é o Santo, que está acima do homem/sociedade, no céu, no universo do sagrado. O homem apenas executa.

Nas festas comunitárias, nas Festas de Santos, as regras, as músicas, os ritmos e danças, a ocupação de espaços, a forma de participação e de procedimentos são conhecimentos de domínio público. São ditados e celebrados em cada ritual (festa, Giro de Folia, Pouso de Folia, Império) pela tradição e não estão sujeitos a modificações estruturais pela ação do indivíduo ou de um grupo qualquer. A Festa “é boa” se segue os passos esperados, com participação da comunidade, com fartura e simpatia do império. Tem que ser bonita, para ser boa. Os critérios de beleza e de perfeição ficam por conta de julgamentos de patrimônios imateriais, de valor cultural e de relações tradicionais.

A música tocada, os movimentos das danças, a imaginação que inventa palavras e versos, quase que brotam nas cordas da viola, couro da caixa e no tilintar do pandeiro, são celebrações de encontros dos santos, da natureza e dos homens. Não dá para falar de musicalidade destas comunidades do Noroeste de Minas Gerais sem pensar em festas, nas rodas das *usinas* de farinha, nos rodopios das brincadeiras dos terreiros, animados de sorrisos. Não tem nome. O que tem na musicalidade é lembrança e é gente existindo, movimentando a natureza e as divindades.

Só quem pode dizer mesmo sobre a musicalidade e celebrações destas gentes é João Guimarães Rosas, que tanto soube lê-los pela alma. Dizia o escritor, em uma entrevista a Günter Lorenz, “ *Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras* ”. (Rosa, 1994, p. 32) (in Santiago Sobrinho, 2003; p.79)⁵

⁴ No Sertão de Minas e no Nordeste do Brasil, é costume usar o termo *rua* para se referir à cidade, a um povoado que tem arruamento. “Vou pra rua” significa que a pessoa está indo para a cidade, para o “centro da cidade” se já mora em uma zona urbana, mas na periferia.

⁵ João Batista Santiago Sobrinho. **Imagens da Água no Romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa**. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2003.

Documentação Sonora da Musicalidade do Assentamento São Francisco e Arredores

*Por Roberto Corrêa,
Músico e pesquisador*

Documentação Sonora da Musicalidade do Assentamento São Francisco e Arredores

*Por Roberto Corrêa**

Para a documentação sonora das manifestações musicais do Assentamento São Francisco (que abrange as fazendas São Francisco e Gentio) e Arredores, realizamos duas viagens de gravação em campo. Adotamos a casa de Dona Nica, perto da sede do Assentamento São Francisco, como nosso ponto centralizador. Nos dias 01 e 02 de Setembro de 2006, as gravações foram feitas na casa de farinha de Seu Aneandro e na sede do Assentamento São Francisco. Nos dias 12 e 13 de outubro de 2006, na sede do Gentio, na casa de Dona Rosário no Grotão, e na casa de Dona Arcanja no Carinhonha, localidades situadas nos arredores do Assentamento.

Foi realizada uma prévia identificação de membros da comunidade que atuaram ou que ainda atuam na prática musical das celebrações e de pessoas que preservam na memória músicas e práticas musicais de tempos passados. Essas pessoas foram convidadas a participar do levantamento e gravação das músicas e compareceram nas datas e locais definidos ou nos receberam em suas casas.

Gravamos grande diversidade de expressões musicais, tanto devocionais como lúdicas. Algumas ainda fazendo parte do cotidiano da comunidade, outras, presentes apenas na memória de alguns membros da comunidade.

A Musicalidade do Assentamento São Francisco está identificada com os fazeres musicais comuns à região do Brasil Central, como Folias, Catiras, Lundus e Rezas. No entanto, talvez pela localização geográfica do Parque Grande Sertão Veredas – na trijunção entre Minas gerais, Goiás e Bahia – encontramos fragmentos musicais de manifestações típicas da região Nordeste brasileira como o Coco e a Embolada. Algumas manifestações como as Folias, as Rezas e brincadeiras como o Lundu e a Curraleira estão ainda no cotidiano das pessoas. Outras expressões como as Danças de Roda, a Guaiana, os Cocos e as Inselenças já estão praticamente em desuso.

A instrumentação utilizada é a característica da região central brasileira: viola, violão, caixa e pandeiro. A sanfona apareceu, quando da nossa visita, em um baile na sede do Assentamento, todavia não foi utilizada nas manifestações que registramos, pois espontaneamente os membros da comunidade não a incluíram na execução para a documentação de suas práticas musicais ancestrais. O texto cantado esteve presente em todos os registros sonoros e eram quase sempre entoados em duetos, em intervalos de terças. Este intervalo marca a música cantada popular e tradicional do Brasil Central, sua noção é intuitiva, parecendo estar arraigada na alma de seu povo. A sensação do intervalo é mantida mesmo quando as vozes estão em oitavas diferentes, como é o caso do dueto entre a voz masculina e a voz feminina. Neste caso, os duetos, na verdade, resultam em intervalos de sextas ou décimas, mas preservam a sensação dos intervalos de terça.

Classificamos o conteúdo musical documentado da seguinte forma:

Cantórios de Devoção – Cantório de Folia de Reis, Cantório da Folia do Divino, Agradecimento de Mesa, Cântico de Louvor, Inselenças, Cântico da Paixão e Rezas.

Brincadeiras de Folia – Curraleiras, Guaiana e Lundus.

Canto de Trabalho – Canto de “Roda de Farinha”

Danças de Roda

Outros Cantos – Romance, Coco Travado, Desafio de Embolador e Enumeração.

Alguns membros do Assentamento foram fundamentais para nossa documentação sonora pelo fato de estarem atuantes dentro da comunidade e também por guardarem na memória a música que ouviam quando crianças nas celebrações e contextos sociais que já não mais existem. Os cantadores ou músicos que se apresentaram com destaque, e que identificamos como fundamentais para a prática, repasse e continuidade da Musicalidade do Assentamento são: Otaciano Francisco das Neves (Seu Tasso); Antônio Lopes Batista (Ferro Velho); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (Idelino); Glinercino Pereira Saraiva (Gugu); Minervina Francisca das Neves (Dona Nica); José Pereira da Silva (Pela Porco) e Tercílio Costa Barbosa. Também participaram das gravações: Joaquim Barbosa das Neves (Quinquinha), Odilon Pereira Goes e Arcanja Barbosa dos Santos.

O registro sonoro é apresentado em dois CDs e constitui parte fundamental da documentação da Musicalidade do Assentamento. Além da melodia e do ritmo, a documentação em áudio abrange os sotaques, as formas de se entoarem as vozes, a sonoridade dos instrumentos, os timbres, a liberdade dos tempos, e outros elementos musicais que não são possíveis de serem transcritos para a pauta musical, mas que, no seu conjunto, definem a sonoridade típica das manifestações. Todos estes elementos são constituintes da Musicalidade, do fazer musical da comunidade. Partindo deste princípio, fundamentamos nosso trabalho na qualidade máxima de captação das músicas, respeitando a espontaneidade dos tocadores (interpretação) e a hierarquia musical de cada música (diferenciando os planos musicais de acordo com sua importância na expressão musical).

O material selecionado para os dois CDs identifica a riqueza e a diversidade musical do Assentamento São Francisco e Arredores. Os CDs apresentados não compõem a totalidade dos registros executados, mas sim uma seleção representativa da Musicalidade do Assentamento. As músicas e cantos gravados estão apresentados nos CDs na íntegra, não houve cortes em uma mesma execução.

Segue abaixo a relação das músicas apresentadas em cada um dos CDs. Relacionamos os membros da comunidade que participaram de cada música com sua voz e/ou instrumento (indicado).

CD I

1 – Canto de “Roda de Farinha” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves; Antonio Lopes Batista; Joaquim Barbosa das Neves e Ivalino Paulo Ferreira da Silva

2 – Cantório da Folia do Divino (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

3 – Curraleira “Folia do Divino” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

4 – Danças de Roda (tradicional)

Tercílio Costa Barbosa (caixa); Otaciano Francisco das Neves (viola); Dona Nica e Glinercino Pereira Saraiva

5 – Curraleira “Grande Sertão Veredas” (Gugu e Idelino)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

6 – Coco Travado “Ô mais é mesmo” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

7 – O ovo da galinha (Gugu)

Glinercino Pereira Saraiva.

8 – Curraleira “Boiadeiro” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

9 – Lundu “Não posso te levar” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Goes (pandeiro)

10 – Curraleira “Pescaria” (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

11 – Jogo do bicho (anônimo)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

12 – Lundu “O pé da rédea quebrou” (tradicional)

Tercílio Costa Barbosa (caixa); Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva

13 – Inselença “Senhor da boa hora” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

14 – Cântico da Paixão “Lá no céu tem uma rosa” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos; Glinercino Pereira Saraiva e Otaciano Francisco das Neves

15 – Reza “Bendita de Deus” (tradicional)

Comunidade do Grotão

16 – Reza “Adeus minha lapinha” (tradicional)

Comunidade do Grotão

CD II

1- Canto de “Roda de Farinha” (tradicional)

Minervina Francisca das Neves e Aneandro Pereira dos Santos

2 – Cantorio da Folia de Reis (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Lopes Batista (viola); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (violão); Glinercino Pereira Saraiva; Joaquim Barbosa das Neves (caixa) e Odilon Pereira Góes (pandeiro)

3 – Curraleira “Folia de Reis” (tradicional)

Minervina Francisca das Neves e Otaciano Francisco das Neves

4 – Danças de Roda (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

5 – Curraleira “Mulher ciumenta” (Pela Porco)

José Pereira da Silva (violão) e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (caixa)

6 – Coco Travado “Agora que eu vou dizer” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola)

7 – Romance da onça (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

8 – Curraleira “Festa em janeiro” (anônimo)

José Pereira da Silva (violão); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola); Odilon Pereira Goes (pandeiro); Otaciano Francisco das Neves (caixa) e Glinercino Pereira Saraiva

9 – Lundu “Lagartixa” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva; José Pereira da Silva (violão); José Pereira dos Santos (pandeiro) e Tercílio Costa Barbosa (caixa)

10 – Curraleira “N. Sra Aparecida” (anônimo)

José Pereira da Silva (violão); Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola); Odilon Pereira Goes (pandeiro); Otaciano Francisco das Neves (caixa) e Glinercino Pereira Saraiva.

11 – Desafio de Embolador (tradicional)

José Pereira da Silva (caixa); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola)

12 – Lundu “Não chora não Maria” (tradicional)

Otaciano Francisco das Neves (viola); Glinercino Pereira Saraiva; José Pereira da Silva (violão); Odilon Pereira Goes (pandeiro) e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (caixa)

13 – Guaiana “Moda e Recortado” (tradicional)

José Pereira da Silva e Glinercino Pereira Saraiva.

14 – Agradecimento de Mesa (tradicional)

José Pereira da Silva; Glinercino Pereira Saraiva; Ivalino Paulo Ferreira da Silva; Odilon Pereira Goes; Otaciano Francisco das Neves (viola); Antonio Geraldo Barbosa; Galdino dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

15 – Inselença “São Gregório” (tradicional)

Arcanja Barbosa dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

16 – Derrama meu Senhor (D. R.)

José Pereira da Silva; Glinercino Pereira Saraiva; Ivalino Paulo Ferreira da Silva; Odilon Pereira Goes; Otaciano Francisco das Neves; Antonio Geraldo Barbosa; Galdino dos Santos e Glinercino Pereira Saraiva

AS EXPRESSÕES MUSICAIS

Apresentamos abaixo as expressões musicais registradas. Transcrevemos as letras das músicas, a partir de nosso entendimento, e do

que foi possível verificar junto aos cantadores (que por vezes, mesmo ouvindo o registro, não conseguiram nos transmitir o conteúdo de texto do canto). Algumas letras foram omitidas pela dificuldade de sua transcrição, agravada pelo fato de, em alguns casos, o ajudante entoar a segunda voz sem conhecer direito o texto cantado pelo *puxador*.

CANTORIOS DE DEVOÇÃO

Cantorio de Folia de Reis: O Cantorio da Divindade dos Três Reis Magos segue o modo mais usual de se cantar Folias no noroeste de Minas Gerais e no estado de Goiás. O guia *puxa* o cantorio, acompanhado de seu ajudante, em dueto. Eles cantam os dois primeiros versos de uma quadra de sete sílabas e, em seguida, o contraguia e seu ajudante, também em dueto, *respondem*, cantando os mesmos versos. No Brasil Central, tradicionalmente, as Folias de Reis giram à noite. No entendimento dos foliões a estrela-guia aparecia ao escurecer, conduzindo os Magos, durante as noites, ao encontro do Menino-Deus. Na gravação o grupo cantou o Nascimento. A instrumentação utilizada foi viola, violão, caixa e pandeiro.

Faixa 2 do CD II

Seja o Pai e seja o Filho / Seja o Espírito Santo / Seja os Três Reis do Oriente /
Deus criou pra o nosso encanto
Boa noite já foi dada / Na lapinha de Belém / Vamos adorar o filho da Virgem /
Que Nossa Senhora tem
No vinte e cinco de dezembro / O campo abriu de flor / E as doze horas da
noite / Nasceu nosso salvador
E os passarinhos do deserto / Correram todos pra ver / A grandeza da Santa
lapinha / Onde Jesus veio nascer
Desde o dia que Jesus nasceu / O mundo deu um sinal / O menino Jesus foi
nascido / Entre noite de natal
Nós todos deseja saber / Como a Virgem deu luz / Ela teve um filho
primogênito / Pôs o nome de Jesus
Foi da parte do Oriente / Que os Três Reis foi visitar / Aguiado pela estrela /
Para vós encaminhar
Pai , o Filho e o Espírito Santo / Por aqui nós encerremos / Com o nome das
três palavras / O nosso corpo benzemos

Cantorio da Folia do Divino: Os *Ternos* giram durante o dia. No entendimento dos foliões o Divino é a luz, por isso a tradição do giro no claro do dia. O Cantorio do Divino registrado no Assentamento seguiu o mesmo padrão de vozes empregado no Cantorio de Reis e a instrumentação manteve-se a mesma.

Faixa 2 do CD I

O sinal da Santa Cruz / É princípio de oração / É o sinal que Deus deixou / Pra
fazer de nós cristão
O Pai Eterno é o primeiro / Jesus Cristo é o segundo / Espírito Santo é o
terceiro / Quem criou a luz no mundo

Quem criou a luz no mundo / Foi com o Divino Espírito Santo / Iluminou o céu e a terra / E quebrou qualquer encanto
Pai Eterno foi quem criou / Todo encanto e beleza / Criou céu e mar e terra / Por obra da natureza
O retrato do Divino / Colorido de vermelho / Onde está a Pombinha branca / Que do céu à terra veio
Pai e o Filho, Espírito Santo / Nas horas de Deus amém / Dê louvor ao Pai Eterno / Viva todos que estão presentes

Agradecimento de Mesa: Atividade que faz parte do ritual das Folias. É cantada, antes ou depois das refeições, nos pousos. Os foliões cantam parados ou girando ao redor da mesa. Alguns guias de folias usam também as denominações "Bendito de Mesa" e "Saudação de Mesa".

Faixa 14 do CD II

Pai, Filho, Espírito Santo / É o começo da doutrina / Escrita por Jesus Cristo / Que a Santa Igreja ensina
Bendito louvado seja / É o Santíssimo Sacramento / Nosso Senhor Jesus Cristo / Quem nos dá o alimento
O alimento que vós deu / Nasceu do reino da Glória / Vamos agradecer a mesa / Como agradece a esmola
Essa mesa representa / A santa Ceia de Jesus / E depois da Santa Ceia / Ele voltou pra bela cruz
Na cidade de Belém / Foi ornada a Santa Ceia / Tinha pão e tinha vinho / E era carne de ovelha
Repartiu o pão e o vinho / E os Apóstolos alimentou / E depois que alimentaram / Pra o deserto viajou
Reuniu os doze Apóstolos / Para não andar sozinho / Fez a pedra virar pão / Fez a água virar vinho
Deus lhe pague o bom almoço / Que vós deu a seus irmãos / Deve ser bem recebida / Na mesa da comunhão
Deus lhe pague o bom almoço / Que deu com muita alegria / Deve ter seu nome escrito / Dentro das Santa Profecia
Deus te paga o alimento / Que compôs a bela mesa / Quando for no outro mundo / É sua clara luz acesa
Bendito louvado seja / É um Santo consolador / Bendito louvado seja / É um Santo consolador
Consolai as nossas almas / Quando desse mundo eu for / Lá do céu desceu um anjo / Com seu livrinho na mão
Nesse livro evem contando / Viva a nossa união / Viva nossa união / Com prazer e alegria / E viva o dono da casa / Com sua nobre família / Os anjos cantam no céu / Cantam na terra também / Já rezemo e oferecemo / Jesus cristo diz amém

Cântico de Louvor: "Derrama oh Senhor" pertence ao repertório popular atual relacionado à Igreja Católica no Brasil e vem sendo incorporada em diversas celebrações tradicionais.

Faixa 16 do CD II

Dona da casa será abençoada / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu senhor / Derrama meu Senhor / Derrama sobre nós o seu amor
O alimento vai ser abençoado / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu Senhor...
Essa casa será abençoada / Porque o Senhor vai derramar o seu amor
Derrama meu Senhor...

Inselenças: Cantos para encaminhamento das almas. Este tipo de canto foi cultivado nas comunidades isoladas, onde a ausência de padres era suprida pelos rituais da religiosidade popular, por ocasião dos sepultamentos. O número de repetições (uma inselença, duas inselenças) varia de uma região para outra. Na região do Parque Grande Sertão Veredas, de acordo com Glinercino (Gugu), a Inselença se cantava oito vezes. Outras regiões brasileiras adotam a expressão "Recomenda", "Encomenda de Almas", ou ainda "Excelença" ou "Excelência", para o mesmo fim.

Faixa 13 do CD I

Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou duas mil vigia /
Senhor da boa hora
Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou três mil vigia /
Senhor da boa hora

Faixa 15 do CD II

Seis Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a alma
vai se embora
A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois
adeus seus irmão
Sete Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a
alma vai se embora
A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois
adeus seus irmão

Cântico da Paixão: De acordo com Seu Tasso, era entoado na Semana Santa por ocasião do "Beijamento" dos pés de Cristo.

Faixa 14 do CD I

Lá no céu tem uma rosa / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem duas rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu já tem três rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem quatro rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu tem cinco rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor
Lá no céu já tem seis rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem
beijar os pés do Senhor

Lá no céu tem sete rosas / Dentro dela o resplendor / É feliz e é ditoso/ Já beijaram e arrematou

Rezas: As Rezas acontecem no decorrer das funções devocionais ou mesmo isoladamente, obedecendo ao calendário de santos ou em pagamento de promessas. Em geral, nas Rezas, uma pessoa *puxa* o canto, geralmente com um ajudante, em dueto, e as demais pessoas *respondem* em várias vozes. Documentamos uma Reza na comunidade do Grotão da qual selecionamos dois momentos: “Bendita de Deus” e “Adeus minha lapinha”. Nesta ocasião foram cantados também trechos de ladainha em latim.

Faixa 16 do CD I

Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor / Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor

Até pra o ano / Se vivo nós for / Até pra o ano / Se vivo nós for

Adeus minha lapinha / Senhor São José / Adeus minha lapinha / Senhor São José

Até pra o ano / Se Deus quiser / Até pra o ano / Se Deus quiser

BRINCADEIRAS DE FOLIA

São danças que fazem parte da Divindade.

Curraleira: É uma dança típica do Brasil Central e encontrada na região do Parque Grande Sertão Veredas com muito vigor. É dançada por um número par de pessoas, geralmente oito, os tocadores inclusive. Assemelha-se à dança designada por “Quatro”. As músicas são pequenas, as letras geralmente descrevem alguma situação passada com pessoas da comunidade. O cantador auxiliado de ajudante canta, ou *tira*, sua própria curraleira ou relembra curraleiras antigas, aprendidas com seus pais e avós.

Faixa 5 do CD I

Me ajuda companheiro / Que eu também lhe ajudarei / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais

Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu despedi / Por aqui não volto mais

Esse parque do governo / Ninguém sabe o que que faz / O povo do IBAMA / Ta tentando nós demais / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu for embora / Nunca mais não volto mais / Vamos dar mais uma volta / Que a viola mandou dar / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais / Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Depois de a volta dada / Viola mandou parar

Faixa 3 do CD II

Companheiro me ajuda / Que eu também lhe ajudarei / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei

Meu Aferes da bandeira / Pega o Mastro e vai embora

Pega o Mastro e vai embora / Despede dos morador / Vamos terminar o giro / Na casa do Imperador Meu alferes da bandeira / Pega o Mastro e vai embora

Vamos dar mais uma volta / Na cravia da viola / Meu alferes da bandeira /
Derramai com nossa hora

Faixa 5 do CD II

Companheiro amigo meu / Me ajuda eu cantar / Quem tem mulher ciumenta /
O homem não pode adular
Me dói o céu da boca / E os dentinho do queixá / Quem tem mulher ciumenta /
O homem não pode adular
Rodei, rodei, rodei / Rodei, tornei rodar / Quem tem mulher ciumenta / O
homem não pode adular
Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar / Eu dei ela a minha
camisa / Ela não soube engomar
Dei ela a minha gravata / Ela não soube amarrar / Quem tem mulher ciumenta
/ O homem não pode adular
Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Quem tem mulher / O
homem não pode adular
Pra eles não dizer / Que os folião não lhe serviu / Quem tem mulher ciumenta
/ O homem não pode adular

Faixa 8 do CD II

Companheiro amigo meu, me ajuda eu cantar / Eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Me dói o céu da boca / E o dentinho do queixá / Eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Reuní meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro / Reuní meus instrumentos
/ Viola, caixa e pandeiro
Pra girar uma folia / Somos doze companheiro / E eu fui convidado / Pra uma
festa de Janeiro
Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Eu fui convidado / Pra
uma festa de Janeiro
Pra eles não dizer / Que os folião não serviu / Eu fui convidado / Pra uma festa
de Janeiro

Faixa 10 do CD II

Com licença Dona Arcanja / Essa vai no seu louvor
Brasil é terra boa / Nossa terra querida / É a nossa Padroeira / Senhora
Aparecida
A sola de seu sapato / Correu água e nasceu flor
Brasil é terra boa / É nossa terra querida / É da nossa Padroeira / Senhora
Aparecida
Ela nasceu em São Paulo / Lá no rio Paranaíba / Apareceu em São Paulo / Lá
no rio Paranaíba
Nossa padroeira / Que protege a nossa vida
Vamos dar mais uma volta / Na cravia da viola
Vamos dizer mais um verso / Que esse senhor me pediu
Meu Brasil é terra boa ...
Pra ele não dizer / Que o folião não lhe serviu

Meu Brasil é terra boa ...

Guaiana: A Guaiana ou Guaiano é similar ao Catira. É uma função formada por dois cantadores e por vários pares de dançadores que sapateiam e batem palmas. No decorrer da função acontecem dois momentos de cantoria: A Moda-de-Viola e o Recortado. A Moda-de-Viola é uma narrativa cantada. Depois de uma ou duas estrofes da Moda o violeiro repica a viola para acontecer a dança. O Recortado acontece logo em seguida, ao final da Moda. Os seus versos são jocosos, aleatórios ou no assunto da Moda que foi cantada. Na Guaiana que registramos foi cantado a Moda-de-Viola e o Recortado, porém a dança não foi executada.

Faixa 13 do CD II

Moda-de-Viola:

Alembro e tenho saudade / Daqueles tempos de trás / No tempo que eu fui tropeiro / Na fazenda do Seu Brás / Tocando dúzia de boi / Ai, ai, ai, daquele tempo de gozo / Que passa e não volta mais

Ando com minha burrada / Foi na beira de um rio / Pra atravessar pro outro lado / Precisou de afrouxar a cilha / A burrada está formada / Siu, Siu, Siu / Com o peso de oito arroba / A burrada está vazia

Ando com meus animais / Sem o auxílio de ninguém / Topando umas com outras / Parecia um grande ... / Vem, vem, vem / A moça ficou dizendo / Evem, meu amor evem

Levantei um dia cedo / Antes do dia clarear / Sai na porta da rua / Fui chamar meus animais / Eu chamava de voz alta / Tió, tió, tió / Chegaram de um a um / Na porteira do curral

Recortado:

Lampião andou no mundo / Deixou muito o que contar / Pegando rapaz solteiro / E os velhinho pra capar

Os véio respondeu / Com bem dor no coração / Eu não sinto a dor da morte / Igual a dor da capação

Ôi, ai roxa morena / Venha despedir de mim / Quem vai se embora sou eu / E minha sorte é mesmo assim / Minha sorte é mesmo assim / Deixa eu cumprir a minha sorte / Vai saindo Estrela D`alva / E adeus Estrela do Norte

No ano que eu casei / Eu comprei muita fartura / Comprei um pé de mandioca / Um quarto de rapadura / Um quilo de arroz / E comprei uma moranga madura

Eu perguntei a mulher / Que se eu podia namorar / Ela foi me arrespondeu / Moça bonita não faz mal Não quero que você namore é moça feia / Quando elas olhar pro cê / Cê fecha a cara e murcha a orelha

Lundu: É uma dança de caráter lúdico e ao mesmo tempo provocativo. Também pode ser *tirada* pelos cantadores, assim como a curraleira. Em alguns lugares várias pessoas entram na roda a dançar, cada um à sua maneira. Em outros, a dança apresenta um caráter de desafio: a pessoa entra na roda e desafia seu repertório de meneios e peripécias finalizando a dança com uma vênica, um gesto ou mesmo uma umbigada, em alguém da roda intimando-o a dançar no centro da roda. No Assentamento, na explicação de Idelino: "Também tem vários tipos de lundu. Tem o lundu sapateado que dois canta e

dois responde e naquele intervalo eles sapateiam de um ou de dois. E tem aquele que toca e enche de gente dançando, esse pode ser quantos quiserem. Mas o sapateado tem número, é de dois em dois. Um dança e aí faz o sinal pro outro e ele vai, faz uma roda e ele dança no meio da roda. Aí ele faz o sinal pro outro e ele vai, que é pra ver quem dança melhor”.

Faixa 9 do CD I

Companheiro me ajuda / Que eu também te ajudarei / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
Minha despesa já acabou / Dinheiro não tenho pra comprar / A viagem é muito
longe / Tenho pressa pra chegar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar
O dinheiro já acabou / Despesa não posso comprar / Não chora não Maria /
Que eu não posso te levar
O dia que eu não te vejo / Você começa a chorar / Não chora não Maria / Que
eu não posso te levar
Olha a cara do ladrão preguiçoso / Tá comendo, tá dizendo que tá gostoso /
Uma pinga temperada vale mais / Temperada com açúcar e ananás / Amanhã
eu vou-me embora / Pra divisa de Goiás, ai, ai, ai, ai
Quero beber, meu bem / Quero rolar / Cachaça é boa, meu bem / É com
guaraná, ai, ai / Aqui mesmo eu bebo, meu bem / Aqui mesmo eu caio, ai, ai /
Aqui mesmo eu rolo, meu bem / Não dou trabaio, ai, ai
Vamos dizer mais um verso / Que esse senhor me pediu / Não chora não Maria
/ Eu não posso te levar
É pra ele não dizer / Folião não me serviu / Não chora não Maria / Que eu não
posso te levar
Meu irmão, meu irmão, meu irmão, meu irmão
A espingarda furada / Não mata baleia / Mulher ciumenta / Tem a cara feia /
Namorar moça na terra alheia
Amanhã eu vou embora oi, a, ai, ai / Essa roxa eu levo ela

Faixa 12 do CD I

Vamos, vamos minha gente / Uma noite não é nada
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Se eu não dormir agora / Dormirei de madrugada
Não chora Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Na beira do Mandu / Sua mula refugou / Chegando na Tiririca / A correia da
espora quebrou
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
A viola não tem culpa / Nem também o tocador
Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Meu irmão, meu irmão, meu irmão, meu irmão
Espingarda furada / Não mata baleia / Mulher ciumenta / Tem a cara feia /
Namorei moça na terra alheia, ai, ai, ai
Quero beber, oi, ai / Quero rolar / Cachaça é boa, toda vida / É com guaraná,
ai, ai, ai

Quem foi essa que dançou / Que dançou tão bonitinho / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Dançando do meu gosto / Dança mais um bocadinho / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Lá na beira do Mandú / A correia da espora quebrou / Chegando na Tiririca / A sela desarrochou
Segura Otaciano / O pé da rédea quebrou
A viola não tem culpa / Nem também o tocador / Segura Otaciano / Que o pé da rédea quebrou
Ô diá eu vou me embora é agora / Hoje aqui eu não posso ficar, ô diá
Atirei numa cotia / No passar de uma cancela / Quem tirou o couro da cotia / Foi uma moça donzela / Fiz um par de botina / ... / Inda sobrou sola pra cela
Amanha eu vou me embora / Essa roxa eu levo ela, oi ai ai ai

Faixa 9 do CD II

Eu vinha de São Paulo / Encontrei a lagartixa / Tirei o chapéu da cabeça / Pra dar benção a essa bicha
Ô bicha Ô bicha / Ô que bicha da cara fechada / Eu quero saber da senhora / Se é solteira ou se é casada
Eu não sou solteira não / Sou casada sim senhor / Com a idade de catorze anos / Meu pai e minha mãe me casou / Casou com um calango feio / Na beira da Queimadinha / Foi mil e quinhentos adobe Quarta e meia de farinha / Minha gente venha ver / Como é que o calango envinha
Companheiro da minha alma / Corda do meu coração / Mete a faca no meu peito / Tira o ... e lava as mão

Faixa 12 do CD II

Companheiro me ajuda / Que eu também te ajudarei / Não chora não Maria / Que eu não posso te levar
Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Não chora não Maria / Eu não posso te levar
A viagem é muito longa / Tenho pressa pra chegar / A despesa já acabou / Dinheiro não tem pra comprar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar / Vou embora pra São Paulo / Eu venho vem te buscar / Não chora não Maria / Eu não posso te levar
Olha a cara do ladrão preguiçoso / Tá comendo tá dizendo tá gostoso / Uma pinga temperada vale mais / Temperada com açúcar e ananás / Amanhã eu vou-me embora / Pra divisa de Goiás, ai ai ai
Vamos acabar com esse samba / Que agora comecemos / Não chora não Maria / Que eu não posso te levar
E a dona dessa casa / Já está se aborrecendo / Não chora não Maria / Não posso te levar
Minha viagem é muito longe / Tenho pressa de chegar / Meu dinheiro já acabou / Dinheiro não tem pra comprar
Não chora não Maria / Eu não posso te levar / O dia que eu não lhe vejo / Meu alívio é só chorar
Não chora não Maria / Não posso te levar

Eu vou beber, Arcanja / Quero rolar, ai, ai / Cachaça é boa, Arcanja / Com guaraná, ai, ai

CANTO DE TRABALHO

Os cantos de trabalho ocorrem no decorrer da lida coletiva. Nas atividades onde as pessoas se reúnem para execução de um serviço.

Canto de “Roda de Farinha”: Gravamos estes cantos na casa de farinha de Seu Aneandro.

Faixa 1 do CD I

Companheiro me ajuda / Não me deixa eu cantar só / Pois sozinho eu canto bom / Com você canto melhor
Bolandeira dessa roda / Foi feita de pequizeiro / Foi feita por mão de homem / E custou mile cruzeiro
Eu to vendo a buniteza / Nessa linda tarimbinha / A mandioca virou massa / A massa virou farinha
Companheiro me ajuda / Eu também te ajudarei / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei

Faixa 1 do CD II

Eu cantando mais Neandro, oêê / Todo mundo já conhece, ô roda, oêê / As águas do mar sobe, oêê / As pedras do morro desce, ê roda, oêê
Dois de cima e dois de baixo, oêê / A roda correu no meio, ô roda, oêê / Cê de lá dá um suspiro, oêê / Eu de cá suspiro e meio, ô roda, oêê
Vou tocar minha carruagem, oêê / Com dezoito boi barroso, ô roda, oêê / Onde tinha o boi de guia, oêê / É briante mais brioso, ô roda, oêê
Cevadeira de mandioca, oêê / Merece comer galinha, ô roda, oêê / A carne na boca dela, oêê / Os osso na boca minha, ô roda, oêê
Hoje tamo trabalhando, êêê / Nessa linda tarimbinha, ê roda, oêê / A mandioca virou massa, oêê / A massa vira farinha, ê roda, oêê

DANÇAS DE RODA

As Danças de Roda, também chamadas Brincadeiras de Roda e Danças de Terreiro, aconteciam durante os festejos. Na sede do Gentio as pessoas da comunidade se reuniram e dançaram para documentarmos as danças. Para compor uma faixa do CD I (faixa 4) realizamos a junção dos cantos de várias danças: Meu limão, meu limoeiro; Tamanduá; Oriri, orirai (Ariri); Cana verde; Peru; e Carneiro. Na casa de Dona Arcanja, gravamos Gugu e Dona Arcanja lembrando cantos de danças de roda (CD II, faixa 4): Bananeira; Mulatão; e Mergulhão.

Faixa 4 do CD I

1) Fui em cima fui em baixo / Trouxe doce de limão / Uma moça na garupa / E uma veia no cambão
Meu limão meu limoeiro / Meu pé de jacarandá / Uma vez pra querer bem / Outra vez pra te amar

Quem me dera eu dera agora / Quem me dera eu dera ainda / Quem me dera dar um beijo / Naquela boca tão linda

Menina cê joga verso / Deixa de muita vergonha / Que aqui não é comércio / Aqui é mata medonha

2) Ê doce doce de lelê ê tamanduá / Ê doce doce de lelá ê tamanduá / Segura caixa caixeiro / A viola desafinou ê tamanduá /

A viola não tem culpa ê tamanduá / E nem também o tocador ê tamanduá / Oi doce doce de lelê ê tamanduá / Ê doce doce de lelá ê tamanduá

Vamo, vamo minha gente ê tamanduá / Não me deixa eu cantar só ê tamanduá / Eu sozinho canto bom ê tamanduá / E mais vocês canto melhor ê tamanduá

3) Vamo, vamo minha gente oriri orirai / Que uma noite não é nada oriri orirai / Se nós não dormir agora oriri orirai / Dormirei de madrugada oriri mais orirai / Me ajuda companheiro oriri orirai / Sua palavra valeu oriri orirai / Uma pedra deu na outra oriri orirai / Seu coração deu no meu oriri mais orirai

Eu não jogo verso feio oriri orirai / Nem também verso inventado oriri orirai / Eu jogo verso bonito oriri orirai / Que meu bem tem me ensinado oriri mais orirai

... oriri orirai / Sete palmo pelo chão oriri orirai / Que trago fora da vista oriri orirai / Fora do sentido não oriri orirai

4) Olê lê na cana verde / Olé lê verde caninha / Eu não vou na sua casa / Pra você não vir na minha

Eu não vou na sua casa / Pra você não vir na minha / Sua boca é muito grande / Quer comer minhas galinhas

Eu plantei minha cana verde / Com dois palmos de fundura / Quando foi no outro dia / Já tinha cana madura

Oiaiá caninha verde / Oieiê verde caninha / Vou plantar minha verde cana / No braço da moreninha

5) Peru, peru, peru / Peru da bananeira / Peru bebeu cachaça / Farreou a noite inteira

Vosmecê senhor Tercilio / Quê que tem que ocê não canta / Ocê comeu toicinho aqui / Que deu ranço na garganta

Vamo ver senhor Tercilio / Esse verso é pra você / Se não saiu de seu gosto / Eu desmancho e torno a fazer

Falou bom meu companheiro / Sua palavra valeu / Uma pedra deu na outra / Seu coração deu no meu

6) Iaiá carneiro deu / Iaiá carneiro dá / Quem quisé carneiro manso / Manda vaqueiro amansar

... eu vou me embora / Nessa noite eu levo ela / Na garupa do meu macho / Na meia lua da serra

Quem me dera eu der agora / Quem me dera eu dera ainda / Quem me dera eu dar um beijo / Naquela cara mais linda

Segura a caixa caixeiro / Viola desafinou / Que a viola não tem culpa / Nem também o tocador

Faixa 4 do CD II

1) Cai, cai bananeira cai / Cai, cai bananeira é flor / Cai, cai bananeira cai / Nos braços de meu amor

Quem quiser falar de mim / Fala bem que a fama corra / Deixar de amar não deixo / Quem tiver paixão que morra
Pássaro preto tá cantando / Na copa do buriti / Paciência pássaro preto / Que eu vou embora daqui
2) Ê mulatão / Ê mulata/ Ê mulatão / Ê mulata
3) Meu amor não é esse / Nem aquele que evem / Meu amor está de branco / Não mistura com ninguém
Onde passa o marguião Ô zão zão zão
Passa, passa devagar Ô zão zão zão
No tempo que eu namorava / Nunca namorei ninguém / Namorei noventa e oito / Com você interava cem

OUTROS CANTOS

Romance: É um poema cantado, de origem medieval, que chegou ao nosso país já no início da colonização e que, pela oralidade, foi sendo repassado e recriado pelo nosso povo. São épicos de guerreiros e mesmo de animais. O Seu Tasso nos canta as peripécias de uma onça. Os versos são fragmentados, mesmo assim, nos contam uma interessante história.

Faixa 7 do CD II

Eu vim contar um causo / Que aconteceu na Bahia / A onça da terra nova / Agora mudou pra ilha
A onça da terra nova / Que agora mudou pra ilha / Acabando com a fazenda / Do gado do seu Elias
Elias pegou na pena / Fez uma grande escrivanina / Escreveu pro Xavier / E que agora essa onça morria / Essa onça respondeu / É isso mesmo é que eu queria / Que eu só pegava de noite / E agora eu pego de dia
Sexta feira da paixão / Me deu uma fome de morte / Eu fui lá pra Carnicinha / Fui arroer os meus ossos / Eu fora de mal engano / Roendo meus osso assentada / Chegou um amigo cachorro / Da sombrancelha demudada
Amigo cachorro da sombrancelha demudada / Quando vejo você por aqui / Já me cuido que é novidade / O cachorro respondeu / Amiga onça / Não é novidade nenhuma / É a bezerra do meu senhor / Que você rasgou com sua unha
Amigo cachorro você pode prestar atenção / Se foi peste ou se foi cobra / De que morreu não sei não Amiga onça / Eu mesmo sou testemunha / Que ela tinha o couro fino / E tá todo rasgado de unha
Do chão eu pulei no pau / E o cachorro me acuou / Eu enxerguei tanta gente / Todos eram caçador / Pegamos o rastro da onça / Fomos alcançar na campina / Toda arma negou fogo / Só pegou uma carabina
Fui saindo atirada / Pro rumo do pé do morro / Eu tando dentro de minha lapa / Não escapa nem um cachorro / O povo de João Teixeira / É o povo de Arenguinha / Foi falar com Xavier / Que eu peguei uma bezerrinha
No tempo de eu menina / Que eu não sabia pegar / Em quatrocentas fazendas / Eu deixei uma boa renda / Só ficou um marruá

Coco Travado: O Coco é uma dança típica do nordeste brasileiro, geralmente acompanhada com palmas ou instrumento de percussão. O cantador tira o verso e os participantes respondem cantando o refrão. Na gravação realizada na casa de Dona Arcanja foram apresentados Cocos guardados na memória

dos cantadores ali presentes, acompanhados com viola ou com viola e caixa. O Seu Tasso referiu-se a este tipo de Coco como Coco Travado.

Faixa 6 do CD I

Ô mais é mesmo / E agora que eu to contando / Sobrenome graduado / E eu me chamo Otaciano / Num tem lelê num tem nada / Sobrenome graduado / E agora que eu to contando / Eu me chamo Otaciano / Mato no mês de janeiro / Vou comer no fim do ano

É verdade vou comer no fim do ano / Bonito eu vou lhe dizer / Bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Carro não anda sem boi / Me diga como é que foi / Nem eu canto sem tomar

Ô mais é mesmo / Nem eu canto sem tomar / Eu hoje pisando a roda / Como roda de fiar /

Pra você largar da moda / Eu vou desandar essa roda / Você vai me desculpar / É a roda de fiar /

Eu sou como a dor de dente / Quando dá pra latejar

É verdade, bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Vamos cantar esse coco / E é de indo está que é Zé coco / E agora vamos parar

Mas é mesmo agora vamos parar / Só vou dizer mais um verso / Pra você me desculpar / Se quer ver quem eu sou / Pode vir de lá pra cá / Nem doutor é cirurgião / Nem cirurgião é doutor /

Pode vir de lá pra cá / Se quiser ver quem eu sou / Quero tirar na lambada / Cê diz que me dava e eu dou

Faixa 6 do CD II

Ô mais é mesmo / E agora que eu tô dizendo / Até hoje eu me alembro / Do tempo em que eu fui pequeno / Cantei mais Zé Cabeceira / Fui discípulo de Roseno / Quem dá saúde ni homem / É cachaça, sol e sereno / Nunca escapou um doente / Dos que eu tratei com veneno

Ô mais é mesmo / É agora que eu vou dizer / Turro de onça não faz / Cachorro mestre correr / Jesus Cristo dá esmola / Quem atenta é o Satanás / Cachorro mestre correr / Turro de onça não faz / Carinho de moça donzela / É a morte de todo rapaz

Desafio de Embolador

Faixa 11 do CD II

Ô me leve embolador / No Sertão do Ceará / Outra vez embolador / No Sertão do Ceará

Pedro Paulino / E Zuru Floriano/ Nessa lei republicana / Ninguém ... dar

Ô você mesmo / Quem quebrou minha gamela / E eu quero o dinheiro dela / Não mandei você quebrar

Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu nunca te agravei / Pra você me agravar

Ô você vigia se é assim / Escuta que eu vou lhe falar / Meia dúzia de você / Eu carrego no calcanhar

Se nasceu mas não criou / Se criou não teve fim / Tirando as falta que tem / Jogando em cima de mim
Em cima daquela serra / Tem um pezinho de jatobá / No buraco do seu dente / Tem morada de um gambá
Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu montei na sua cacunda / Você morreu de apanhar
Ô nego preto / Da cabeça de escapole / Foi pra rua puxa fole/ Pro ferreiro trabalhar
Ô meu amigo / Mas se eu falo eu não tô vendo / Que aqui tem uma catinga / E é você que tá fedendo
Ô você mesmo / Escuta o que eu vou falar / Você canta é revoltando / E eu canto sem revoltar
A moça envem / Você tá de olho nela / Engoliu uma mula crua / E num viu passar na goela
Ô Gumercino / Escuta que eu vou falar / Já cantemo até agora / E agora nós vai parar

Enumeração

Faixa 7 do CD I

Eu tenho uma galinha / Que botava treze ovo / Tiú deu lá no ninho / Comeu um e ficou doze
Os doze que ficou / Vou mandar cobrir de bronze / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou onze
Os onze que ficou / Vou trocar pelo um mi`reis / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dez /
Os dez que ficou / Vou trocar num automóvel / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou nove
Os nove que ficou / Vou mandar fazer um biscoito / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou oito
Os oito que ficou / Vou trocar em um chevete / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou sete
Os sete que ficou / Vou vender p'rum japonês / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou seis
Os seis que ficou / Vou trocar num par de brinco / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou cinco
Os cinco que ficou / Vou trocar por um sapato / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou quatro
Os quatro que ficou / Vou vender outra vez / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou três
Os três que ficou / Vou trocar por um arroz / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dois
Os dois que ficou / Vou trocar em um buzum / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou um
O um que ficou / É pura bobagem minha / Tiú deu lá no ninho / Comeu o ovo e a galinha

Faixa 11 do CD I

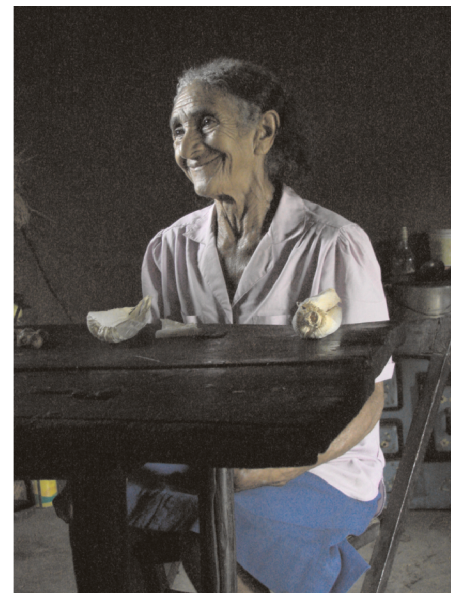
Primeiro é homem que é um bicho comportado / Pela mulher vive preso,
encorrentado
Joguei no dado pra sair enumerado / Eu sai número um é uma avestruz mais
declarado
Dois é águia com o bico revirado / Três é burro que do homem foi mansado
Quatro é borboleta tem o pêlo cetinado / E cinco é o cachorro pelo homem é
dominado
Seis é a cabra que com leite apreciado / Sete é carneiro com tua lã alvejada
Oito é o camelo tem o lombo encalombado / E nove é a cobra que é um bicho
maldiçoado
Dez é o coelho que é um bichinho escovado / Onze é cavalo que é do homem
andar montado
Doze é o elefante tem sua presa virada / Treze é o galo de terreiro é coroadado
Quatorze é gato que do rato é respeitado / Quinze é o jacaré que no lago foi
criado
Dezesseis é o leão que é o chefe do reinado / Dezesete é macaco que é um
bicho encapetado
Dezoito é porco engorda se for tratado / Dezenove é o pavão com sua cor
demudado
Vinte é o peru que é um bicho safocado / E vinte e um é touro que não gosta
de encarnado
Vinte e dois é o tigre tem o lombo patacado / Vinte e três é o urso que do
mato é respeitado
Vinte e quatro é o veado que do mato é o mais calado / E vinte e cinco é vaca
` tá o jogo determinado

A N E X O I

Mapa do Giro de Folia de Reis
no Assentamento
São Francisco e fotos de Folia do
Divino Espírito Santo,
Folia de Santa Luzia e reza
de Nsa. Sra. Aparecida

Mapa do Giro de Folia de Reis no Assentamento São Francisco





Comunidade São Francisco Musicalidade e Tradições

A N E X O II

Fichas do
Inventário Nacional de
Referências Culturais
INRC

CELEBRAÇÕES

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	01	06	F20	05
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Assentamento São Francisco
LOCALIDADE	PA São Francisco e Gentio
MUNICÍPIO / UF	Formoso-MG

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia
OUTRAS DENOMINAÇÕES	De Reis (ou Santo Reis), Do Divino, de Nossa Senhora Aparecida, de Santa Luzia. Celebrações associadas: Folia De São João, de São José, de São Sebastião.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

*Deus vos salve a claridade
Deus vos salve a luz do dia
Deus vos salve a luz do sol
A luz que nos ilumina
O sol para sair pede licença ao senhor
Quando sai joga seus raios por cima do resplendor
Deus vos salve a luz do sol
Que é o mistério mais profundo
Quando sai joga seus raios
Nas quatro partes do mundo.
O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado
Ele serve de sinal para um verbo encarnado
O clarão da lua cheia
É um sinal da primavera
O sol faz sua marcha
E por ninguém ele não espera*

(Cantório de agradecimento do pouso. Cantado por Seu Otaciano).

A mais forte e mais praticada celebração presente no Assentamento São Francisco é a folia, bem como em toda região do médio São Francisco e no Brasil rural ou camponês como um todo. As folias são ligadas a um conjunto de práticas e crenças católicas, no entanto, os grupos que a praticam mantiveram (e alguns ainda mantêm, como no caso do Assentamento) um certo grau de autonomia com relação à igreja. Por isso, pode-se considerar como um catolicismo independente, isto é, com práticas específicas e distintas das da igreja. O catolicismo popular, apesar de vinculado ao catolicismo dito 'oficial', tem características específicas e independentes, como mostra Carlos Rodrigues Brandão:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

“Conhecemos todos uma divisão entre um catolicismo erudito ou oficial e um catolicismo popular, que alguns estudiosos preferem chamar: catolicismo de folk. Convivemos na atualidade com vários estilos culturais de “ser católico”. Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta de relação com o corpo sacerdotal, subsistem modalidades de tendências não raro de difícil integração no corpus de doutrina, gestos e ritos de uma mesma religião e de uma mesma igreja. Olhado de perto, isto a que damos o nome de catolicismo popular possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. Uma de suas características comuns, no entanto, está em que este catolicismo ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um pára-sistema religioso setorialmente autônomo frente a uma igreja de que ele sempre se reconhece parte.” (Brandão, 2004).

No Assentamento São Francisco, assim como em diversos grupos católicos rurais, encontramos um vasto calendário de celebrações: Folia de Reis (que gira de três até 15 dias antes do dia 06/01); Folia do Divino (que sai de 5 até 7 dias antes do dia de Pentecostes, marcado no calendário da igreja católica; Folia de São João (que sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate); Folia de Nossa Senhora Aparecida (feita no dia 12 de outubro, só girou uma vez no assentamento); Folia de Santa Luzia (teve um giro no assentamento, em 13/12/2006); Folia de São José e Folia de São Sebastião (não giram no assentamento, mas são referências fortes na comunidade e eram celebradas na região do parque). Porém, como assinalado entre parênteses, as folias mais presentes na comunidade são a de Santo Reis e a do Divino. São fortes as referências às folias de São João (festa feita na comunidade Cajueiro, e que também gira no Assentamento), de Santa Luzia e de Nossa Senhora Aparecida.

As festas rurais ou camponesas estão intrinsecamente ligadas às esferas do parentesco, econômicas e políticas. Brandão (1993: 18) considera que *“... posta a nu, uma cerimônia duradoura e recorrente como uma Folia de Santo Reis revela múltiplos tipos de compromissos e estilos peculiares de alianças entre parentes, vizinhos e parceiros (...) ele não deixa de lado praticamente nenhum feixe social de relacionamentos que, de outras maneiras e entre outros e os mesmos símbolos e nomes, são vividos na experiência cotidiana do trabalho ou do parentesco.”*

São momentos em que se encontram parentes, renovam-se as alianças e reciprocidades, a fé é fortalecida, são feitos pedidos de bênçãos, fazem-se e refazem-se as alianças políticas, namora-se, relembra-se e brinca-se. Em suma, além dos elementos de ordem religiosa que estão ali presentes, encontramos também uma série de valores sociais ali intrincados. É isso que torna uma celebração como a folia, um fenômeno complexo, particular e dinâmico, em constante mudança e adaptação aos diversos elementos sociais que estão postos em jogo na sua realização:

“Ali estão tanto as crenças populares e alguns costumes patrimoniais, como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, no seu todo, recobrem quase tudo o que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços. Mas, à diferença do que acontece no campo evangélico, mesmo nos surtos messiânicos históricos do catolicismo camponês, sempre os seus agentes se reconhecerão subordinados às autoridades da igreja oficial e sempre se levará em conta que alguns rituais de importância essencial somente podem ser ofertados pelos sacerdotes eruditos.” (Brandão, 2004).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

Essa reverência à autoridade da igreja foi demonstrada no depoimento de vários foliões e na origem dos cantórios das folias, que, de acordo com os foliões, são provenientes de textos bíblicos sagrados. Estes textos, contudo, não são mais encontrados, servindo mais como uma referência mítica do que como uma prova factual de que realmente existem. É interessante que uma comunidade, que transmite seus valores e saberes por meio da tradição oral, busque uma legitimidade destes justamente nos textos escritos. Seu Tasso, Guia de folia, relata como aprendeu o ofício de guia e aponta para sua relação com o chamado “Livro do Oriente”, cercada de mistérios:

“Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso.”

As diversas folias em adoração aos diversos santos, que se espalham por grande parte do território brasileiro, têm suas peculiaridades. Mesmo fazendo referência a um universo em comum, é arriscado falar de folia de uma forma ‘geral’ ou ‘fixa’, pois como elementos culturais são sensíveis às particularidades regionais e processos históricos. Essa pluralidade de significados e significantes, que permeia as folias, pode ser vista no mito de origem da folia de reis, por exemplo. A Folia de Reis é uma das mais celebradas (quicá a mais celebrada) em todo o Brasil rural, e, por isso, sobre ela há uma profusão de representações. A ‘representação’ da visita dos três reis do oriente ao menino Jesus vai aparecer em cada comunidade que a celebra de forma variante, suas origens e símbolos raramente serão coincidentes, contudo, não há uma folia de reis mais autêntica ou legítima do que outra. Carlos Carvalho Cavaleiro discorre sobre a pluralidade de representações em torno da origem dos três reis magos:

“A antiga Pérsia parece ser a procedência desses personagens, pois que os sacerdotes persas eram chamados de magos. Porém, a palavra oriente, naquela época, poderia significar tanto a Arábia, como a Mesopotâmia, a Babilônia ou a Pérsia. A tradição oral posterior ainda levantou a hipótese de que viessem da Grécia (Europa), da Índia (Ásia) e do Egito (África), representando os três continentes conhecidos. Uma antiga tradição diz que os Magos são provenientes de Tarsis (Melchior), Arábia (Gaspar) e Etiópia (Baltazar) e descendentes diretos de Job. (...) Acredita-se que os Magos do Oriente eram três em número, devido ao número de presentes dados: ouro, incenso e mirra. Para os Padres da Igreja simbolizavam a realeza (o ouro), a divindade (o incenso) e a paixão (a mirra) de Cristo. Quanto aos nomes, chegou-nos como sendo Gaspar, Melchior (ou Belchior) e Baltazar (ou Baltasar). As histórias orais dizem que os magos foram depois batizados por Tomé. A devoção aos “Santos Reis Magos” parece existir desde o cristianismo primitivo. Foram eles, segundo a própria Bíblia, quem primeiro adoraram ao Cristo, quem reconheceram a sua divindade. (...) O certo é que a figura dos Reis Magos acompanha o Brasil desde sua colonização: o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), foi fundado em 06 de janeiro de 1598.” (Cavaleiro, s/d).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

A importância dos três Reis Magos nas comunidades rurais pode ser relacionada à reciprocidade que representam. Os três Reis Magos no nascimento de Jesus Cristo foram levar presentes: ouro, incenso e mirra, e partiram numa longa viagem, montados em animais para prestar sua solidariedade, para dar as boas vindas ao menino recém-nascido. A fé nos santos reis é relacionada à sua importância mitológica e esta, por sua vez, está ligada às relações sociais nestas comunidades, baseadas em relações fortes de parentesco, compadrio e reciprocidade. Os foliões, assim como os três Reis Magos, realizam o seu *giro* montados em animais e levando bênçãos divinas em cada casa que passam.

Numa folia tem-se o guia, que é quem puxa o cantório, isto é, quem canta primeiro. O guia é sempre acompanhado de outro folião que canta junto com ele. A resposta ao canto do *guia* é dada pelo *contra guia*, que responde juntamente com outro folião e ambos fazem a segunda voz. Como bem explicou Seu Eduardo:

“Canta mais o guia, responde. O guia canta e ele ajuda o guia a cantar. O guia canta mais um companheiro e o contra guia canta mais um companheiro. Um fala uma palavra e o outro responde a mesma palavra, os outros tem que falar tudo o que o guia falou até o fim.”

Não há um número exato de foliões que devem sair numa folia. Porém este número não pode ser menor que oito e raramente ultrapassa os quinze, contando com o alferes. O papel do alferes é também central num giro de folia, é ele quem carrega o mastro da bandeira, chamado na comunidade de *condão* ou *condãozinho*. O alferes deve ser uma pessoa de ‘responsabilidade’, pois é ele quem vai comandar ou dirigir a folia, auxiliando o imperador a traçar o giro da folia, marcando os locais dos pousos, controlando a hora em que a folia deve sair e chegar aos lugares. Outro papel básico da folia é o do caixeiro, ou tocador de caixa, que é o ‘coração’ da folia, segurando o ritmo e fazendo a marcação que dá a *toada* da folia. Os demais foliões, chamados de companheiros, também cantam e alguns tocam pandeiro.

Outra função fundamental numa folia é a do Imperador, que é o festeiro e quem *põe a folia no giro*. Uma folia é ‘posta no giro’ por motivo de promessa. Alguma pessoa da comunidade que fez um ‘voto’ a um determinado santo se tornará o ‘imperador’ ou ‘imperadeira’ (se for mulher). A promessa deve ser cumprida, porém não necessariamente no ano seguinte ao que foi feita, mas assim que a pessoa tiver condições financeiras e de saúde para cumpri-la. Assim que o imperador decide pagar sua promessa, ele aciona os foliões, principalmente o ‘guia’ (ou ‘capitão’) e o ‘alferes’ (ou encarregado). Que deverão ‘convocar’ os demais foliões. O pagamento da promessa envolve o giro da folia, providenciando eventuais coisas que os foliões necessitarem, e a festa do arremate da folia. É o ‘imperador’ quem deve arcar com os custos da folia, que vão desde comprar cachaça, fumo e encordoamento para as violas dos foliões, até os gastos com comidas e bebidas da festa. No entanto, quase sempre contam com ajuda das pessoas da comunidade que, por solidariedade e devoção, podem doar galinhas, arroz, farinha e até um bezerro ou um porco. Além da doação dos alimentos, os vizinhos e parentes mais próximos ajudarão no preparo dos alimentos para o dia do arremate da folia, que será na casa do ‘imperador’.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

O número de dias que uma folia gira também pode variar. Os foliões relatam que a folia saia há uns 9, 7, 6, ou cinco dias do arremate, cuja a data é certa para cada folia, geralmente o dia do santo. Atualmente, por dificuldades ligadas ao trabalho, como data de plantação ou colheita, trabalhadores assalariados que não podem deixar seus serviços e outros motivos variados, as folias têm 'encurtado' seus giros. Por isso, uma folia pode girar só três dias, como já aconteceu em folia de reis e cada dia de giro era para cada santo específico, ou até mesmo pode ser feito um giro de um dia, que acabaria com uma reza, como o que aconteceu na reza de Santa Luzia, em treze de dezembro de 2006.

Todas as folias podem girar de dia e de noite, porém apenas a do Divino só pode girar de dia. No passado, ou 'de primeiro', como eles dizem, a folia de Reis só girava à noite, porém agora ela pode girar de dia e de noite. Esta mudança nas folias sinalizam, também, para outras mudanças, como conta seu Otaciano, *guia* de folia:

"A folia de Reis só girava de noite, no cantório mesmo fala:

'Os Três Reis andava no mundo

Correndo sua freguesia

De dia tava parado

De noite eles dirigia'

Agora não, agora é comum de dia. De primeiro, se chegasse numa casa cedo, eles pousava e naquela casa eles ficava o dia todinho ali. Quando chegava de noite, ia sair a noite toda. Mas hoje os trem mudou demais, Moça! Igual eu tô te falando que as brincadeira era outra, não era essas brincadeira de forró."

A bandeira é objeto ritual de maior importância numa folia ela "*vai na frente porque é a guia dos folião é a estauta do santo*", como afirmou seu Máximo. A bandeira é confeccionada com as cores e os motivos do santo de cada folia, feita por alguém do Assentamento:

"Essa bandeira deles foi pintada aqui no Assentamento, mas se você ver o tipo dela, ocê não diz que foi pintada aqui, mas é uma Luzia bonita que eu fiquei... Quem pintou foi Deti, mas como é que pinta bonito daquele tanto, muito bem arrumado. Ela que fez a do Divino também, que gira maio e junho." (Seu Máximo)

A bandeira deve ser benzida pelo padre, o que vai marcar o seu caráter sagrado. Apesar de feita na comunidade, no mundo profano, ela deve ser elevada ao 'mundo divino' através do benzimento do padre:

"Tem que mandar o padre benzer, todo padre que é padre mesmo formado aí ele tem aquelas profecias do mundo, então aí ele benze com aquelas palavras santas que Deus deixou, aí a pessoa tem que acreditar, pra quem não acredita não vale nada. Mas pra gente que é católico e é de Deus, porque Deus é um só e Jesus." (Seu Otaciano)

"Tem delas que eles manda benzê. De premeiro diz que eles levava pro padre pra benzê, agora eu não sei se é ele só quem sabe fazer ou se qualquer um sabe fazer, mas era assim, levava pro padre pra benzê, pra ficar benta como eles dizem." (Seu Máximo)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Além do benzimento, há uma série de cuidados e prescrições com relação à bandeira. No início do giro o imperador a entrega ao alferes, que é quem deve carregá-la à frente da folia durante todo o giro. Durante o giro e no dia do arremate é comum que os devotos se ajoelhem em frente à bandeira e a beijem, pedindo e agradecendo, pois é como uma ‘ponte’ material para uma comunicação com o santo, como se ele estivesse ali presente. No dia do arremate, ela é devolvida ao imperador, que a coloca na lapinha durante o cantório e depois deve guardá-la de forma e lugar específicos:

“Quando acaba a folia dobra a bandeira no mastro bem enroladinha, se é do mesmo imperador ele embrulha ela bem embrulhadinha, enrola bem enroladinha e guarda ela. Geralmente a bandeira fica na casa do imperador, se é dele. Acontece que tem muito imperador que é imperador, mas não tem o mastro do santo, acontece que ele pede emprestado na mão de quem tem, às vezes tem uma pessoa que tem e não é imperador naquela época e aí ele vai e toma o mastro dele. Essa é de Santa Luzia é do Seu Tercílio, que todo ano ele reza Santa Luzia. A de Reis acho que deva ficar na casa do imperador, porque ele reza três anos e os três anos fica na casa dele, depois dos três anos ele entrega pra outro. Se ele completou os três anos, que são três Reis Magos, nem que ele falhe dez anos de rezá, mas ele tem que fazer três vezes. Então ali quando ele arrematar a última, então ele pode arranjar o mastro pra outro.” (Seu Máximo).

O aprendizado do ofício de folião é informal. Os foliões geralmente aprendem pelo esforço próprio, ao observarem alguém próximo que sabe determinado ofício, algum tio, primo, ou o pai, e buscam aprender:

“Eu não aprendi com ninguém não, Tasso é quem cantava e eu cantava mais ele. Já foi saindo, não tinha folião e nois fomos sair num giro de uma folia primeira, nois fizemos um terno lá e saímos. Nessa época eu já tinha uns trinta anos, já era casado. Mas eu só girei três anos e fui foi fazer festa, virei imperador de reis, festejei de reis sete vezes.” (Seu Eduardo).

O ofício de folião, muitas vezes, é visto como algo que extrapola a escolha pessoal, sendo fruto do designo divino. Seu Otaciano (ou Tasso, como é chamado na comunidade), folião de guia referência na região, afirma que nasceu pra isso, como se estivesse predestinado ao ofício de guia. Na visão de seu Eduardo, este processo se dá pela vocação, ou, como ele diz, ‘invocação’ de cada pessoa:

“Esse negócio de tocar, cantar é a invocação da pessoa. Que nois tudo só aprende as coisas com a invocação que nós tem, se ocê tem vocação pra uma coisa ocê não pode pegar outra não, ocê num segue. Tem que seguir a invocação do seu nascimento, que ocê já nasce com aquela invocação daquela coisa. Se ocê tem invocação com uma coisa ocê aprende fácil, agora se ocê não tiver invocação, ocê quebra a cabeça. Pode prestar atenção nisso, cada um nasce com uma invocação, um por umas coisas, outros por outras. Vê os outros fazendo e pela invocação sua, ocê vai aprendendo aos poucos.”

Vocação ou designo divino, o ofício de folião existe principalmente pela sobrevivência desta manifestação em determinado contexto cultural. A manutenção da ‘tradição’ (palavra evocada por muitos no Assentamento) no contexto cultural e familiar é o que faz com que uma pessoa (muitas vezes ainda criança), resolva aprender o ofício:

“Aprendi com os povo mais antigo, sempre ensinava os folião mais véi. Era parente e conhecido. Um pouco eu aprendi com aquele véi Tasso mesmo. Mas aprendi muito pouco, mas se quiser a gente canta mais. Comecei a tocar com dez anos e já girava.” (Zé Pela porco).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

As crianças que queriam aprender a tocar viola, e não tinham uma disponível, faziam uma violinha de buriti para treinarem. Muitos faziam com a ajuda de seus pais, como Idelino, que aprendeu com seu pai, Seu Eduardo:

“Eu aprendi não sei nem com quem foi. Primeiro eu fazia uma viola de braço de buriti, com essas cordas de anzol. Pai sabia uma afinação que chamava “meio-hectar”, aí ele afinava as três cordas. Aí eu afinava, aí eu comprei o violão eu não sabia afinar e afinava só três cordas ficava tocando só três cordas. Aí eu fui pegando, me ensinaram como é que afinava e eu fui pegando. Mas eu não estudei método nenhum. Meu pai nem tinha viola, era só essa viola de buriti que a gente fazia que ele ensinava a gente a tocar. E aí eu fui saindo no giro de folia mais Tasso, eu tinha 14 anos. E aí depois eu comprei o violão e fui girando. Eu já girei mais de 15 anos e depois eu larguei, acho que tem mais de 8 anos que não giro.”

Assim como o ofício de folião é inseparável do aprendizado musical, a folia é indissociável da música. Os instrumentos musicais básicos para a folia são a viola, a caixa e o pandeiro. Durante o giro da folia, os foliões levam as bênçãos aos moradores por meio dos cantorios. Os cantorios são como rezas cantadas e há um cantorio apropriado para cada circunstância na folia: para saudar o morador, para pedir pouso, para agradecer a mesa ofertada, para saudar a lapinha ou altar e assim por diante. Após o cantorio são feitas as brincadeiras de folia: o lundu e a curraleira. Apesar de serem considerados brincadeiras, o lundu e a curraleira são partes integrantes da folia. Ao contrário do cantorio, que conta com um repertório preestabelecido, os lundus e curraleiras são improvisados ou tirados pelos foliões. É interessante o fato de que curraleiras tiradas há muito tempo, mesmo que falando de situações remotas, ainda são lembradas, isso talvez se deva à sua força em expressar os fatos curiosos, dramáticos ou engraçados ocorridos. Conforme disse Idelino: *“Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”*

“Companheiro me ajude, que eu também te ajudarei” – Quase todas as curraleiras e lundus iniciam com este verso, que é um convite para que se comece a cantar. Não se pode cantar uma curraleira sozinho e nem um lundu, então há esse convite, que alude à reciprocidade das festas rurais. Assim como não se pode cantar sozinho, não se pode dançar, girar a folia ou mesmo celebrar sozinho. Este verso inicial então, faz referência à necessidade da reciprocidade nas relações sociais para que se possa viver no mundo rural.

As danças de roda ou danças de terreiro eram praticadas por todos, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos. O sentido de comunidade era fortalecido também por meio destas danças. Momento em que todos sentiam-se incluídos, desde os mais velhos até os mais novos e os jovens aproveitavam esse momento pra paquerar, *“apertando mais forte a mão da moça”*, como disse Seu Otaciano. Apesar de não serem mais praticadas, elas ainda são muito lembradas e existem pessoas que sabem cantá-las e dançá-las. Estas danças expressam, mais do que tudo, um sentido de partilha e de alianças. Nas mais variadas coreografias destas danças, as pessoas da comunidade dão-se as mãos num círculo fechado; cruzam-se entre si até retornarem todas a seu lugar; todos do círculo batem os ombros, colocando-se em contato corporal de forma lúdica. Ao buscarmos o sentido simbólico destas coreografias, vemos que todas elas colocam as pessoas para interagirem harmoniosamente, em todas elas quem se move, mais do que indivíduos isolados, é a comunidade. É o sentido de pertencimento de grupo e de complementaridade que está em jogo numa dança de roda, em que os casais se entrecruzam e misturam-se uns aos outros mostrando que são parte de uma coletividade maior. Além disso, estas danças manifestam uma forma de respeito, uma perfeita adequação às normas morais e sociais, o que é expresso no contraponto que algumas pessoas fazem com relação ao forró atual, que é adjetivado pejorativamente como grudado, colado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO****5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O traçado da folia é denominado de giro. É o alferes, juntamente com o imperador, quem vai traçar o giro, falando com os moradores sobre a possibilidade de darem pouso ou comida. Muitas vezes os próprios moradores se oferecem para darem o pouso, que é onde os foliões dormirão em cada noite ou dia da folia, e para oferecerem comida aos moradores. Como explica Antônio Ferro Velho:

“É você tem que avisar o povo. Aí você tem que correr lá na frente e ir em tantas casas. Aí pousa e vai marcando até a gente chegar. Nós passa em todas as casas, quem não quer que reze é só evangélico, aí a gente não passa lá. Costuma também, por que tem muitos moradores que costuma botar o almoço pros foliões, às vezes a gente ta pensando num ponto, mas aí tem um morador que oferece um almoço pro folião, aí desvia. Na hora que sai, tem uma pessoa sempre que manda avisar: ‘Olha, vai almoçar na casa de fulano’. Manda avisar, tem que ser cedo. Não pode ser na hora da festa não, pode ser até um dia antes. Pode ser até um dos foliões mesmo.”

O giro é então traçado de acordo com as casas nas quais a folia passará e os pousos onde dormirá. Como a saída e o arremate da folia são feitos na casa do imperador, o terno de folia deve passar nas casas próximas a casa deste. O terno deve passar por todas as casas que estão no circuito do giro, só ‘pulará’ as casas em que os moradores estiverem ausentes ou dos que forem evangélicos, religião que cresce significativamente no Assentamento.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Os marcos naturais e edificados vão variar de acordo com o imperador, cuja casa vai definir o giro. Contudo alguns marcos edificados, como pontes e algumas casas, e naturais, como veredas e córregos, são referências para a comunidade e foliões. Esses marcos podem aparecer nas histórias dos giros de folia a cavalo e nas letras dos cantos, em que a espacialidade marca o imaginário da comunidade. Como podemos ver neste lundu que seu Otaciano tirou na época em que morava na região do parque:

“Tem um lundu que eu tirei. Que eu viajei, e eu tenho uma mula que é muito cismada, aí eu viajei mais companheiro Francis e o compadre Osvaldo. E eu morava num lugar por nome de Mandú, lá dentro do parque. E aí nós ia da Vereda Grande pra Mandú, eu ia muntado nessa mula. Aí a riata não era muito boa nesse tempo e aí eu fui dar um chega na espora nela e aí a cela desarrochou, e aí chegou na Tiririca eu fui dar outra esporada, quebrou a correia da espora e eu fui gravando. Chegou na passagem d’Anta, ela refugou de umas carrasca de buriti. E aí eu falei assim:

Companheiro ma ajuda

Que eu também te ajudarei

Segura Otaciano

Que o pé da rédea quebrou

Lá na beira do Mandú

A cela desarrochou

Chegando na Tiririca

A correia da espora quebrou

Chegou na passagem d’Anta

Sua mula refugou

Segura Otaciano

Que o pé da rédea quebrou”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO**

Há uma lógica no giro da folia que deve ser respeitada pelo imperador e alferes. Ela sai da casa do imperador dirigindo-se à direita, passando nas casas de forma a fazer uma volta, e retornando à casa do imperado no sentido contrário ao que saiu, ou seja, à esquerda:

“a folia tem que sair à direita. Sai à direita e faz a volta. Aí o Alferes que sai avisando o pessoal, onde vai passando, aí marca o almoço, onde vai almoçar, pra jantar. E tem os pontos do pouso. É por que tem muita gente que às vezes não está em casa né? Às vezes no ano que vem tá em casa, por que sempre nessa época o pessoal fica prevenido.”
(Antônio Ferro Velho).

Há ainda a prescrição de que o terno de folia deve evitar passar duas vezes no mesmo local, sob pena de acontecerem coisas ruins ou até mesmo a morte. Pela fala de Antônio Ferro velho, tal evitação parece não estar tão vigente no Assentamento:

“É, o povo fala isso, que a folia não pode cruzar duas vezes o mesmo caminho, mas eu acho que se cruzar não morre não. Lá no morro do buraco (...), lá são poucas passagens. É o seguinte, você tem que passar, ela gira lá dentro, gira mais de mil vezes, roda pra ali, roda pra aqui, entende?”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA: Folia de Reis: de 25 de dezembro a 06 de janeiro ou três dias. Em outros tempos, a folia de Reis girava até 15 dias. Quem reza Reis não pode rezar sem girar a folia, tem que girar pelo menos três casas, três dias ou seis dias. Folia do Divino: sai de 5 até 7 dias antes do dia de pentecostes, marcado no calendário da igreja católica. Geralmente a data cai no mês de abril ou maio. Folia de São João: sai de 5 a 6 dias antes do dia 24 de junho, dia do arremate. Gira no assentamento, mas o arremate é no Cajueiro. Folia de Nossa Senhora Aparecida 12 de outubro Folia de Santa Luzia (Teve um giro no assentamento, em 13/12/2006): 13 de dezembro. O certo é rezar meio dia, se for o caso de girar a folia, tem que sair seis horas da manhã, gira umas três casa e tudo bem. Folia de São José e Folia de São Sebastião: não giram no assentamento, mas são referências fortes na comunidade e eram celebradas na região do parque. As folias mais celebradas no Assentamento são as folias de Reis e a do Divino. As folias de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Luzia só giraram uma vez depois da mudança para o Assentamento. A folia de São João já gira há três anos, mas a festa de arremate é na Comunidade Cajueiro, mas seu giro passa pelo Assentamento também. ☐ DATA MÓVEL: Não foi relatada a presença de folias com data móvel na região.
DURAÇÃO	A duração de um giro de folia é variável, pode girar 9, 7, 6, 3 ou até apenas um dia. Vai depender da promessa, da disponibilidade de tempo e de recursos dos foliões, do imperador e dos demais membros da comunidade.
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR: As folias são feitas nos dias de cada santo ao qual fazem referência, celebrados anualmente no calendário da igreja católica. Porém, como dependem de outros fatores, como das promessas feitas pelos imperadores, da disponibilidade dos mesmos em alocar recursos, e ainda da disponibilidade dos foliões e da comunidade em geral, muitas vezes não são realizadas todos os anos consecutivos, ou até mesmo são encurtadas. como explica Zé Pela Porco: <i>Depois que veio pra cá foi só três anos, aí foi mexer com esse negócio de lote e aí a gente não mexeu com isso, ficou mais apertado, né. Lá a gente tinha mais vaga, quando chegava naquele tempo. Lá tinha mais dias, tinha vez que a gente saia 25 de dezembro pra chegar dia 6. E aqui o prazo da gente aqui é pouco, aqui é três dias e muito apertado, mais sem tempo, é a preocupação da gente. Lá é porque a gente trabalhava por conta da gente, a gente cuidava das coisas assim mais primeiro e aí tinha mais prazo. Agora aqui as coisas fica mais difícil um pouco. É difícil e fácil, porque a gente mexe no que é da gente. Esse pessoal que tá aqui nesse Assentamento, não é como os outros Assentamentos, que tem gente diferente. Nesse assentamento aqui é tudo conhecido, os que veio lá do parque. Tudo é uma irmandade só, os que não é tio, é primo, ou é amigo demais. Se um fala assim, "vamo cantá ali?", já conhece, a gente conhece todo mundo, dá um tempinho e chega todo mundo. Na época da folia de Reis tem muita gente que tá preocupado por causa de limpa de arroz. Esse ano mesmo eu tô achando que nem posso sair porque tenho que cuidar. Nesse ano eu não saí, eles me chamou, mas eu não... Quando tem um giro de folia eles me chama e eu gosto de girar mais eles. Mas eu não dei conta de ir por que minha mãe tava doente.</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES							MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES O principal método utilizado na pesquisa de campo foi o de entrevistas. Por isso, ao se falar de narrativas históricas, a fonte principal é a da história oral. Ouvir as vozes das pessoas da comunidade revela o imaginário, pleno de eventos reais e fantásticos. Não se objetivou a elaboração de uma história cronológica, as histórias de comunidades rurais são, em geral, construídas oralmente. Aqui, ao invés de referência a datas, temos frases como “de primeiro”, ou “no princípio do mundo”, numa comunidade rural o calendário muitas vezes se perde no tempo. A mudança de D.Maria Júlia e Seu Aneandro para a região do parque: <i>Nasci na Vargem Bonita (Januária-MG). Quando eu casei eu mudei aí pro parque. Eu casei com 19 anos, aí quando foi no outro ano já tive fi. Naquela época não tinha aqueles remédio, todo ano era fi. Quando mudei pro parque eu achei bom, só que não era da gente mesmo, agora eu tô achando bom é nessa aqui nossa. Lá tudo o que agente fazia era dos outros, a gente não tinha uma terrinha nossa ainda, era só na terra dos outros que nois morava. Por isso que eu achei bom, o que planta é pra nois, lá o que nós plantava era na meia. Colhia, se fosse um bando nois vendia, se fosse pouco era tudo partido. E agora aí não, na terrinha nossa é bom demais. E quando os menino era tudo pequeno nois trabaia na roça naquele gerais lá que nois morava, ia aqueles maiorzin ajudando, os pequeno ficava tudo na casa. Ia pra roça mais Aneandro, só na enxada, só roçá mata assim que eu nunca rocei, mas pra limpá mantimento, plantá, limpá o mantimento quando tava cheio de mato era tudo nois dois e os minino pequeno e brigando pra eles, ensinando eles pra eles num cortá, né? Aí quando os minino cresceu tudo uns espinicou praqui, outros pracolá. Eu lembro até hoje quando eles eram pequenos, mandava um vai fazer isso, dá trabalho mas é mió do que depois de grande. Quando eles era tudo pequeno a gente só imagina assim a dificuldade fazê tudo, pra ter tudo pra eles assim. Mas a gente não maquinava igual hoje que sai um praqui, outro pracolá, agente fica assim pensando né.</i> A presença da folia na família de Seu Eduardo: <i>Eu desde que me entendi por gente. Minha procedência é Imperador, a minha bisavó festejou quarenta anos, morreu com 110 anos. Só de Reis ela festejou 40 anos. Agora nois já nascemos dentro da tradição, aqui e acolá um da família tem aquela tradição, já alembra e faz. Agora aqueles da família festeja, muitos é só três anos, faz três anos e aí já cumpriu o voto, aí já passa pra outra família com a mesma tradição. Minha bisavó, quando eu nasci ela já tinha morrido, mas ela festejou 40 anos de Reis, até ficar veinha. Mas aqui e acolá um da família reza, aqueles procedências daqui e dacolá reza também.</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****Seu Alberto fala sobre a folia de Nossa Senhora Aparecida na região do parque:**

Lá na região do parque tinha a reza de Nossa Senhora da Aparecida. O imperador era aquele velho Eduardo lá mesmo, rezava. Ele rezou da Nossa Senhora da Aparecida, rezou de Santo Reis, ele rezava mesmo. Mas não era todo ano, não lembro direito quando teve a última vez, há mais ou menos, dez anos. Depois parou, aí foi quando o parque chegou né? Aí pediu pra gente vir pra cá né? Aí a gente veio e todo mundo desligou, aí chegando aqui, cada qual lembrou das devoções que era antes lá né? Pra retornar aquela coisa que era lá no parque antes.

Não sabendo precisar quando começaram as folias na região, os foliões já nasceram vendo seus parentes celebrarem as folias. Muitos relacionam as folias aos lugares em que eram feitas e nos quais grande número de pessoas da comunidade nasceu e viveu até mudarem para a região do parque:

Antônio Ferro Velho fala das folias na região do parque e proximidades

Lá na região do parque tinha de Santo Reis, de São Bom Jesus, do Divino, além dessas daqui, eu mesmo trouxe o meu costume de Nossa Senhora da Aparecida de lá. Aqui a primeira festa foi de Santo Reis, no ano retrasado. Foi em dois mil e quatro. Aí depois de Santo Reis, vem a de São Batista, que é ali no Cajueiro, aí de lá, veio dia doze de Outubro, dia de Nossa Senhora da Aparecida, veio dia quatro de Maio, e daí por diante. A de São João todo ano eles giravam, mas eles giravam só lá, depois que a gente chegou e criou o assentamento aqui, aí a gente rendeu a turma daqui, por que os foliões são daqui né? Aí puxou a folia pra cá. Já está com três anos que eu giro aqui desde dois mil e três. Quando eu morava lá eu girava em Arinos, mas esse ano eu vou girar aqui.

Seu Otaciano e Vargem Bonita (município de Januária-MG)

Lá em Vargem Bonita é o lugar que mais festeja o de Reis, todo ano, num faia um. É o lugar que mais festeja!

Seu Tercílio e Januária

Tem tempo demais que eu saio, eu comecei a girar eu era rapaz. Só que quando eu era rapaz não era assim todo ano, a gente faiava um ano e no outro ano de serviço a gente saia. Era lá mesmo no município de Januária, nasci e criei lá.

As Festas no Assentamento

Quando a gente mudou de lá pra cá, isso a gente vem continuando de lá. Até o ponto que chegou aqui continuou do mesmo jeito. A primeira aqui foi em 2003. (Seu Tercílio)

Aqui no assentamento mesmo tem muito pouco tempo de festa, porque aqui as festas que a gente tem aqui é só as festas de Santo Reis mesmo, na época de janeiro. Só que lá no parque tinha mais festas, tinha de São Sebastião, que era dia 20 de janeiro e Nossa Senhora Aparecida, que era dia 12 de outubro. Aqui no assentamento por enquanto teve só festas de Santo Reis e uma do Divino, que teve esse ano. (Idelino)

Histórias das brincadeiras de roda:

Era bonito, era coisa importante. Juntava as parentaia, ia juntando aquelas mocinha nova. Que de primeiro era outra coisa, a criação era outra coisa, cê sabe que hoje cabou tudo. Hoje deferencou tudo. Foi cabando, foi cabando. Que as pessoas de idade foi afastando, ficou essa mocidade e essa mocidade num liga. Porque cê sabe, essa mocidade... se você for cantar, fazer uma roda aqui, fazer uma brincadeira, eles fazem é caçar. Então vai acabando. Se reunir as pessoas que era mais ou menos, que gosta, inda tem. Mas só se reunir. Uma vez veio Manuele, Neli, veio Deja mais as minina, veio Veriano, e aí foi um bando de gente. E trouxeram uns pernis, trouxeram muito peixe, os minino foram e pegaram peixe e trouxeram um quarto de leitão. Fizeram um fogão lá debaixo daquele é de abacate. Mané e mais Deja é quem foram os assador lá. Deja é quem veio fazer o peixe pra todo mundo cozido e assado, eles assaram lá. E aí foram brincá lá no terreiro, brinca intê a hora que o dia amanheceu. Faz tempo." (D. Arcanja).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

“Marcava o dia e aí todo mundo vinha, vinha à noite. Tinha vez que tinha rezado, outra vez era só pra fazer a brincadeira. Tinha muita brincadeira lá na minha casa, avisava os vizinho tudo: “Fulano, tal dia você vai lá pra casa, avisa fulano pra nós comer um frango, tomar um café, fazer umas roda, lundu. Comia e aí ia brincar, às vezes até o dia amanhecer. Às vezes aquelas chefes começava primeiro e aí todo mundo ia acompanhando. Ali agora todo mundo tinha que prestar atenção, do jeito que um fizesse todo mundo tinha que fazer e os que queimava nós botava pra fora... Era gente! Era gente! E brinca a noite toda. Fui noitera umas seis vezes que eu fui noitera em São João. O noitero dá as velas, dá os fogos, panha a lenha e faz a fogueira de São João. Faz bolo, faz biscoito, café, vinho e leva. E aí chega lá, Quando cabá as reza, aí dá a mesada e depois vai dançá. De primeiro era bão, aí agora cabou é só mesmo as rezas. Ano passado mesmo me botaram de noitera, eu saí. Que a pessoa só, num tem quem faz as coisas. Esse ano tornaram a me botar e eu saí.” (D. Arcanja).

MOTIVOS:

A Principal motivação das folias é a devoção e a fé. Ao passarem por dificuldades, embaraços, ou conflitos, muitos *se pegam com o santo* e prometem *pôr uma folia no giro* caso o santo os livre daquele *embaraço*. O poder de agência (ação, ou interferência no mundo humano) conferido aos santos é tamanho que muitos atribuem sentimentos humanos, como alegria, contrariedade e vingança aos santos. Mas eles são valorizados principalmente por atenderem as graças dos fiéis, proporcionando o restabelecimento da saúde, boas colheitas e crescimento na criação:

Porque os santos, eles têm poder e o povo tem fé, faz o voto com eles, é valido aí tem que cumprir. Já deu muitos exemplos que faz o voto com eles e num cumpri, por isso tem que cumprir, se fazer tem que cumprir. É porque os santos têm poderes, todo mundo que lê a bíblia, pode caçá que tem, tá marcado, foi quem visitou o menino Jesus. O primeiro profeta foi os três reis do oriente que visitou o menino Jesus quando ele nasceu, cada um levou um presente. Baltazar, Gaspar e Brechó (Belchior). Baltazar levou ouro, Gaspar levou incenso e Brechó levou mirra. Eles é tão poderoso, que eu criei foi oito filhos, no poder de Deus, Jesus Cristo, Maria Santíssima e os braços, que até hoje tem buraco, que eu trabalhava de machado fazendo cerca de arame pra ganhar dinheiro pra poder criar os filhos. Aí eu tinha uns dois bezerrinhos, mas num aumentava pra nada aí eu peguei com os três reis, se eles ajudasse que eu adquirisse pelo menos umas dez cabeça de gado. Moça, mas de uma hora pra outra eu possui 16, pra você ver o tanto que eles é poderoso, aí eu peguei um bezerro e dei pra eles. A gente dá pra aquele imperador pra poder dar pro povo que vem, aqueles romeiro que vem assistir as rezas e a festa. Aí, mas os santos ficam tão alegres. Só faz a festa através dos votos que a gente faz, ninguém não faz essas festas a não ser através de voto, a gente sendo prejudicado e faz o voto com aqueles santos, aí eles valem. As pessoas que não cumprem, eles dão o exemplo, tem que cumprir, senão aquela criação vai acabando, o que tem vai acabando, a vida da pessoa vai ficando só petecada, por isso que se prometeu tem que dar mesmo. (Seu Otaciano)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

O motivo é assim: você faz um voto. Às vezes tem um problema na família, você faz um voto. Eu rezei uma do Divino, tava com meu filho passando mal em Brasília, ficou dois anos lá. Então o doutor falou que ia operar ele, mas era arriscado, porque ele era muito novo. Ai eu fiz um voto pros Santos Reis, o Divino e todos os santos. Hoje ele está trabalhando, não tem nada, graças a Deus, está normal. (Antônio Ferro Velho)

Eu prometi à Nossa Senhora Aparecida, porque eu tive um conflito. Eu capotei o carro uma vez, o carro deu três capotada e o carro parou com os quatro pneu pra cima e eu fiquei preso debaixo do carro da cintura pra cima. Fui pro hospital, fiquei lá vários tempos, minha mulher sofreu meus filhos ainda eram pequenos. Eu fui pra casa, minha mulher sofreu muito comigo, aí eu mesmo pedi para Nossa Senhora Aparecida. Que se Nossa Senhora ajudasse, que eu melhorasse, que desse conta de criar meus filhos, trabaia, voltá minha saúde legal, aí eu ia continuar rezando. A partir daquele dia que minha condição fosse o possível, eu ia rezá todo dia 12 de outubro. E aí eu pedi essa santa aqui e ela me acudiu. Tem pessoas que fala: "isso é só um pano!", mas não isso aqui na verdade é só a semelhança dela, ela mesma tá lá em cima, lá no céu. Aí eu pedi pra ela e Deus me abençoou, que eu fui recuperando, minha mulher cuidou muito de mim, me ajudou. Aí eu vim pra'qui, adquiri um lote aqui e aí comecei a pagar. E essa dívida eu tô com ela, é uma dívida assim, que eu vou pagando ela na medida em que for possível, que a dívida seria mesmo eu paguei há um ano atrás. Mas eu quero continuar rezando, que foi um santo que me ajudou. O santo vai me ajudar que todo ano eu rezo! Mas a promessa já tá paga. Agora daqui pra frente é mulher (sua esposa Chica) que quer rezar, que ela gostou, gostou da comunidade do pessoal, da vizinhança, a vizinha dela ali é muito amiga dela. (Seu Alberto)

Apesar da maioria dos imperadores assumirem esse ofício para pagamento de promessa, alguns, como Seu Eduardo, podem fazê-lo apenas por apreciarem aquela manifestação:

O motivo é esse, porque a festa de Reis eu achava muito bonita. Não era promessa não era nada. Eu achava a festa de Reis bonita, então eu tinha o desejo de fazer uma festa na minha casa. Aí, fiz o primeiro ano e achei bom e continuava. Era um ano sim e um ano não era todo ano não. O pessoal geralmente é imperador por promessa, eu não, foi por boa vontade, porque eu achava a festa bonita. Aí eu comecei um ano pra experimentar, pra ver se dava certo, aí achei bom e as coisas pra mim foi fácil, botei pra quebrar na festa. Mas tinha a reza, eu rezava, a reza era no último dia. Porque a festa de Reis quem cumpre a promessa é os folião, por que os folião é quem sacrificia no mundo, é moiendo, é enfrentando o rio cheio. Lá tinha muito rio, muita água, Tinha vez que entrava num córrego, tinha todo mundo que desarrriá, pra caçá uma pinguela pra passar a cela. Lá é assim.

TRANSFORMAÇÕES:

As mudanças e transformações numa determinada comunidade não são necessariamente negativas, ao contrário, espera-se que uma cultura se transforme, pois uma de suas principais características é o caráter dinâmico. É importante observar como os membros da comunidade observam e sentem estas mudanças. No Assentamento São Francisco, os foliões reconhecem que houve transformações que influenciaram as folias. Muitas delas estão relacionadas à saída da região do parque, outras são relacionadas com transformações mais amplas:

DE PRIMEIRO SAIA A DIVINDADE, NÃO TINHA UMA QUE TINHA ESSA CACHAÇA SOLTA QUE TEM HOJE. QUE HOJE ELES TOCA A FOLIA A TROCO SÓ DO ÁLCOOL E ISSO NÃO É DE ACERTO. NO NOSSO TEMPO, NO TEMPO QUE EU APRENDI, ÀS VEZES O ALFERES CARREGAVA UMA GARRAFINHA DE PINGA COMO REMÉDIO PRÓPRIO PARA SE POR ACASO UM FOLIÃO ENVOCASSE ELE DAVA UMA DOSINHA PRA MELHORAR. HOJE ELES TÁ BEBENDO É... ELES NUM TÁ SOMANDO DE É DIVINDADE, OU SE É RITMO DE CACHAÇA, TÁ ASSIM, POR ISSO QUE EU TÔ ACHANDO QUE TÁ MUDADO É POR ISSO, PRA MIM TÁ É MUITO! E PRA QUEM ENTENDEU, CONHECEU, ALGUNS QUE TÁ DE MENOR IDADE QUE EU NÃO ENTENDE. HOJE NÃO É SÓ A MOCIDADE NÃO, ATÉ OS VELHOS PARECE QUE MUDOU, SÓ NÃO EU E OUTROS COMO EU. TEM UM GUIA NO BURITIS, QUE É O GERÔNIMO, TAMBÉM NÃO BEBE, É IGUAL EU. (SEU OTACIANO)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DEPOIS DA MUDANÇA DO PARQUE PRA CÁ PRA MIM, NUMAS PARTES FICOU ATÉ MELHOR. PORQUE LÁ É UM DESERTO E AQUI É DENTRO DA POPULAÇÃO, MISTURADO. SE ALGUÉM PRECISAR IR EM QUALQUER LUGAR, CAÇAR UM RECURSO, QUALQUER COISA QUE NECESSITAR NA CIDADE, TÁ AQUI PERTO E LÁ QUEM TINHA CAVALO, ANDAVA A CAVALO, DUAS, TRÊS LÉGUAS. ANDAVA ATÉ DEZ LÉGUAS PRA CONSEGUIR UMA LATA DE ÓLEO, DESCENDO SERRA E SUBINDO SERRA, UMAS CINCO HORAS DE VIAGEM. HOJE FACILITOU, ATÉ PRA FOLIA GIRAR FACILITOU. (SEU OTACIANO)

JÁ PERDEU MUITA COISA QUE A GENTE VIA NO TEMPO PASSADO MESMO, AGORA NÃO VÊ MAIS NÃO. QUE FICA SÓ UMA PESSOA OU DUAS QUE SABE E JÁ FICA SOZINHO E VAI DEIXANDO TAMBÉM. VAI MUDANDO, O TEMPO VAI PASSANDO E A GENTE NEM VÊ. QUANDO DÁ FÉ VOCÊ JÁ TÁ EM OUTRO MUNDO, EM OUTRA SABEDORIA MAIS DIFERENTE, SEM PERCEBER. ANTES AS CASAS ERAM MAIS DE PALHA, AGORA TEM MAIS DE ALVENARIA. MAS DE PALHA NÃO É PORQUE O PESSOAL QUERIA, MAS ERA PORQUE A CONDIÇÃO É AQUELA. ERA O JEITO DE FAZER, DOS RECURSOS NATURAL QUE TINHA. ELA É BOA, MAS DE CINCO EM CINCO ANOS TEM QUE TROCAR O TELHADO. ATÉ PRA DESLOCAR DE UM LUGAR PRO OUTRO, MUDA TAMBÉM AS CONDUÇÃO, QUE ANTES ANDAVA A CAVALO. DE PRIMEIRO NOIS MORAVA NO PARQUE, O PESSOAL IA PRA JANUÁRIA A CAVALO, DE CARRO DE BOI, GASTAVA DOZE DIAS DE VIAGEM. NÓIS IA PRA ARINOS FAZER COMPRA E IA A CAVALO, NÃO TINHA CARRO. MAS PRA ARINOS ERA DOIS OU TRÊS DIAS. O PRIMEIRO CARRO QUE EU VI EU TINHA DEZ ANOS, FIQUEI ATÉ COM MEDO DELE. HOJE JÁ MUDOU, HOJE DE CAVALO NINGUÉM GUENTA MAIS ANDAR, O PESSOAL SÓ ANDA SÓ DE CARRO. QUEM TEM UM CAVALO ANDA AQUI PERTINHO, TRÊS QUILOMETROS, DOIS QUILOMETROS. DE PRIMEIRO O PESSOAL VINHA LÁ DO PARQUE QTE FORMOSO A CAVALO. SÓ NA FOLIA QUE AINDA GIRA A CAVALO, ONDE FOR LONGE, ONDE FOR PERTO TEM REGIÃO QUE AINDA GIRA A PÉ, MAS AQUI INDA USA CAVALO. (IDELINO)

É claro que em qualquer comunidade nem sempre há consenso. Gumerindo, como outros moradores do assentamento, percebe a influência de transformações estruturais (ocorridas devido à transferência para o assentamento) nas festas e danças da comunidade:

Aqui tinha esses negócios das mulher cantar. Mas agora parou, agora não canta mais, não canta roda, não canta batuque. Ficou sem graça demais, pra mim ficou sem graça. Eu gostava do tempo que lá no parque cantava roda demais. Antes de mudar pra cá não tinha parado. Lá não, lá nunca tinha parado não. Parou aqui, depois que mudou aqui, quatro anos mais ou menos. Acho que acabou o movimento, que lá era todo mundo unido. Parou a festa, ia fazer uma festa, aí dançava batuque, as muié dançava batuque e dançava roda também. Agora diminuiu, parece que diminuiu os vizinho. Uma metade é o povo que tava lá, a outra metade não. Tem mais gente de fora aqui. Uns é parente e outros não é não. Um bocado morava lá, outro bocado não. É do parque, mas de outro lugar, que morava lá. Juntou gente de lugares diferentes. Tem dia que eu digo: “Oh meu Deus do céu, hoje não é como de primeiro como eu morava no parque. Eu gostava de sair, cantava uma roda, cantava um tamanduá, e aqui hoje o povo já num canta, ninguém gosta disso, parece que não”.

Apesar de reconhecerem algumas mudanças devido à transferência da comunidade para o Assentamento, muitos reconhecem que as mudanças não ocorreram apenas por este motivo, e nem apenas na comunidade. D. Nica convida-nos a pensar: “*Tudo Mudou. O mundo não transformou? Depois que o mundo transformou, o povo transformou também. O povo só quer coisa moderna!*”. Outros, como Zé Pela Porco, não vêem uma ruptura entra a vida que levavam na região do parque e a vida no assentamento. Para ele, isso se deve a continuidade nos laços de parentesco e vizinhança:

Depois que mudou pro assentamento continuou a mesma coisa de lá, por que todo mundo aqui é amigo. Veio do parque, mas um chega ali na casa do outro e “vamo ali, fazer uma farra ali?”, vambora. Quando nos mudamos já teve folia de Reis no Zézin Preto, foi Eva irmã dele a imperadeira. E ela passou o mastro pra Zézin e no outro ano ele foi o imperador, aí eu girei pra ele e no outro ano tornei a girar. E nesse ano agora, eu quero rezar denovo. Foi um ano na Eva e dois anos no Zézin. Ela rezou dois anos lá no piratinga e terminou aqui, porque quem reza de Reis, se rezar um ano tem que rezar três anos, porque senão a prece não fica cumprida. Ela terminou e entregou pra ele, ele já rezou dois anos e agora tem que rezar mais um. O guia é o Tercílio Preto, desde o começo que ele é folião de guia antigo. E sempre eu canto assim, quando tem uns ponto que eu vejo que não dou conta, de curral essas coisas ele que canta, mas se eu souber ele fala: “Ó Zézin, ocê toma conta”. Quando é folia, eu não tenho medo de cantar folia não. Eu cantava numas casa por guia mais Aldelino, numas casa ele (Tercílio) cantava mais Zézin, filho dele. Mauri respondia mais Hélio, era contraguia. Em outras casas era eu por guia mais Aldelino, e aí repondia Onias (meu irmão) e o Lidilau. Às vezes ele era o guia, e às vezes era eu, por conta que ele tá meio véi, aí ele pedia pra eu fazer.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05**

Seu Otaciano aponta que a necessidade da folia de Reis girar pelo menos três dias ou três casas durante três anos muitas vezes não tem sido cumprida:

Tem gente assim, que faz dos Três Reis. De primeiro assim, tem que rezar três anos, que eles é três. Agora muitos só rezam as três ladainhas e arranja um guia que entende na entrega explica com as palavras que arremata num ano só. Mas eles não gosta, eles gosta de fazer cada ano pra um, porque ele é três. De primeiro só fazia os três, eu mesmo fiz um voto uma vez, tem muitos anos eu era novo, aí fui valido, rezei um ano, passou um bocado de anos, rezei o outro ano e depois rezei o outro ano. Tinha que rezar os três. Agora eles tão fazendo assim, porque Deus não é vingativo, os santos também não, então tem deles que às vezes se sente assim prejudicado, que às vezes num dá conta, só que se pegá com o santo ele é poderoso, ele dá tudim na mão da pessoa. Mas eles tão fazendo assim, porque mudou de primeiro a gente fazia uma festa não tinha balaio de gato no meio, hoje as coisa mudou demais, aí tem gente que já reza as três ladainhas, faz o giro, às vezes faz três dias ou seis dias, aí faz a entrega e explica, tem que ser o guia que sabe, não é tudo mundo não.

Até a folia tá girando menos, antes girava 7 dias. Agora tá girando 3 dias, mas tem vez que gira mais. Mas ficou mais difícil, porque o povo aqui é desunido. Parece que uns quer, outros não quer. (Gumerindo)

Outra transformação na comunidade refere-se às danças de terreiro ou danças de roda. Se há alguns anos atrás era comum sua realização, como brincadeiras das festas, hoje as danças de roda não são mais praticadas. Como fala Zé Pela Porco:

Batuque pras muié dançar no terreiro, depois cabou. As dança de terreiro, pras muié dançá roda. Esses menino não aprendeu não. Eles não gosta não, eles gosta só de relá bucho. Eles não conheceu isso não. O povo tá mexendo com esse negócio de baile e largou isso tudo, que as dança boa era as que tinha de primeiro. Hoje é só baile e forró, forró não presta.

Zé Pela Porco aponta outro fator que têm influenciado as transformações na prática ritual e musical: o forte ritmo de trabalho que impede que muitos jovens aprendam o ofício de folião:

HOJE NÃO É QUE NEM AQUELES TEMPOS QUE MUITA GENTE FICAVA NA CASA DOS PAIS, HOJE É DIFÍCIL. QUE NEM ELE AÍ MESMO (FILJHO DO SEU ANEANDRO), ELE É EMPREGADO. AÍ NÃO DÁ TEMPO, OS PATRÃO NÃO DÁ VAGA PRA ELES APRENDER AS MÚSICAS, AS DANÇAS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

O maior número de representações sobre folias, em quantidade e riquezas de detalhes, gira em torno da Folia de Reis. É relevante aqui considerarmos as representações sociais em torno da folia, reconstruída por meio de conhecimentos repassados oralmente pelos antepassados dos foliões. Não buscamos averiguar a veracidade de fatos históricos, ou mesmo buscar a comparação com outras representações de outras comunidade, o que está em jogo aqui é a construção mítica sobre as folias, repleta de verdades.

A história dos Três Rei, por Seu Eduardo:

Quando Jesus nasceu, o primeiro que visitou Jesus não foi os três reis? Cada um levou uma oferta, um levou incenso, outro levou mirra e o outro levou ouro. Agora aquelas ofertas, quando o folião chega e acabou de saudar o morador, na hora de embora aquele morador dá aquela oferta. Faça de conta que os folião é os três reis, quando foi visitar Jesus cada um levou um presente para Jesus. Agora chega de cá, nós num temo a mirra, incenso e ouro, nós damos o dinheiro e naquele lugar pra poder representar como foi no princípio do mundo. Porque antes do nascimento de Cristo não tinha folia, não tinha nada, depois que nasceu cristo, que os três reis andou. Mas os três reis não levou viola, não levou caixa, não levou nada. Mas aí pros folião chegá e fazê a mesma coisa, quando é no tempo aí os folião vai girar, fazendo a mesma caminhada que os três reis fez pra visitar Jesus. Cada um levou um presente, chegou lá onde Jesus tava, então o condo (mastro da bandeira) era pequeno, um levou um presente e ajoelhou, fez a venda e entregou. O outro fez a venda e entregou, e outro e aí entregou. Agora nós todos faz a mesma festa, fazendo como quem faça de conta que é no tempo de Cristo, que os três reis foi visitar. E aí daí pra cá foi que começou as festas de Reis. Não tem ouro incenso e mirra, mas tem viola pandeiro e caixa e é isso que os folião leva. E na hora de entregar a folia, entrega a folia e entrega a mesma coisa, entrega pandeiro caixa e viola. Primeiro canta a imperadera ou imperador e o alferes entrega o mastro, agora os folião canta entregando pandeiro, caixa e viola. E naquela hora entrega ao imperador tudo e aí agora tá desarvorado. (...) Porque o cantorio é uma oração, aquilo é um voto que sai cumprindo que o folião é quem cumpre a promessa. Porque o folião sai fazendo a caminhada, como os três Reis fez. Faz de conta que é os três Reis que tá caminhando pra visitar Cristo, quando cristo nasceu. Agora, os folião é quem sai fazendo a caminhada, com aquela caminhada que eles faz tem que ter muito respeito. Sai a folia cumprindo aquele voto, faça de conta que é como os Três Reis saiu oriente, que eles foram escondido, de Satanás, que Satanás tava perseguindo. E eles foram por uma estrada e voltaram por outra. Os folião sai fazendo a mesma caminhada dos Três Reis.

O uso dos instrumentos na folia por Zé Pela porco:

A folia, quando os Três Reis girou, não tinha nada, não tinha viola, só andava os três. Aí que o povo inventou o negócio de folia, de viola, mas não tinha não. Porque quando Jesus nasceu, os Três Reis que visitou Jesus no dia em que ele nasceu. Agora depois que o povo usou esses negócio de viola, tudo né. Quem começou a folia foi ele, os Três Reis, mas eles não tinha toque nenhum, o pessoal que inventou, eles só andava. Só andava os três, no dia que Jesus nasceu em Belém. Na bíblia tá marcado, aprendi um pouco assim. Os três reis: Gaspar, Brechó e Baltazar. Naquele tempo é a semelhança, a pessoa anda muntada a cavalo e pegou aquela toalha ali, tem que andar bem certinho. Eles andava, mas não cantava, mas pra cantar tem que ter o instrumento, a viola, o pandeiro e caixa, se não, não acompanha e os folião não acerta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****01****06****F20****05****O livro do Oriente como fonte de aprendizado dos guias de folia, por Seu Otaciano:**

Peguei pelo livro do oriente. Os mestres pegou e aí passou pra mim. O que eu sei, as tabelas que eu sei, vêm do livro do oriente. Justamente porque não tem outros livros sobre folia de reis, a não ser o livro do oriente. Quem dizer que tem, eu digo que é mentira, que não tem. Esse livro tá difícil, se é que ainda existe ele, mas é difícil. Quem me passou foi os mestres que eu aprendi, um foi meu avô Epifânio, que era o folião mais (...) que tinha nesse mundo lá na região de Januária era ele, e eu aprendi com ele. Os outros, aprendi com outros mestres. Só que eles aprenderam pelo livro e passaram pra mim a cópia. Tinha vez que eu lia só três vezes e colocava debaixo do travesseiro, já amanhecia sabendo, mas é a força. Porque eu nasci pra isso. Eu não faço nada a não ser por força da obra divina, pela obra da natureza. Porque eu nasci no mato, embaixo de um pé de jatobá carreira, o Dom meu foi Deus quem me deu. Só mesmo assim o ofício de Nossa Senhora, Virgem Imaculada Conceição, eu aprendi no livro, sabe. A ladainha de Nossa Senhora eu aprendi no livro, os Reis, tudo pelo livro, da santa escritura, eu não canto nada fora da escritura é por isso que o povo gosta, e os outros cantam inventado e aí não vale.

A alegria e a harmonia social como constituintes das folias:

Nas nossas festas lá não acontecia nada, porque briga não tinha. Tinha só amizade, amor, que o povo vinha de longe. Aquele imperador sacrificava com aqueles pessoal que vinha pra festa, porque o imperador tava responsável por aquele pessoal todo, tinha que agradar todo mundo. E o povo saía tudo alegre com ele, mas tem imperador que não, que às vezes agrava as pessoa que vem de fora e quem dá a festa não pode agravar ninguém, tem que tratar todo mundo com educação, com amor. Quando tinha uma festa boa assim, todo mundo falava: “Que festa boa!” E quando a festa é ruim: “Ih, a festa não prestou pra nada”! (Seu Eduardo)

Não tem tristeza na folia, só tem alegria, é todo mundo brincando cantando, se sair alguma coisa errada a gente inventa uma musica, só alegria mesmo. (Antônio Ferro Velho)

Ao final da folia do Divino e da de São João, o mastro é quem vai direcionar para onde a folia do outro ano vai girar, Como fala Antônio Ferro Velho:

Assim, fica o madeiro ali e aí coloca aquele varinho, aquele pequeninho ali, tem que colocar ele bem retinho. Aí pra onde ela amanhecer virada ali, naquele local ali e aí a pessoa pede. Na hora que vai derrubar o mastro, no outro dia e aí a pessoa pede.

7.3. CRONOLOGIA

Data	Descrição
06 de janeiro	Folia de Reis
20 de janeiro	Folia de São Sebastião (não gira no assentamento, mas girava na região do parque)
19 de março	Folia de São José (não gira no assentamento, mas girava na região do parque)
Dia de pentecóstes, marcado no calendário da igreja católica. (abril ou maio)	Folia do Divino espírito Santo
24 de junho	Folia de São João Batista (Gira no assentamento, mas o arremate é no Cajueiro.)
12 de outubro	Folia de Nossa Senhora Aparecida
13 de dezembro	Folia de Santa Luzia

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO

As etapas da folia foram aqui separadas e esquematizadas apenas com o objetivos metodológicos. As etapas de uma folia não são ritualizadas separadamente pelos foliões. Para o entendimento de uma folia, como um ritual, deve-se vê-la como um ciclo. Em que cada etapa está logicamente ligada à outra: saída, giro (desenvolvimento) e chegada, como um todo que compõem o ciclo ritual.

Etapa	Atividade
Promessa e Preparação Prévia	O 'motivo' que impulsiona a folia é, geralmente, a promessa. Assim que o pedido for atendido e o imperador se sentir em condições de realizar a folia ele começa os preparativos. Os preparativos envolvem o contato com os foliões, com as pessoas da comunidade, que podem oferecer ajuda em forma de trabalho ou de oferendas, e na alocação de recursos materiais por parte do imperador: <i>"Tem que começar a preparar bem antes, quando já tá assim faltando uns trinta dias a gente já começa a encomendar. Encomenda um fazendeiro o queijo, encomenda ovo, que mesmo tendo a galinha não dá pra gente juntar, que vai é muitas dúzias de ovo. Compra as coisas tudo com fatura, compra café com fatura pra dar o povo pra tomar."</i> (Seu Eduardo).
Alvorada - Saída da folia	A saída da folia é feita na casa do <i>imperador</i> ou <i>imperadeira</i>, como eles dizem no caso deste papel ser ocupado por uma mulher. O <i>imperador</i> entrega as divisas aos foliões e a bandeira ao alferes. São feitas rezas e o primeiro cantório da folia. Antes da saída da folia serve-se comida aos foliões, pode ser um almoço ou jantar, ou ainda café com bolo: <i>"Todo mundo tem que reunir na casa do Imperador antes de começar. Tem que reunir tudo na casa do imperador, se a promessa é dele, reúne na casa dele e então sai. Já sai naquele dia e já vai girar. O primeiro pouso reúne na casa do imperador, que ele que chamou nós e então vamo lá tirar aquele negócio. Sair com a bandeira lá, aí agente gira. Ele que marca o dia e até a hora de chegar, e tem que chegar na hora."</i> (Zé Pela Porco). <i>"Que eles arvora na hora que o folião chega na casa, que é pra reunir, pra sair a folia, todo mundo arvora pra poder pegar as toalhas. Aí que o sinal dos folião, acabou de arvora, tá arvorado, pode sair. E se arvora tem que sair. Pra arvorá o folião de guia canta, e o imperador e manda entregar as coisas tudo que são do giro da folia. Aí entrega as toalhas, entrega as coisas tudo, os instrumento. Depois que eles recebe e pôs a toalha no pescoço, aí tá arvorado. Arvorá é pra sair, pra começar o giro da folia. Festa de Reis é duas festas, a saída da folia é uma festinha mais pequena, o povo junta tudo pra ver os folião alvorá. Isso é uma festa, tem comida, tem bolo. Depois é seis dias, aí o imperador fica trabalhando ali, mata gado, arruma comida, uma carne. Agora quando chega é outra festa."</i> (Seu Eduardo).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Moradores (moradeiras) e Pousos	A partir da saída do giro, a folia vai fazer o giro, percorrendo as casas e cantando para abençoar os moradores. Os moradores, por sua vez, podem oferecer café, biscoito e bolo aos foliões as refeições principais serão feitas em casas previamente selecionadas pelo alferes e /ou imperador. Receber uma folia em casa é considerado uma benção, muitos moradores também fizeram promessa. Durante o cantório ao morador, rezam, ajoelham-se e beijam a bandeira. Os pousos também são previamente estabelecidos, e muitas vezes são determinantes no giro, pois a folia vai passar nas casa que ficam entre os pousos. Geralmente o pouso da folia de reis é de dia, se ela girar a noite, enquanto o pouso das demais folias vai ser à noite. Nos pousos o cantório é feito na chegada e na saída, agradecendo a hospitalidade dos moradores: <i>“Você chega com a folia aqui, não vai viajar mais e vai posar aqui, aí pede o pouso. Pousa e no outro dia, eles almoça e vai agradecer. Aí põe as vasilhas tudo aí na mesa, arrudeia de folião, agora vai andando e agradecendo a mesa. Pouso de folia também quando eles sai tem que agradecer o dono da casa, pelo café que bebeu, pelo bolo.” (Seu Eduardo).</i> <i>“Se for chegar meia noite, que você vê que o dono da casa está dormindo, aí afina as violas e chega todo mundo caladinho e começa a cantar o Reis ali, aí a pessoa já se assusta com a cantoria sabe? Aí eles levantam, acendem a luz, aí você entra e começa a cantar o Reis lá. Aí termina de cantar o Reis e aí fica brincadeira lá. As brincadeiras são curraleira, lundu, catira nós num dança, por que a gente não sabe mexer. Eu até sei assim, mas aqui eles não sabem não. Aí ser for a folia do Divino chega de dia. Aí chega normal, a gente chega, afina a viola, aí canta o Reis né? Aí pede pouso né? Enquanto isso a gente pede o pouso.” (Antônio Ferro Velho).</i> <i>“Antes de chegar na casa do Imperador, tem o ultimo pouso, aí é o ponto de almoço, o ponto de lavar as toalhas, passar ferro, pra chegar limpinho lá no arremate. Às vezes pode passar em uma casa ou duas, pra chegar no ponto certo lá no final. É, aqui na folia do Divino, não roda de noite, só roda de dia. Agora a de Reis, é dia e noite.” (Antônio Ferro Velho)</i> <i>“Os pouso, quando não ranja quem vai, um dos folião ai e vai avisar aquele dono de casa se pode dar o pouso pros foliões lá. Os que pode fala “pode vir”. Os que não pode tem que caçar outro. É tudo preparado, tudo organizado.” (Seu Otaciano).</i>						
Encontro de folias durante o giro (ocasional)	Muitos relatam o possível encontro de folias durante o giro, que ocorre principalmente na época em que havia muitas folias em giro em comunidades próximas ou mesmo dentro de uma mesma comunidade: <i>“A gente sai com a bandeira e cada um tem um mastro. Quem carrega o mastro, a bandeira é o alferes. Na hora do encontro das folia tem que saudar a bandeira. No saudar da bandeira, o alferes que tá na casa vai pra fora, a folia que tá dentro sai fora, na hora que a outra vem. Aí recebe a outra lá, e aí tem que saudar o mastro. Aí eles fazem o cruzeiro, a venda, um faz de cá e o outro faz de lá. Agora vão saudar a bandeira. Se tiver o alferes que for o mais sabido, aí toma bandeira do outro e não tem direito de dar mais não. Eles vão saudar a bandeira, um faz a venda de lá, o outro faz a venda de cá. O que sabe mais mete a bandeira na outra e toma a bandeira da outra. É bonito o encontro. O mastro é tudo de um santo só. A folia não pode brigar não, a folia de Reis. Eles cantam desafio, mas não é verdade não, o folião não pode cantar desafio, o folião tem que saudar o outro. Os que tiver cá dentro saúda o outro que tá lá. Saúda como amigo, não pode maltratar não.” (Seu Eduardo).</i>						
Levantamento do Mastro (Só ocorre nas folias de São João e do Divino)	Nas folias de São João e do Divino há o levantamento do mastro na festa do encerramento da folia, antes do arremate. O levantamento do mastro marca o início da festa do arremate e a sua derrubada, o final: <i>“A festa de São João é igual à festa do Divino. Levanta o mastro de madeira, às seis horas da tarde, depois que a folia chega. A folia chega, canta o reis na lapinha e aí tem que fazer o cantório, porque levanta o mastro fazendo o cantório. Aí vai jantar, depois da janta reza na lapinha, aí vem a entrega da folia. Depois se quiser dançar um baile, dança. Tem lundu, curraleira e forró. No outro dia cedo derruba o mastro, e aí vai todo mundo embora pra casa.” (Antônio Ferro Velho).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Cruzeiro		O Cruzeiro é feito na chegada da folia na casa do imperador no dia do arremate. É uma cerimônia pomposa, em formam-se duas filas com os foliões montados nos seus cavalos. A bandeira vai à frente e as filas se movimentam de modo a formar um desenho de coração: <i>“Faz um coração. É, todo mundo a cavalo, faz uma fila, um pra um lado, e outro pra outro, aí faz com o retrato (bandeira) da direita né, o retrato pra um lado e a caixa pro outro. Isso é uma saudação. Aí termina vai pra dentro da casa. Vai pro altar, canta no altar, aí lá pras onze horas, reza, tem a entrega da folia. Aí depois que entrega a folia, quem quiser dançar forró, fazer outros tipos de dança pode.”</i> (Antônio Ferro Velho). <i>“Eles fazem com a venda da bandeira. Um faz o pé do cruzeiro e o outro faz o braço. Um faz um braço e o outro faz o outro lá. Pega a bandeira e faz a venda assim, girando a bandeira.”</i> (Seu Eduardo). A venda ou vênica (termo encontrado por Roberto Correa, em pesquisas em outras regiões) consiste em movimentos circulares com a bandeira em sinal de saudação: <i>“É com a bandeira e a bandeira é de pano e tem o cabinho dela de vara. O varãozinho dela chama condão.”</i> (Seu Eduardo).					
Festa do Arremate da Folia (Entrega da folia)		O arremate é a finalização da festa, depois do giro completo da folia. Depois do cruzeiro, os foliões <i>apeiam</i>, ou seja, descem dos cavalos e adentram na casa do imperador. Neste momento são feitas rezas e as ladainhas. Depois das rezas, há a entrega da folia, é feito o cantório de entrega, a bandeira é colocada na lapinha e os foliões entregam as toalhas ou divisas, simbolizando que o giro está terminado. No momento da entrega cada folião segura uma candeia de cera de abelha acesa. O imperador retira, uma a uma, as divisas dos foliões e as coloca no altar. Na festa do arremate toda a comunidade participa, depois da entrega da folia é servido o jantar a todos. Depois do jantar são feitas as brincadeiras: a curraleira e o lundu. <i>“É o mesmo cantório, só que as palavras às vezes muda um pouquinho, tem que entregar o mastro que é a bandeira. Tem que entregar as toalhas, já bota as toalhas de um lado, tira as toalhas do pescoço e já bota do lado esquerdo. Aí é o guia que sabe, tem guia que não sabe explicar. Aí vai cantando, tocando, a música é a mesma, só muda as palavras. E aí entrega né, o arremate da folia é a entrega da folia. Gira, gira, gira, chegá lá reza, lá no pé da lapinha, do altar, e aí vai entregar. Os folião tudo, e aí na hora da entrega ainda tem luz, de primeiro usava candeia de cera, pra cada um dos folião arranjava uma mulher pra segura, até hoje ainda usa. Mas tem uns que esquece, os folião mais novo, mas tem que ter, não tendo candeia pode ser vela. Se as mulher da gente tiver, quem tem mulher ali ela vai segurar pro marido, se não tiver arranja qualquer outra filha de Deus. Aí o folião mestre fala, folião que é o guia que sabe, que nem eu, tem as palavras que fala pra iluminar.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Entrega a folia pra entregar o que ele recebeu. No dia do arremate, depois que acaba de rezar a ladainha, entregou o voto, agora a folia vai entregar. Entrega pro imperador, primeiro entrega a bandeira, e aí sai a imperadeira sai de folião em folião, correndo o giro, tira atoaalha de um, bota no braço, até que toma tudo. Aí tomou, coloca lá no altar, Aí agora o voto tá cumprido. Aí agora vai brincar, aí a noite é de festa. Só não pode dançar forró em festa de Reis. A festa de Reis é uma festa de brincadeira, que dança lundu, é guaiana, é curraleira. As dança de folião é essa, folião não pode dançar forró não.”</i> (Seu Eduardo).					

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Foliões	Os foliões são os integrantes do terno de folia. Geralmente são doze foliões que se revezam tocando, cantando e fazendo as brincadeiras. Numa folia as funções são: guia, contra guia, seus ajudantes que respondem junto com eles, caixeiro, violeiro, e os tocadores de pandeiros. <i>“Sempre é doze folião, se sair mais do isso é vagabundagem. Porque ali pra brincá, na hora que um cansa tem que ter os outros pra ajudar. Tem que saber tocar a curraleira, saber tocar viola. Porque uns faz uma coisa outros faz outra.”</i> (Seu Eduardo). <i>“O guia puxa a viola e a divindade, e o contra guia responde mais o outro. A mesma coisa que eu falar eles tem que responder. Os outros folião bate, os que toca viola é viola, violão é violão, pandeiro é pandeiro, rapa-pau é rapa pau.”</i> (Seu Otaciano). Foliões que giraram a folia do divino em 2002: Otaciano, Ferro velho, Alex, preto, Lico, Denir, Jôse, Alvair, Dê, Quinca de Tácio, Valdinei, Toni, Caximbina, Herculano, Zezinho, Osvaldo, Zé Raimundo, Eliezer e Dominginhos. Foliões que giraram a folia do divino em 2006, conforme Seu Otaciano: <i>“quem girou foi compadre Antônio Ferro Vêi (contra guia), Eliezer (que canta por guia e é violeiro), Quinquinha (cantou comigo, e quem respondia uma hora era Ferro Vêi, outra hora Eliézer), Herculano (viola), Aldelino (pandeiro), Tercílio Preto (caixa), Hélio (pandeiro)”</i>.
Imperador ou Imperadeira	Geralmente é uma função ocupada por alguém que fez uma promessa. O imperador tem a função de reunir os foliões, providenciar eventuais provisões de que eles necessitem. A principal função do imperador é a realização da festa do arremate. <i>“A principal função é fazer a festa do arremate. Ele se trata o império real, vai daqui, vai d’acolá, mas despeja lá. Os foliões e os arromeiros que gostam de assistir a missão. O imperador tá lá esperando, arrumando da casa, ele arruma a festa.”</i> (Seu Otaciano). <i>“Nóis saía a folia no dia 22 de dezembro. Agora os folião ia girar e eu ia ficar na casa fazendo as coisas, matando o gado e mexendo com a cria, pra hora que a folia chegasse. O preparador da folia, agente reúne as pessoas pra sair no giro. Pra sair no giro não pode ser pessoas dominadas pro cachaça, não. Porque se os folião for muito viciado em pinga, então a folia não sai em paz não. Porque tem que ser as pessoa tudo unido, por que a folia de Reis é de muito respeito.”</i> (Seu Eduardo).
Alferes	O alferes ou encarregado é quem deve traçar o itinerário do giro junto ao imperador. É uma função de grande responsabilidade, pois além de coordenar o trabalhos dos foliões, o alferes deve carregar a bandeira à frente da folia. É o alferes o responsável, também, por recolher as ofertas dos devotos durante o giro da folia. <i>“O alferes é o comandante que manda até no guia. O alferes, o que precisar fazer com o retrato ele é o responso. Ele que traça o giro. Comanda a hora de sair, a hora de chegar, mas só os que sabe. Ele quem leva a bandeira. Ele é uma pessoa que tenha responsabilidade, que ali ainda é mais firme, aqui mesmo é pessoas novas que não tem prática, o meu alferes mesmo é uma pessoa que tá com 94 anos, ele mora lá onde eu morava, nessa região aí do parque. Agora aqui no assentamento, esse não tem marcação não, a gente ranja uma pessoa, compadre Antônio, Ferro Vêi mesmo já saiu. Esse ano no Divino que eu girei foi compadre Antônio, ele era imperador e o alferes.”</i> (Seu Otaciano). <i>“O alferes é pra carregar o mastro, receber as ofertas.”</i> (Seu Eduardo).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Guia ou Capitão de Folia	O guia ou capitão é uma das tarefas de maior responsabilidade no terno. O guia detém o conhecimento dos cantórios, ele é quem puxa os cantórios, junto com seu ajudante, que serão respondidos pelo contra guia e seu respectivo ajudante. O guia, em geral, conta com um número de companheiros que pode acionar para girar uma folia com ele. São foliões que já tem costume de girar com aquele guia, que conhecem seus repertórios de cantórios, muitos são até 'ensinados' ou 'treinados' por ele. Os guias mais experientes do assentamento são: Seu Otaciano e Seu Tercílio Preto. <i>“Ele é o guia que comanda. Ele é o guia, as cantorias é ele quem puxa, as saudação é ele quem puxa. E eu rezo uma ladainha também, rezo a doutrina todinha. É porque aprende as tabelas e sai cantando por guia. Então eu vou cantando e os outros vai me ajudando. Capitão é quem puxa. Reúne os folião, os instrumentos e os outros companheiros. Eu sou o guia, o folião de guia e os outros são os companheiro. Tem que sair de oito, ou de dez ou de doze, tem vez que sai até de quinze, com o alferes (que é o que sai com o condãozinho). Faço o cantorio de qualquer tipo que a pessoa precisar. Se for pra fazer o do morador, eu faço o do morador. Se chegar um viajante e pedir: “Eu quero um cantorio de reis!”, eu faço. Quer dizer, fiz a do dono da casa e já faço a do viajante, pede eu pra fazer que às vezes ele não tá na casa. Se um fazer uma promessa pros três reis de mandar fazer um cantorio, ele de joelhos, isso aí já é um cantorio diferente, eu faço também. E aí Quando passar isso daí, aí nós vai fazer os lundu, as curraleira e as catira se precisar.” (Seu Otaciano).</i> <i>“Aquilo ali é um cargo que a gente pega ali, que é um cargo com respeito. Tem muitos folião que pega um cargo desse e... mas folião não pode ser assim não. Se ele pega aquela divindade ele tem que respeitar.” (Seu Tercílio).</i>						
Contra guia	O contra guia responde, em segunda voz, o cantorio puxado pelo guia. <i>“O contra guia responde. É assim, aí eu sou o guia e ele é o contra guia, aí eu começo a cantar e ele me acompanha, eu começo primeiro e ele me acompanha. Por exemplo, estamos eu e ele aqui, eu puxo primeiro e ele faz a segunda, vocês dois são os que estão respondendo, o contra guia né? Aí um de nós fala aqui e vocês respondem do mesmo jeito lá. Vamos supor, nós quatro.” (Antônio Ferro Velho).</i>						
Noiteiro	O noiteiro ajuda o imperador no dia do arremate oferecendo algum prato, ou material necessário: Se o imperador é responsável pelo último dia da festa o noiteiro é aquele que: <i>“dá um café, dá uma janta, um almoço, dá um lanche, uma merenda.” (Antônio Ferro Velho).</i>						
Morador	São os donos das casas nas quais a folia passa durante o giro. A folia canta para abençoá-los, muitos fazem promessa e se ajoelham perante a bandeira para pagá-las. Os moradores oferecem almoço e lanches para os foliões. <i>“Tem lugar que eles passa pra saudar o morador, aí serve um café com um biscoitinho e aí parte pra outra. Quem num tiver um biscoitinho dá uma cachacinha pros que gosta, dá um vinhozinho pros que gosta. Outros num dá nada mais dá um dinheirinho em louvor do santo.” (Seu Eduardo).</i> Os moradores podem oferecer a oferta para o santo: <i>“Que o povo trata é esmola, mas não é esmola não. Santo Reis não precisa de esmola não, nós é que precisa da esmola dele. É uma oferta que nós faz pra folia.” (Seu Eduardo).</i> <i>“Em folia se chega num lugar, canta e depois tem uma oferta. Que os três reis não pedem esmola, eles fala é oferta. Chega, dá aquele dinheiro pro santo, dá uns 5 reais, outro dá 2, outro dá 3, é assim.” (Gumerindo).</i>						
Promesseiros	Além do imperador, numa folia existem outras pessoas que estão pagando promessa. O pagamento da promessa pode incluir as rezas, contribuições menores para a festa do arremate por meio do dinheiro ou doação de alimentos. <i>“Os promesseiros fazem o voto com os santos: “É meu santo fulano, me ajuda assim, assim que chegá lá na festa de vós, no império real eu rezo uma ladainha pra vós, dou um tanto de dinheiro pra vós, eu dou tal coisa pra vós”. Tudo coisa boa, que o santo não gosta de coisa ruim não, se der ruim ele não quer não. Aí faz promessa de fazer cantorio pra eles, o cara ajoelha lá na frente do retrato e diz as palavras diferente, bonita.” (Seu Otaciano).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Mulheres	Apesar de não participarem do giro da folia, as mulheres participam ativamente de várias etapas da festa: dançando lundu e curraleira, cozinhando, pagando promessas e recebendo a folia como moradeiras e dando contribuições para a folia, em forma de dinheiro ou alimentos. <i>“As mulheres que entendem e gostam entram na curraleira com os foliões, aqui tem é muitas que dança. As comidas são as mulheres que fazem, mas os homens podem fazer também.”</i> (Seu Otaciano).
----------	--

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
Denominação	GASTOS FINANCEIROS
Quem Provê	IMPERADOR, MAS PODE CONTAR COM A JUDA DE PESSOAS DA COMUNIDADE <i>“Os recursos quer dizer, isso é coisa do imperador. que é o imperador que se vire, né. Mas eu mesmo eu já dei, o ano passado eu dei um bezerro.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Isso é um trem que a gente gasta mas não vê não. Com a ajuda do santo a gente faz uma festa de Reis, mas não vê o que gasta não. Ali tem vez que a gente gasta muito, mas tem muito digitório (ajuda), às vezes um fazendeiro dá uma dúzia de queijo, ou meia dúzia.”</i> (Seu Eduardo)
Descrição/Função	É o imperador que arca com a maior parte dos gastos da festa. Ele deve arcar com eventuais necessidades dos foliões (com fumo, cachaça e encordamento para as violas) com todas as despesas da festa, excluindo o que foi doado pelas pessoas da comunidade. <i>“Gastei mais ou menos três mil reais. Comprei carne, frango, uma leitoa, por que ninguém sabia que eu ia rezar aí eu rezei assim. E eu me exibi a fazer... Aí pedir eu não vou, se as pessoas acharem que eu mereço, tem alguém que vai me ajudar, se não eu abro tudo na minha conta. Mas no ano passado fiz tudo sozinho. Às vezes tem que colocar uma gasolina pra buscar alguma coisa. Não tenho carro, tem que pagar pra alguém, tem meu primo ali, ele não me cobra frete, mas combustível tem que colocar, ele tem um carrinho ali. Se eu preciso, se for pra me levar ali em Formoso ele me leva rapidinho, mas o combustível tem que pagar.”</i> (Seu Alberto) <i>“Gastava muito dinheiro quando eu era imperador. Tem que comprar o café, tem que comprar o açúcar. Tem que comprar o porco gordo pra tirar a banha e botar o toicinho pra cozinhar dentro da carne pra ajudar e quando não tem o porco pra comprar tem que ser óleo. Aí tem que juntar ovo, galinha, o gado, juntá o queijo pra fazer os bolos. É tudo de fatura, é muita gente, não é coisa que come e os outros fica com fome não.”</i> (Seu Eduardo). <i>“Bom, conforme for a distribuição, não fica muito caro, agora se for só por conta da gente, fica difícil. Por exemplo, tem que fazer a festa de Arinos esse ano, tem que pagar passagem, tem que arrumar um carro pra trazer eles né? E as vezes não dá certo, no dia certo. Fica uns mil e poucos. É, fora as ajudas! As vezes você tem que comprar um gado né? Agora, um gado só, pra essa festa normal não dá né? Agora aqui, foram duas vacas e a perna de outra. É o Imperador é quem tem mais gasto. Você tem que comprar acordamento pra eles, pra não cair. Compra cigarro pra um, fumo pra outro. Tem muitos que não compra, mas a gente tem que manter a despesa. Compra cachaça também. É, tem muitos foliões que não bebem não, mas as vezes tem um que está quieto ali, aí toma uma já levanta, canta com a gente é alegria. Um bebe um vinho, outro bebe pinga, outro bebe uma catuaba.”</i> (Antônio Ferro Velho)

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
Denominação	
Quem provê	
Descrição / Significado	
Disponibilidade	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.5. COMIDAS E BEBIDAS

Denominação	COMIDAS DA FOLIA
Quem provê	Geralmente são os próprios donos da casa quando se trata de um pouso, mas no arremate deve-se fazer maior quantidade de comida, então é necessária a ajuda de outras pessoas. O que é muito comum é a ajuda dos vizinhos: <i>“Mulher da casa não pode cozinhar não, tá cuidando das coisas, despacha uma coisa, despacha outra. Tem os cozinheiros, é os amigos, já tem aquelas pessoas própria pra cozinhar em festa. Tem vez que era muié e homem, outra hora é só homem só.”</i> (Seu Eduardo). <i>“Tem as cozinheiras aqui, tem a patrícia ali, aí nessa hora junta muita gente pra ser cozinheiro.”</i> (Antônio Ferro Velho).
Descrição / Significado	As comidas servidas na folia são geralmente: carne de gado, de porco, galinha, arroz, feijão e a farinha, que é a base da alimentação no sertão e da qual é retirado o polvilho que serve à elaboração de outros produtos, como o biscoito, o beiju, o pão de queijo, o quebrador: <i>“Enche um tachão de carne. Corta mais de um quarto de carne e bota pra cozinhar dentro de um tacho e senta a gordura. Cozinha até desmanchar. Folião chegou, cantou, aí vai despachar comida pro povo. Depois que passa a entrega da folia tem um café pra todo mundo com bolo.”</i> (Seu Eduardo). <i>“É, faz ali mesmo na casinha de cozinhar ali. Leva as coisas pra lá né? Fez um forno ali, pra assar o biscoito. Faz café. As panelas tomamos emprestado de um e outro, aí faz. É simples, se a pessoa tiver condições mesmo, é carne, macarrão, arroz, feijão, farofa de feijão, paçoca né? Uma carne assada. Faz biscoito, pão de queijo.”</i> (Antônio Ferro Velho). <i>“Comida a pessoa dá o que tem e o que pode. De primeiro tinha uma carne de caça, tinha e podia, hoje é regulado o negócio. Eles dava muito é frango e dá até hoje. Galinha já imagina que chegá o mês de janeiro, morre mesmo, que os folião come mesmo, folião é igual guará pra comer galinha.”</i> (Seu Otaciano). A bebida que não pode faltar nas folias é a cachaça, também chamada de remédio pelos foliões: <i>“Vixe! Desde antes de eu nascer que pinga era solta no mundo. Mas bebia mais regulado e respeitava a casa da gente e a gente não dava muita chance pra eles. As pessoas era tudo conhecido, tudo do lugar, tudo da família, e respeitava. A terra que eu nasci, que é Januária, é a terra que mais tem pinga, lugar da pinga boa é Januária.”</i> (Seu Eduardo)

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

Denominação	LAPINHA OU ALTAR
Quem provê	Imperador ou Imperadeira e sua família
Descrição / Significado	Altar feito na casa do imperador, com a imagem do santo da folia e outros santos. É decorado com flores de papel crepom e com todas as imagens de santo que o imperador tiver em casa. <i>“Toda imagem que você tiver dentro da casa assim pode colocar junto lá. Mas normalmente mesmo a imagem certa é a que tá no retrato da bandeira.”</i> (seu Alberto).
Denominação	Candeia
Quem provê	As pessoas da comunidade em geral
Descrição / Significado	A candeia é uma espécie de vela, feita com algodão e cera de abelha. É usada pelos foliões durante a cerimônia do arremate. <i>“Tem aquelas candeia de cera de abelha. É tipo uma vela. É a gente mesmo que faz. Com cera de abelha. É. Faz assim, tipo uma coberta né? Aí põe lá, a cera pra derreter, coloca lá dentro e depois torce ela.”</i> (Antônio ferro Velho).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Denominação	Bandeira
Quem provê	Pessoas específicas que sabem fazer o ofício, geralmente da comunidade. Uma das pessoas que pintam a bandeira é Deti, esposa de Antônio Ferro Velho.
Descrição / Significado	A bandeira é o símbolo mais importante numa folia, pois representa a personificação do santo. Na visão dos fiéis, a bandeira representa a presença do santo. Por isso, ela é reverenciada, beijada, louvada e até incluída no cantório. Ela deve seguir à frente da folia durante todo o giro, simbolizando que os foliões estão servindo determinado santo. Ela deve ser benzida para ser sacralizada, tornada uma ponte com o mundo dos santos. Cada santo tem sua bandeira. A do divino é vermelha, a de São João é azul, de Santos Reis também é azul: <i>“Cada santo tem uma bandeira de um jeito. Do divino é vermelha e tem uma pomba com as asas abertas. De Reis é azul e tem que ter os Três Reis. Brechó é roxo, Gaspar é mais claro e Baltazar é mais moreno um pouco. De Nossa Senhora Aparecida é bem clara, azul clarinho, com a imagem da santa. Santa Luzia é bem clarinha.” (Zé Pela Porco).</i> <i>“A importância da bandeira é por conta de que no livro tá marcando assim, tem que ter o retrato, tudo foi deixado por Deus. Eu não sei se tô certo, mas sempre foi marcado por Deus.” (Zé Pela Porco).</i>

Denominação	Condão
Quem provê	O imperador ou a pessoa designada para confeccionar a bandeira
Descrição / Significado	O condão é o pau que segura a bandeira: <i>“Condão é aquele varãozinho que o povo segura. O condão é a varinha que segura a bandeira. É feita de pau.” (Seu Otaciano).</i>

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
Denominação	Divisa ou toalha
Quem provê	O imperador ou os próprios foliões
Descrição / Significado	A divisa é um pano ou toalha que os foliões usam em torno do pescoço, sinalizando que estão em giro. Ela divide e define, por meio da toalha usada no pescoço, quem é e quem não é folião. <i>“Na divisa do guia tem uma cruz e o alferes usa um top na toalha, que é uma fita, faz um lacinho bonito assim de uma fita da cor do céu, pode ser da cor do retrato, mas se não tiver pode ser de qualquer cor. Se for do divino é vermelha, se for dos três rei é cor do céu. A divisa do folião pode ter o nome dele bordado se quiser.” (Seu Otaciano).</i> <i>“O folião tem que ter aquela toalha porque foi marcado por Deus. Naquela bíblia sagrada, fala que tem diferença. Tem 50 ou 100 pessoas ali, mas ali pode dividir, quem pé folião e quem não é. Pra ser folião tem que ter aquela toalha, porque aí divide. Com a toalha você vê aquela divisa, que foi marcada por Deus. É o que fala naquela bíblia antiga, de 1500 foia. Que essas que tá vindo hoje, elas não é mais daquelas.” (Zé Pela Porco)</i>
Denominação	ROUPAS E ADEREÇOS
Quem provê	Os Foliões Roupas usadas em ocasiões festivas Saias rodadas, blusas de manga até os cotovelos com mangas fofas, ou vestidos rodados de cinto atrás, de sianinha, podia ter rendas, estilo saia baiana e cintura baixa. A saia baiana era composta por dez saias numa mesma chave, costuradas juntas. Blusas de cintura de violão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Apesar de não ser estabelecido o tipo de roupa que o folião deve usar, ele prepara uma ou duas mudas de roupas para usar durante o giro. Deve providenciar ainda um par de calçados, geralmente botas ou botinas, para suportar o giro, e chapéu ou boné para proteger-se do sol: <i>“É preciso fazer muita coisa. Tem que preparar antes de chegar o dia, a gente vai preparando aquelas coisas, pra quando chegar o dia a gente sair né. Preparo de roupa, isso e aquilo, sapato, um animal, quem não tiver, pra não sair de a pé. Tem que ser bem antes, pra quando chegar no dia já tá tudo pronto.”</i> (Seu Tercílio)
Denominação	Roupas femininas
Quem provê	A própria mulher ao alguma costureira da comunidade.
Descrição / Significado	Eram usadas em ocasiões festivas, ainda são usadas por algumas mulheres mais velhas, porém mulheres de gerações mais novas as substituíram por roupas compradas nas cidades. As saias rodadas ajudavam a executar os movimentos das danças de roda: <i>“Saías rodadas, blusas de manga até os cotovelos com mangas fofas, ou vestidos rodados de cinto atrás, de sianinha, podia ter rendas, estilo saia baiana e cintura baixa. A saia baiana era composta por dez saias numa mesma chave, costuradas juntas. Blusas de cintura de violão.”</i> (D. Arcanja).

8.8. DANÇAS	
I	BRINCADEIRAS DE FOLIA As brincadeiras de folia feitas no assentamento são a curraleira e o lundu. Em cada casa que passam e no dia do arremate, os foliões fazem as brincadeiras de folia, após fazerem os cantórios: <i>“Aí depois que guardou o mastro é brincadeira até amanhecer o dia. Primeiro é o lundu e depois as curraleiras, curraleiras pode ser até umas dez.”</i> (Zé Pela Porco). As brincadeiras são partes fundamentais das folias, juntamente com o cantório. Elas são feitas imediatamente após o cantório, ainda dentro da casa do morador. O cantório e as brincadeiras são complementares, apesar de tratarem de temas diferentes (o cantório fala de temas sagrados e as brincadeiras de temas profanos): <i>“É meio complicado porque na mesma hora que tá rezando, que o cantório é como se fosse uma reza, já tá falando de outra coisa, de cachaça, de mulher. Mas mulher também é bom né. Um faz parte do outro, usa a curraleira e o lundu para acompanhar. Por isso é que não pode fazer o forró, porque o cantório é como se fosse uma oração, então a curraleira também eles usa. É uma música mais disfarçada um pouquinho, mas vai acompanhando mais ou menos no giro. Curraleira não é uma oração, é uma brincadeira, mas faz parte da oração.”</i> (Idelino).
	Denominação
	Quem executa
	Curraleira
	Foliões e outros homens e mulheres que saibam.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	A dança da curraleira geralmente é feita com oito pessoas, mas também pode ser com seis, dez ou doze pessoas. Dança comum em outras regiões rurais em que se fazem folias, é também chamada de quatro: <i>“Curraleira é uma dança. Não sei assim a origem da curraleira, mas na região de Januária eles chamam de quatro, tanto dança de quatro pessoas, quanto de seis se for o caso. A curraleira é do número certo, não pode errar, que é oitavado, faz o trocado. Aqui dança com oito, mas dança com dez e com doze também, mas se o cara não for treinado ele perde, mais fácil é com oito, o certo é oito.” (Idelino)</i> Os foliões se posicionam em duas filas, quatro de um lado e quatro de outro. Assim que começam a tocar e cantar, a dança inicia-se. Os foliões formam uma roda, retornam a seus lugares e depois trocam. Na ‘troca’ ou ‘trança’, forma-se um emaranhado pelos foliões que parece não ter ordem alguma, mas assim que acaba o trançado todos retornam a seus lugares originais: <i>“Curraleira é feita de par, são seis, ou oito ou doze. Forma os par e quem é viola é viola, quem é pandeiro é pandeiro. A dança é trocado, roda e depois troca, um dentro do outro, sai acolá e depois bate certinho lá. Quem não sabe não adianta não, se tiver dez que souber e um que não souber aí acabou. Bota os outros tudo de fora, igual se você for rezar o pai nosso, falta um ramo e não é o pai nosso, se for rezar uma ladainha, falta um ramo, não é. A curraleira tem o lugar certinho pra dançar, é difícil ela.” (Seu Otaciano).</i> <i>“A Curraleira, você coloca oito companheiros aqui. Aí fica oito, quatro de um lado e quatro do outro. É. Pode ser até doze, aí se for a turma treinada, coloca eles pra dançar. E nós dança de dois tipos, uma é trançada e a outra é a dança do quatro. Essa é sapateado. Na trançada, você troca aqui, faz o oito certinho na hora de trocar e o quatro é por que é mais lenta né? Agora a trançada é meio complicada, não é qualquer um que dança não. Vai trocando, trançando. Mas no final, tem que estar todo mundo no seu lugarzinho ali.” (Antônio Ferro Velho)</i> <i>“Curraleira é uma dança, eles faz aquele círculo de lá e de cá. Sempre o terno é oito e agora faz um círculo ao redor, lá por fora com os instrumentos. Aí quando começa a curraleira eles vão cantando e andando e aí depois que eles canta aí vai trocar. Uns passa pra lá, outros passa pra cá. Quando chegar lá no lugar que eles começaram, eles torna a fazer.” (Seu Eduardo)</i>						
Letra da música	As músicas das curraleiras são compostas pelos próprios foliões, ou ‘tiradas’, como eles mesmos dizem. A curraleira pode abordar vários temas, santos, amor, brigas, qualquer acontecimento pode virar tema de curraleira. Há curraleiras antigas, que foram tiradas pelos foliões mais velhos, e curraleiras novas que são tiradas pelos foliões quando acontece alguma história curiosa ou engraçada: <i>“Tem tanta curraleira, tanta coisa, ali ele joga um verso. Tem os versos da curraleira e tem os versos que ele joga. Tem uns mais antigo, só que aquelas curraleiras velhas eles vão deixando, e vai ficando só com as novas.” (Seu Eduardo).</i>						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Letra da música	Antônio Ferro Velho e a curraleira sobre as eleições em Formoso: <i>Eu que tirei, mas pode ser qualquer coisa que acontece numa hora, alguém cai ou alguma coisa engraçada e aí tira a curraleira. As músicas, tem umas que a gente mesmo faz, a gente inventa e canta. O Reis é uma coisa, agora Curraleira é outra, a Curraleira, a pessoa erra na folia, você tira a Curraleira dele, faz uma música né? E canta. A gente mesmo que faz, tem aquelas mais velhas né? Enrola, eu mesmo faço também. Inventar aí. Às vezes acontece uma coisa, o folião cai do cavalo, vai almoçar com o chapéu na cabeça, aí tem que lavar vasilha. É, inventa lá. Eu vou cantar uma aqui, que eu fiz na folia, em Formoso (Antônio ferro Velho):</i> <i>“Olha que eu moro longe, Alguma coisa eu falei/ A eleição do Formoso foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente/ Com meu peito cerrado/ Da poeira do caminho/ Eleição lá do Formoso/ Foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente/ E a bandeira do quinze/ Até hoje está valendo/ Não pode é falar nada/ Que ele já quer bater na gente/ Eleição no Formoso/ Foi surpresa pra muita gente/ Luisinho ficou feliz/ E a Nena ficou doente”</i> Seu Otaciano e a curraleira sobre a transferência da comunidade para o assentamento: <i>O canto da curraleira pode ser tirado. Sabe aquela curraleira de César mais Ernani, aquela lá foi eu que tirei, é porque nós morava lá no parque e aí o povo tinha que sair mesmo, porque é um parque nacional não tem jeito das pessoas ficar morando. E aí que criou esse assentamento foi eles, César mais Ernani foi quem correu atrás disso aqui. Aí nós assentamos todos, aí eu tirei:</i> <i>“César Vitor mais Ernani foi quem mais nos ajudou/ Quem criou esse assentamento que nós todos se assentou/ Eles falam aqui na terra/ Cantam os anjos nas alturas/ São dois homens de direito/ Que comanda a FUNATURA.”</i> <i>“Tem umas antigas também, tem a da Nossa Senhora Aparecida que é do dia de hoje. Essa é velha, antiga daqui:</i> O Brasil é terra boa/ É nossa terra querida/ É da nossa padroeira/ Nossa Senhora Aparecida/ É uma santa milagrosa/ Que conserva nossa vida/ Apareceu lá no Brasil/ Ô Senhora Aparecida!/ Apareceu em São Paulo/ Lá no rio Paranaíba/ É uma santa padroeira/ Que conserva nossa vida” (cantada por Seu Otaciano) Curraleiras gravadas por Roberto Corrêa: <i>“Me ajuda companheiro / Que eu também lhe ajudarei / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Embora que eu moro longe / Alguma coisa eu falei / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu despedi / Por aqui não volto mais Esse parque do governo / Ninguém sabe o que que faz / O povo do IBAMA / Ta tentando nós demais / Adeus Mato Grande / Adeus Minas Gerais / No dia que eu for embora / Nunca mais não volto mais / Vamos dar mais uma volta / Que a viola mandou dar / Adeus Mato Grande / Adeus meu Gerais / Agora que eu despedi / Por aqui não volto mais / Depois de a volta dada / Viola mandou parar” (Faixa 5 do CD I, gravada por Roberto Correa).</i> <i>“Companheiro amigo meu / Me ajuda eu cantar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Me dói o céu da boca / E os dentinho do queixá / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Rodei, rodei, rodei / Rodei, tornei rodar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar / Eu dei ela a minha camisa / Ela não soube engomar/ Dei ela a minha gravata / Ela não soube amarrar / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular/ Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Quem tem mulher / O homem não pode adular/ Pra eles não dizer / Que os folião não lhe serviu / Quem tem mulher ciumenta / O homem não pode adular”</i> (Faixa 5 do CD II, gravada por Roberto Correa). <i>“Companheiro amigo meu, me ajuda eu cantar / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro Me dói o céu da boca / E o dentinho do queixá / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro Reuni meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro / Reuni meus instrumentos / Viola, caixa e pandeiro/ Pra girar uma folia / Somos doze companheiro / E eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro/ Vou jogar mais um verso / Que esse povo me pediu / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro/ Pra eles não dizer / Que os folião não serviu / Eu fui convidado / Pra uma festa de Janeiro”.</i> (Faixa 8 do CD II, gravada por Roberto Correa). Para crédito das músicas consultar relatório Roberto Correa, neste mesmo volume.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Denominação	Lundu
Quem executa	Foliões e outros homens e mulheres que saibam
Descrição / Significado	O lundu é uma dança semelhante ao samba. Os passos são sapateados, o que requer alguma destreza de seus participantes. Além da presença dos foliões, pode contar com a participação de qualquer pessoa da comunidade, inclusive das mulheres. Tem dois tipos de lundu, um que pode ser feito por quantas pessoas quiserem entrar na roda e o que é em forma de desafio: <i>“É sapateado, mas não tem Quantidade, são quantas pessoas quiserem. Mas pra cantar é só quatro. A viola não tem quantidade não. E aí faz uma roda. Aí toca, vai tocando, cantando, aí para de cantar. Na hora que você para e falar aquele verso, na hora de sapatear, você para de cantar e eles sapateia, aí você para de sapatear, começa a cantar de novo. E pra sapatear tem que ter um jeito, tem que ter controle na botina.”</i> (Seu Otaciano). <i>“Também tem vários tipos de lundu. Tem o lundu sapateado que dois canta e dois responde e naquele intervalo eles sapateiam de um ou de dois. E tem aquele que toca e enche de gente dançando, esse pode ser quantos quiserem. Mas o sapateado tem número, é de dois em dois. Um dança e aí faz o sinal pro outro e ele vai, faz uma roda e ele dança no meio da roda. Aí ele faz o sinal pro outro e ele vai, que é pra ver quem dança melhor”</i> (Idelino)
Letra da música	As músicas do lundu também são ‘tiradas’, como as da curraleira. Os instrumentos usado no lundu são viola, violão, caixa, pandeiro e triângulo. As temáticas abordadas são semelhantes, algum acontecimento engraçado ou curioso que aconteceu pode virar tema de um lundu: <i>“Mesmo esses lundu e curraleira mais antigo foi alguém que tirou. Aconteceu alguma coisinha e eles tira, e se a história for boa, pega. Nem que acrescenta mais um pouquinho do que não foi acontecido, muda um pouquinho, mas tem o motivo.”</i> (Idelino). <i>“Tem um lundu que o cara quebrou um vidro de óleo de coco da mulher e ela mandou dar uma surra nele:</i> <i>Segura a caixa, caixeiro</i> <i>Viola desafinou</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou</i> <i>A viola não tem culpa</i> <i>E nem também o tocador</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou</i> <i>Quem bateu foi Arondino</i> <i>Que dona Amélia mandou</i> <i>Mas o litro de óleo de côco</i> <i>No batente da porta quebrou</i> <i>Na carreira que ele ia</i> <i>São Pedro atravessou</i> <i>Quem foi que disse, que falou</i> <i>Que João de Eusébio apanhou.”</i>
Denominação	Guaiano ou Catira
Quem executa	Foliões e outros homens e mulheres que saibam. Porém não é mais dançada no assentamento: <i>“Que a gente faz aqui é só o Lundu e a curraleira, Catira aqui, o povo não faz não, agora, lá na turma de Arinos, o pessoal faz.”</i> (Idelino).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	O Guaiano ou guaiana, chamado de catira em outras regiões, é uma dança que envolve sapateado e a batida de palmas. O único instrumento usado é a viola. O canto é semelhante a uma moda de viola, mas há a alternância do canto com as palmas e o sapateado: <i>“Tem outra dança que tratava de guaiania e tratava de catira, essa é mais bonita que a curraleira. Ela hoje quem sabe dançar aqui é Tasso e esse pessoal mais velho. É mais bonita que a curraleira. Sapateia, bate palma e torna a sapatear, aí roda e troca. Quem sabe a guaiana aqui é Tasso, Naziano, Vêi Maximo, Tercílio. Do tempo que eu girava folia pra cá eles nunca mais dançaram guaiana, e o pessoal tudo falava que dançava. Acho que por causa da curraleira perdeu a guaiana. A região nossa aqui é mais a curraleira, lundu já é menos.”</i> (Idelino). O passo final do Guaiano é o recorte, como aponta Zé Pela Porco: <i>“Aquilo cabou, aquelas músicas véia. Naquele tempo era, aquilo cabou, aquelas música véia, só que tão recordando de novo. Vamos trazer uma homem lá de Formoso pra nós fazer a recordação de novo, aquelas guaiania véia, aquelas catira, nós tão recordando de novo. Quando cantava uma catira, depois que acabava de cantar tinha o recorte. Todas as catiras aqui tinha recorte. Tinha que cantá a guaiania e depois tinha o recorte dela, com o pisado tudo diferente. É que a música é diferente, o batido assim. Tinha muitos tipos, eles cantava demais, mas hoje não. Os povo já deixou, né.”</i>								
Letra da música	<i>“A letra da guaiana é qualquer moda, uma cantiga comprida. É igual moda de viola, só que lá na vargem bonita eles dançam de um tipo e pra cá eles dançam de outro. Agora, o que nós dançava aqui primeiro chamava Urucuiana.”</i> (Idelino). Guaiano cantado por Aldelino, Valdivino, Hélio e Leonício. Não é composição de alguém da comunidade, este guaiano também é conhecido em outras regiões: <i>“Morena tu é bonita Nunca vi bonita assim Eu dei um olhado nela Ela não olhou em mim Eu fiquei apaixonado com a sua ingratidão Que machucou meu coração Menina eu tô pedindo Pisei na barra do seu vestido Junto comigo não tem perigo Menina bonita vamos comigo Te peço por caridade Não faça isso meu amorzinho Tenha compaixão de mim Aqui tem duas moças que comigo quer casar Uma branca, outra é roxinha Danada pra namorar A branca me namora E a roxinha me quer bem Eu quero casar com a branca E caso com a roxa também Comprei a tinta Comprei o papel Escrevi uma carta e mandei pra ela Ai, ai de namoração O amor que ama a outra ai, ai Que dá suspiro, que a terra treme Que dá tremor, que balança o chão.”</i>								

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

II	DANÇAS DE TERREIRO OU DANÇAS DE RODA As Danças de Terreiro são também chamadas de Danças de Roda. São várias as danças de terreiro que animavam as festas da região. Porém atualmente não são mais dançadas na comunidade e apenas as pessoas mais velhas sabem dançar. Algumas pessoas usam, também, o termo batuque para se referir a essas danças, como afirma D. Nica: <i>“Quando era um batuque, vamos dançar um batuque do terreiro. O batuque e o carneiro, a diferença é só as cantiga, mais as dança de batuque é uma só, tanto faz de braço, como de ombro. O carneiro é de ombro, e o Ariri é de braço.”</i> O uso de termo batuque pode resultar em confusão, pois na Chapada gaúcha (município próximo ao Assentamento) batuque refere-se a um tipo de dança específico, que no assentamento é chamada de Carneiro. Apesar de haver um repertório pré-estabelecido das danças de terreiro, elas permitem e até prevêm uma improvisação. Assim, à medida que cantam os refrões, vão jogando versos, como dizem, improvisando a música na hora. <i>“Cada um tem uma música. Mas eu só dancei quando era pequeno mesmo. Aí depois acabou, porque o povo não está fazendo isso. Eles fazem mais as apresentações, pra satisfação da funatura, o pessoal trabalha e vai lembrando.”</i> (Antônio Ferro velho). <i>“O pessoal mais do norte de Minas é que preserva essa cultura, das festas religiosas, de cantar essas rodas. Aí dessa região da chapada Gaúcha pra cá já perderam, não faz mais, já faz é forró. De uns 20 anos pra cá já perdeu, aí não sei como a gente faz pra poder levantar isso de novo. Eu tenho vontade de botar esse pessoal mais jovem pra aprender, não sei se ainda... Pelo menos pra gravar, pra deixar gravado. Pra falar a verdade faz muito tempo que eu não vejo. Eu vi no ano passado, lá no Ribeirão de Areia. Lá é todo mundo dançando, com menino e tudo, aqui você não vê isso, mas tinha que ter alguém pra começar.”</i> (Idelino). Apesar de não ser mais praticada na comunidade, ainda está viva na memória e é muito apreciada pelas pessoas mais velhas: <i>“Com as pessoas de mais idade, nós aprendia e aí ia todo mundo brincá. Ia vendo os outros, os outros ia brincá botava nós. Minino com véi, com tudo, era uma roda sozinha. Era bonita mesmo. Juntava Antônia, Manelina, Derfonsa, minha tia Antônia, Elvira, cumade Lú, cumade Gemira (Argemira), muié do finado Gersino preto. Esse povo todo e era um festão aí tava animado, um jogava verso, outro jogava verso ali. Tinha sanfona, pandeiro, tinha caixa ia batendo ali e ficava bonito. Mas a gente hoje vai esquecendo tudo, vai acabando tudo e vai ficado por esquecido. Oh minina já farreei nestes dias de minha vida!”</i> (D. Arcanja). Várias eram as danças, mas todas incluíam a formação de roda. Quem errasse o passo era tirado da roda e todos riam, debochando de seu erro: <i>“É um círculo de gente, ali todo mundo vai cantando, jogando o verso e rodando. Quem errar, sai fora. Na hora que erra diz: ‘Queimou! Pode sair fulano, você não serve não, pode sair!’”</i> (D. Arcanja)
	Denominação Caninha Verde
	Quem executa A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	A dança é composta por duas fileiras, uma de homens, outra de mulheres. O primeiro casal troca de lugar cruzando os braços e vão trocando de lugar com os componentes que estão atrás. Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante até retornar ao par inicial: <i>“Caninha verde põe uma fila de homem aqui e outra de mulher. Aí vai trocando o par. A Caninha verde e o Tamanduá são irmãos, são parecidos. A Caninha verde pega na cintura e o Tamanduá, pega no braço. Tatu sobe pau. Pega um cacetinho assim, bate no outro. Aqui só quem dança é Juliano, que dança ali. A velinha ali, pega o cacete com força.”</i> (D. Nica) <i>“Na festa aí, o pessoal pelejou pra fazer uma Caninha Verde, mas o povo não acerta. Por que tem aquela quantia certa. Quando começa a dançar, vem gente de fora aí bagunça tudo. Eles querem tentar fazer, mas não da conta, não capricha pra não errar.”</i> (Antônio Ferro velho).						
Letra da música	As letras das brincadeiras de roda são construídas sobre uma base ou refrão e variam de acordo com os versos jogados, com as improvisações feitas na hora. Cantada por D. Nica: <i>“Oh caninha verde, ô lélé verde caninha. Eu não vou na sua casa pra você não vir na minha, Eu sei que na (...) Nasceu foi mulher bonita. Caninha, cana verde, ô lélé verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha. Você fuma o seu cigarro nem uma fumaça me deu. Eu tenho palha, eu tenho fumo. Também vou fazer o meu. Caninha, cana verde, ô lélé verde caninha, Eu não vou na sua casa, pra você não vir na minha. Vou plantar meu pé de cana, Na roça da moreninha, Bezerra chora o chiqueiro, Chiqueiro chora boiada, Eu chorei minha sorte ruim, Que está toda atrapalhada.”</i> Cantada por D. Arcanja: <i>“Minha caninha verde, oh minha verde caninha, eu não vou em tua casa, pra você não vir na minha. Eu plantei a minha cana na fronha do cabeceiro, minha mãe me casa logo pra eu largar dessa canseira.”</i>						
Denominação	Mergulhão ou Margulhão						
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.						
Descrição / Significado	A dança do margulhão ou mergulhão inicia-se com duas fileiras de pessoas, uma de homens e outra de mulheres, dispostas uma de frente para a outra. Cada par segura uma toalha ou pano esticado no alto e o primeiro par da fila mergulhe, passando por baixo de todas as toalhas dos outros pares e assim por diante: <i>“Usava uma toalha, se fosse doze, era seis de um lado e seis de outra, cada par segurava uma toalha. Aí ia passando por baixo das toalhas. Pega as toalhas, eles fala que é as toalhas, mas pode ser qualquer pano. Vai segurando as toalha e os outros dançando. Um segurava a toalha de um lado e o outro do outro e outros dois mergulhava. Por isso que chama margulhão, é um pássaro que tem na lagoa e mergulha.”</i> (D. Nica)						
Letra da Música	<i>“Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão</i> <i>Pega o passo devagar, oi zão, zão, zão</i> <i>Pega o passo margulhão, oi zão, zão, zão</i> <i>Pra mim passar, oi zão, zão, zão”.</i> (cantado por D. Nica)						
Denominação	Mulatão						
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Começa com duas fileiras, os pares iniciais dão se os braços e vão trocando de lugar com os de trás e vai formando-se uma roda. Dá-se o braço direito para o primeiro e o esquerdo para o segundo e assim por diante. Vai cantando e trocando os braços na roda indefinidamente. <i>“Essa é de braço, cê me dava um braço eu te dava outro. Cê me dava esse braço e aí eu dava esse, cê me dava aquele e aí eu dava o outro. Mas era lindo, é parecendo o tamanduá. Um canta e os outros responde, era bom demais.”</i> (D. Nica).
Letra da música	<i>“Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulato. Oi mulatão, oi mulatão. Oi mulato...”</i>
Denominação	Frango
Quem executa	A comunidade, tanto homens Quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Igual à dança do Mulatão.
Letra da música	<i>“Cadê o Frango, Oh cadê o frango. Oh de muita cana perdeu um quilo e quinhentas gramas. Cadê o frango...”</i> (Cantado por D. Arcanja).
Denominação	Ariri
Quem executa	A comunidade, tanto homens Quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Igual à dança do Mulatão.
Letra da música	Você joga o verso e canta: <i>“Se eu disser que eu vou me embora/ Ôriri, Ôirai/ Que eu não vou me embora não/ Ôriri, Ôirai/ Se eu tivesse de ir me embora/ Ôriri, Ôirai/ Eu não tava aqui mais não/ Ôriri, Ôirai/ Pra lhe dar o amor de dois/ Ôriri, Ôirai/ Quando saio todo dia/ Ôriri, Ôirai/ Sapatinho que eu já calcei/ Ôriri, Ôirai/ Não me importo de quem goza/ Ôriri, Ôirai/ Das coisas que eu já gozei/ Ôriri, Ôirai.”</i> (Cantado por D. Arcanja).
Denominação	Carneiro
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Dança-se em roda, com os componentes soltos, ou avulsos (sem par). Eles vão batendo os ombros, bate o um ombro com o ombro de outro componente e vira-se batendo ou outro ombro com o outro ombro do mesmo componente e troca de componente, fazendo o mesmo processo. Esta dança é chamada de batuque na região da Chapada Gaúcha.
Letra da música	<i>“Meu carneiro mé, que ele évem berrando, mé ói ele, ói ele, ói ele, mé ele évem berrando, mé.”</i> (Cantado por D. Nica) Ou: <i>“Oh iaiá carneiro deu, Oh iaiá carneiro dá. Oh iaiá carneiro deu, eu num dei mas vou dar.”</i> (Cantado por D. Arcanja)
Denominação	Tamanduá
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Foram-se uma roda e um dos componentes entra com um grande trouxa de roupa e joga na frente de um dos componentes, este, por sua vez, joga na frente de outro e assim por diante.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Letra da música	<i>“É doce doce de lelê é tamanduá / É doce doce de lelá é tamanduá / Segura caixa caixeiro / A viola desafinou é tamanduá / A viola não tem culpa é tamanduá / E nem também o tocador é tamanduá / Oi doce doce de lelê é tamanduá / É doce doce de lelá é tamanduá/ Vamo vamo minha gente é tamanduá / Não me deixa eu cantar só é tamanduá / Eu sozinho canto bom é tamanduá / E mais vocês canto melhor é tamanduá.”</i> (faixa 4, cd II, gravado por Roberto Correa)
Denominação	Barata
Quem executa	A comunidade, tanto homens quanto mulheres, tanto crianças, como jovens, adultos e idosos.
Descrição / Significado	Descrita apenas por Gumercindo: <i>“Muita gente canta aqui. É um desafio, uma mulher joga verso pra outra. Mas essa eu não sei não.”</i>
Letra da música	<i>“Pisei na barata pisei no baratão você toma amor dos outros o meu não toma não Eu tomo, eu tomo, eu tomo Tenho costume é de tomar Cê toma o pé na bunda E a ponta do meu punhar”</i> (cantado por Gumercindo)
III	FORRÓ
Denominação	Forró
Quem executa	As pessoas da comunidade.
Descrição / Significado	O forró é uma dança presente na comunidade há muito tempo. Tocado com sanfona, viola, caixa e pandeiro o forró anima as festas de casamento e outras festas: <i>“Eu dançava, mas dançava mais era o forró. Era igual a esse que é de hoje mesmo. Os tocador também... Porque o forró é dançado de acordo com o toque, do jeito que o toque é tocado lá, você tem que dançar daquele jeito no toque. Não pode o toque estar num assunto e danças em outro não. Toque de forró é com sanfona, né, é mais animado do que tocar disco. O forró era só toque, quase não tinha cantiga não. Era só sanfona mesmo.”</i> (Seu Eduardo) Porém, até certo tempo não era costume dançar o forró nas festas de folias. As danças que eram feitas depois das folias eram as brincadeiras de folia e as danças de terreiro: <i>“DE PRIMEIRO A GENTE FAZIA FESTA QUE DEPENDIA DE DIVINDADE, QUANDO ERA BAILE, ERA BAILE, QUANDO ERA REZA, ERA REZA. NÃO SE USAVA O FORRÓ E HOJE NÃO ELES TÃO MISTURANDO AS BOLA, TÁ MISTURANDO UMA COISA COM OUTRA. SÓ QUE EU NÃO GOSTO, AINDA TÔ NO SISTEMA VELHO, FESTA QUE EU SOU FOLIÃO DE GUIA DE PRIMEIRO EU NÃO ACEITAVA DANÇAR NEM... HOJE É O SEGUINTE, NINGUÉM TÁ DANDO JEITO NO POVO, NA HORA QUE EU SAIO ELES FAZ, DEPOIS QUE EU ENTREGO MEU ENCARGO. QUE EU CHEGO, REZO E ENTREGO AMINHA OBRIGAÇÃO SECRETA AÍ ELES FAZ O QUE QUISER.”</i> (SEU OTACIANO) <i>“Dança aqui tirando a curraleira, o lundu, é forró. Aquelas dança antiga quase não dança mais, Caninha Verde, Ariri, dança, só depende de a gente achar quem queira dançar. Não aqui não dançou, por que não tinha quem dançasse, tinha mais jovem aqui e o jovem gosta mais de dançar forró.”</i> (Seu Alberto)
Letra da música	NÃO FOI REGISTRADO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
I	REZAS Existe um repertório de rezas na comunidade para ocasiões específicas. São ladainhas, ofícios, benditos e inselencas usados como forma de comunicação com o sobrenatural, cada uma é usada em certas ocasiões específicas. As comunidades rurais, geralmente afastadas ou desassistidas pela igreja, desenvolveram um catolicismo próprio em que as rezas são fundamentais para proteger as plantações, curar doenças, e até conduzir ou encomendar as almas dos mortos. Cântico da Paixão, DE ACORDO COM SEU TASSO, ERA ENTOADO NA SEMANA SANTA POR OCASIÃO DO “BEIJAMENTO” DOS PÉS DE CRISTO: “Lá no céu tem uma rosa / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem duas rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu já tem três rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem quatro rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem cinco rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu já tem seis rosas / Dentro dela resplendor / É feliz e é ditoso / Quem beijar os pés do Senhor Lá no céu tem sete rosas / Dentro dela o resplendor / É feliz e é ditoso/ Já beijaram e arrematou” (Faixa 14 do CD I, gravado por Roberto Corrêa)
Denominação	Ladainhas
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas. No assentamento: D. Nica, Seu Otaciano, Gumercindo, D. Arcanja, Seu Máximo, Seu Eduardo.
Descrição / Significado	As ladainhas são as rezas cantadas, muitas são cantadas em latim, transmitidas oralmente geração após geração: <i>“Inselença, ofício, ladainha. A gente rezava ladainha também, tinha a ladainha dos mortos que gente rezava pra eles:</i> <i>‘Óorais por ele, kyrie eleisone/ Óorais por ele, cristhe eleisone dinovi/ Óorais por ele’.</i> <i>Porque fala orais pro nobi, né, pra rezar pra gente vivo é orai pro nobi, e pra rezar pra gente defunto é orais por ele. Tem ofício também, é cantado.”</i> (D. Nica) <i>“Na festa de Reis tem as ladainhas, as rezas cantadas.”</i> (Idelino) Uma pessoa que é referência nas ladainhas é D. Luciana. Ela mora em cajueiro e sempre reza no arremate da folia de São João, no Cajueiro (sua filha Anita do Baiano mora em Formoso): <i>“Ela reza e na hora de pular a fogueira ela fala uns palavreados lá.”</i> (Zé Pela Porco)
Denominação	Benditos
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“É mais ou menos do mesmo jeito da ladainha, igual esses cantos de igreja que eles cantam.”</i> (Gumercindo) Bendito de São Domingos, cantado por Gumercindo: <i>“Meu senhor São Domingos</i> <i>Por ele devemos amar</i> <i>Por ele nós assinou</i> <i>No seu livro de rezar</i> <i>No seu livro de rezar</i> <i>Quem me dera</i> <i>Eu lá estar</i> <i>Se minhas culpas foram grandes</i> <i>Vós queira me perdoar</i> <i>O senhori São Domingos</i> <i>Vós é um santo do céu claro</i> <i>Me leva onde tá o Divino</i> <i>Lá eu acharei o amparo</i> <i>O amparo do Divino</i> <i>Nunca pude alcançar</i> <i>Vamos oferecer esse bendito</i> <i>Pra o senhor que está na cruz</i> <i>Nos dê graça e nos dê luz</i> <i>Para sempre</i> <i>Amém, Jesus.”</i>
Denominação	Ofício
Quem executa	Algumas pessoas da comunidade que sabem, geralmente pessoas mais velhas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	O ofício é uma oração que pode ser rezada em ocasiões especiais ou apenas para pedir proteção. Pode ser rezada para os vivos e para os mortos, como relatou Seu Otaciano: <i>“O ofício é uma oração muito linda, que é da Virgem Imaculada Conceição, pra fugir das tentação. É a melhor reza que tem, porque o tihoso, o inimigo que é o demônio, das outras rezas ele tem medo mas diz que não importa muito não, mas o ofício se começou ele casca fora. O ofício é sempre da Virgem Imaculada Conceição. A incelença é de defunto, é pra quem morre, e o ofício é pros vivos, mas pode rezar pra quem morreu naquela toada. A ladainha é pra gente vivo, se rezar pra gente morto é naquela toada que Nica rezou lá. Tem diversas toadas pra gente vivo.”</i> Trecho de ofício pra gente vivo: <i>“Deus e santa virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que vem das virgem virgem.”</i> Trecho de ofício pra gente morta: <i>“Deus vos salve virgem/ senhora do mundo/ rainha do céu/ que herdas virgem virgem.”</i> <i>“Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor / Adeus minha lapinha / Enfeitada de flor Até pra o ano / Se vivo nós for / Até pra o ano / Se vivo nós for Adeus minha lapinha / Senhor São José / Adeus minha lapinha / Senhor São José Até pra o ano / Se Deus quiser / Até pra o ano / Se Deus quiser”</i> (Faixa 16 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) Oração de São Francisco, falada por Gumercindo: <i>“Levantei um dia cedo Sexta-feira de paixão Sexta-feira de paixão Encontrei Nossa Senhora Com seu livrinho nas mãos Com seu livrinho nas mãos Procurando pelos meninos Os meninos de condão Os meninos de condão Que sabe uma oração Oração dos peregrinos Quando deus era menino.”</i>						
Denominação	Inselenças						
Quem executa	Pessoas presentes no velório. Dizem que quem é dono do morto, ou seja, da família do morto não deve cantar, pois <i>‘o povo fala que faz mal, a gente fica meio apaixonado’</i>, explicou Gumercindo. Quem canta são os amigos, vizinhos e parentes mais distantes presentes no velório. <i>“Depois que eu mudei aqui pro assentamento nem fui em velório mais. Só fui no velório de meu sobrinho, e Raimunda rezou, ela rezou umas rezas lá. Eu não gosto mais não, e não é só eu, a metade do povo já não tá mais usando isso, de premeiro rezava e era muito., na hora que morria a pessoa colocava lá, era pra rezara noite inteira até amanhecer o dia, até a hora do enterro. Eles falam assim que nós tem cuidar de nós é vivo. Eu aprendi era novo, com meu povo, minha mãe, as outras pessoas velhas, tinha uma mulher velha que morava na vargem bonita e chamava Argelina, nois aprendeu com ela essas rezas, esses benditos. Eu via essas velhas cantar e aí como sou curiosa eu aprendi. Eu ensinei também, cantava com os mais novos. Quem cantava era mais o povo de lá. Do Rio Preto, de vargem Bonita.”</i> (D. Nica)						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Cantos feitos nos velórios, com o objetivo de encaminhar ou encomendar as almas dos mortos. Acredita-se que ao rezar as inselenças eles estariam recomendando as almas dos mortos para a salvação. Muitos, porém não gostam de cantá-las fora da ocasião a que são destinadas, pois podem trazer tristeza e até mau agouro: <i>“Mas eu não gosto de rezar isso não, me dá um frio no corpo. Só faz pra quem morre, aí vai falando, a inselença antigamente o povo falava assim, a pessoa morreu tem que rezar por ele, mas de premeiro, mas hoje eu acho que ocê tem que cuidar d'ocê se ocê quiser a salvação e ocê é vivo, como nós tamo aqui, que depois que morre o que ficou, cabou, cabou. A inselença é pra isso, pra encomendar a alma, pra salvação a inselença que eu conheço é disso. Tem aquele inselença que fala assim: ‘uma inselença, inselença de São Grigório/ Pra que Deus deixou ele/ pra morrer sem a confissão’. O que eu entendo é isso, eu cantava, já cantei, quando tinha um enfermo morto aí, um corpo aí a gente juntava pra rezar. Era nos velórios, nas casas das pessoas que morreram. Isso era quando eu morava no Rio Preto, já faz muitos anos que eu fiz isso, era na Vargem Bonita quando eu morava lá, quando eu tinha uns 18, 20 anos, eu hoje tô com 70 anos. Eles chamava todo mundo e a gente era obrigado a ir, era uns povo chorando, outros rezando era assim. Rezava com outras companheira, tinha muita gente, um mesmo é Gugu, outra era Maria Preta, que já morreu.” (D. Nica)</i> Roupas: <i>“Não era só chegar e cantar. A pessoa que morre tinha usar uma roupa clara, ou azul claro ou branco, fazia aquela roupona comprida e vestia, lavava. A pessoa que tá viva de premeiro vestia luto, tingia as roupas na lama, tirava casca de pau e votava naquela roupa, agora pegava a roupa e ia por lá na lama, dentro dos brejos pra empretecer, porque naquele tempo quase não tinha roupa preta, a gente não podia compra e não sabia como é que era e ia tingir, botava na lama pra escurecera roupa. Botava luto pra quem morria.” (D. Nica)</i> Comidas (tabus, evitações e interdições) : <i>“tinha, era feijão, às vezes uma carne. Diz que comer galinha, a pessoa que é dona daquele defunto que morre, não pode comer galinha, acho que é seis meses sem comer galinha parece, ou um ano, porque se não a alma da pessoa que morreu pena, não vai pro céu, por causa das penas da galinha. Não come peixe quando tinha uma pessoa que morre, hoje não tem cisma, mas de premeiro não comia peixe.” (D. Nica)</i> <i>“É inselença, mas tem umas onde tem aqueles benditos que fala assim, começa assim, só que eu não gosto de rezar lá não, mas eu vou falar só o jeito” (D. Nica):</i> <i>“Imperador irmãozinho, Pois a Deus oh irmão Até dia de juízo”</i> <i>“Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou duas mil vigia / Senhor da boa hora Cadê os carregador / Que a alma já vai se embora / Chegou três mil vigia / Senhor da boa hora”</i> (Faixa 13 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) <i>“Seis Inselença, de Senhor São Gregório/ Despede desse mundo/ que a alma vai se embora/ A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois adeus seus irmão Sete Inselença / De Senhor São Gregório / Despede desse mundo / Que a alma vai se embora A alma vai se embora / Com bem dor no coração / Adeus o povo todo / E pois adeus seus irmão”</i> (Faixa 15 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)
	CANTORIOS DE FOLIA São diversos os cantorios de folia. Feitos sobre uma mesma base harmônica e melódica, os cantorios geralmente sofrem apenas variações de letras, de acordo com a ocasião em que são cantados.
	Denominação Cantorio de Folia
	Quem executa O Guia, o contra guia e demais foliões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	O cantório para determinado santo serve de base para os outros cantórios da mesma folia. A parte instrumental tem poucas variações de uma folia para a outra, a divisão de vozes também se mantém basicamente a mesma. O que varia com mais frequência são as letras, que vão explorar a temática de cada santo: <i>“Primeiro alvora a folia na casa do imperador, aí é um cantório, o canto que anuncia a saída da folia para o giro na casa do imperador. O cantório é a harmonia da divindade, o santo fica alegre. O santo que é dono daquela divindade fica tão alegre, mas a pessoa tem que fazer direto. Porque tem uns que enterram o pé na pinga, ou então não sabe e aí fica feio. É por isso que tem as pessoas de escolha pra isso. No cantório a pessoa chega e faz o cabeçalho da tabela, o guia. E aí diz os versos, e aí saúda os morador pelo nome. Tem gente que não sabe, mas eu saúdo pelo nome, se tiver filho eu falo, chego com um verso só. Chega com um verso só, que reduz num só, nem que for dez filhos ou vinte, mas num verso só se encerra. Pra quem sabe. Aí pega uma oferta, agradece, manda beijar o retrato e aí chama pra ir pra festa do imperador e aí despede e vai se embora. Tudo isso dentro do cantório, falado dentro do cantório.” (Seu Otaciano)</i> <i>“O folião de guia tem que saber muita coisa. Muitos falam que já sabem há muitos anos, mas às vezes o cara tem que inventar. Tem que falar o nome de um por um na casa, tem região que se não cantar o nome de um por um na casa, o cara fala que não recebeu, aí tem que cantar de novo. O pessoal aqui não tem essas exigências não.” (Idelino)</i> <i>“tem que cantar pra poder chegar na casa. Se não como é que vai entrar pra dentro? É a mesma coisa, você vai chegar na casa e tem que dar um bom dia ou uma boa tarde, então é a mesma coisa, tem que ter o cantório. Se vai trabaia lá, então não pode chegar numa porta dessa aí sem pedir licença.” (Seu Otaciano)</i> <i>“Cada folia tem uma toada. Tem os Cantório de Reis, do Divino, de Nossa Senhora Aparecida. Cada santo tem uma toada, mas tem uns que muda.” (Seu Otaciano)</i> Cantório de Reis: <i>“Seja o Pai e seja o Filho / Seja o Espírito Santo / Seja os Três Reis do Oriente / Deus criou pra o nosso encanto/ Boa noite já foi dada / Na lapinha de Belém / Vamos adorar o filho da Virgem / Que Nossa Senhora tem/ No vinte e cinco de dezembro / O campo abriu de flor / E às doze horas da noite / Nasceu nosso salvador/ E os passarinhos do deserto / Correram todos pra ver / A grandeza da Santa lapinha / Onde Jesus veio nascer/ Desde o dia que Jesus nasceu / O mundo deu um sinal / O menino Jesus foi nascido / Entre noite de natal/ Nós todos deseja saber / Como a Virgem deu luz / Ela teve um filho primogênito / Pôs o nome de Jesus/ Foi da parte do Oriente / Que os Três Reis foi visitar / Aguiado pela estrela / Para vós encaminhar/ Pai , o Filho e o Espírito Santo / Por aqui nós encerremos / Com o nome das três palavras / O nosso corpo benzemos”</i> (Faixa 2 do CD II, gravado por Roberto Corrêa) Cantório do Divino: Cantado por Aldelino, Valdivino, Hélio e Leonício: <i>“Meu Divino Espírito Santo/ Meu Divino Espírito Santo/ Divino Consolador/ Consolai as nossas almas/ Consolai as nossas almas/ Quando nesse mundo andou/ A pombinha do Divino/ E a pombinha do Divino/ Tem pé e bico vermelho/ Meu Divino Espírito Santo/ Meu Divino Espírito Santo É quem vai contar seus passos/ Ele vai contar seus passos/ Ele vai contar seus passos/ Te livrar dos embaraços/ Eu já fiz meu persinal/ Eu já fiz meu persinal/ Do esquerdo pra o direito/ Do esquerdo pra o direito/ Do esquerdo pra o direito/ Já fiz minha cruz perfeita/ O rosário de Maria O rosário de Maria/ Em Jerusalém foi feito/ Ela reza e oferece/ Ela reza e oferece/ E os anjo que diz amém.”</i> (Faixa 2 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) Cantório do Divino, cantado por Gumercindo: <i>“A pombinha do Divino (2x) Ela tem força nas asas Ela anda o mundo inteiro (2x) Cantando casa por casa.”</i>
---------------------------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Denominação	Cantorio de Alvorar a Mesa, Saudação de Mesa ou Bendito da mesa
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
Descrição / Significado	Sempre que fazem uma refeição na casa de um morador, é dever dos foliões agradecer o alimento cantando o bendito: <i>“Tem que saudar a mesa, onde almoça e janta. Todos os dias onde a folia come, tem que saudar a mesa, é um canto só.”</i> (Seu Otaciano) <i>“Bem dito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa</i> <i>Em louvor da bela mesa Vamos rezar o bendito Vamos rezar o bendito Bendito louvado seja</i> <i>Bendito louvado seja É o santíssimo sacramento É o santíssimo sacramento Em louvor da bela mesa</i> <i>É o divino espírito santo Que nos dá o alimento Que nos dá o alimento O alimento que vós dá</i> <i>O alimento que vós dá Nasceu do reino da Glória Nasceu do reino da Glória”</i> (cantado por Seu Otaciano)
Denominação	Cantorio do Morador
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	Em cada casa ou pouso que chegam, os foliões devem saudar o morador, cantando e agradecendo a dádiva recebida, seja em forma de oferta ou comida. O folião de guia deve incluir o nome de todos os moradores da casa no cantório. Seu Eduardo explica como funciona: <i>Agradece o morador, canta o morador, joga um verso pro morador ou pra moradeira. Fala no nome da pessoa, agradando. Um verso é uma coisa de amor, com o imperador. Agora ele caba de jogá aqueles versos e agora vai cantar. O cantório é uma oração. Pra abençoar o morador, agradecer a oferta. Eles canta o morador, depois pede a oferta, depois que recebe a oferta aí vai agradecer a oferta. Pode pedir pra aumentar a criação, a fazenda. Eles joga o verso assim:</i> <i>“Deus lhe pague sua oferta</i> <i>Deus lhe dê muita renda</i> <i>Dê vida e saúde</i> <i>E aumento em sua fazenda”</i> Vários foliões ressaltam que os versos dos cantórios são tirados do tão falado livro do Oriente: “Os cantos de Reis, são da tabela tirada do livro. Não é coisa inventada de cabeça não.” <i>“Aí sai cantando nos morador, saudando os morador, né. Saudando, agradecendo, chamando pra ir pra festa e pedindo as oferta, agradecendo, chamando pra ir pra festa. As pessoa gosta porque tem devoção. E o folião de guia fala aquelas palavras pra mode Deus, os Três Reis ou qualquer um santo agradecer aquele dono da casa. Dar vida, saúde, felicidade, abençoar.” (Seu Otaciano)</i> Cantório do morador: <i>“O senhore me dê licença/ eu fazer este cantório / Porta aberta e luz acesa/ Clareou este salão/ Luminando nossos três reis magos/ Com o alferes e os folião /E o meu nobre cidadão/ Muda os passo e venha cá/ Vem chegando nossos três reis magos/ Que veio lhe visitar/ Ele veio lhe visitar/ Aqui hoje neste dia/ Deus cuide da sua saúde / Ao senhor com sua família/ Ele veio lhe visitar/ E também pedir uma oferta/ Ele pede esta oferta/ Mas não é por precisão/ Ele pede é pra saber/ Que tenho bom coração/ Se tiver oferta pra dar (...)/ Quando for lá no outro mundo/ Sua alma Deus conserva/ Este é o nosso três reis magos/ É quem vai contar seus passos)/ Livra nois dos inimigos / E também dos embaraços/ O meu nobre cidadão/ Lhe peço com alegria/ O senhore me dê licença /Pra eu saudar sua família/ E também a senhora dona/ Que nome você queria/ Era o nome de Santa Isabeli/ Ou o de Santa luzia/ (...) Os três reis que lhe abençoe/ E o divino São José.”</i>						
Denominação	Cantório do Pouso						
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões						
Descrição / Significado	Assim que chega no pouso os foliões fazem um cantório pedindo ao morador que dê pouso ao terno de folia: <i>“Aí quando chega numa casa que vai pousar, aí o cantório já é diferente. Já tem que cantar pedindo pouso, por isso que não é todo mundo que serve pra ser guia, não é todo mundo que sabe.” (seu Otaciano)</i> <i>“No mesmo cantório que chega cantando, já pede o pouso.” (Idelino)</i>						
Denominação	Agradecimento do pouso						
Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	Depois de pousarem e antes de seguirem no giro, os foliões fazem o cantorio agradecendo o morador pelo pouso ofertado: “De manhã cedo você já canta o cantorio agradecendo o pouso.” (Idelino) “Aí pousa ali né. E no outro dia cedo, toma um cafezinho ali, faz outra brincadeirinha ali, se quiser. E aí tem a saudação, o agradecimento do pouso. Aí que é bonito, eu agradeço o pouso pelo sol, a criação do mundo é bonito demais: Deus vos salve a claridade Deus vos salve a luz do dia Deus vos salve a luz do sol A luz que nos ilumia O sol para sair pede licença ao senhor Quando sai joga seus raios por cima do resplendor Deus vos salve a luz do sol Que é o mistério mais profundo Quando sai joga seus raios Nas quatro partes do mundo. O sol tem seu relógio que nunca andou atrasado Ele serve de sinal para um verbo encarnado O clarão da lua cheia É um sinal da primavera O sol faz sua marcha E por ninguém ele não espera” (Seu Otaciano)	
	Denominação	Cantorio de Saudação da Lapinha
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	Há ainda um outro cantorio, que é para saudar a lapinha: “Para saudar o altar nas casas em que a folia passa.” (Idelino)
	Denominação	Canto de chegada no dia do arremate
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	O Guia deve saber ainda o cantorio de chegada na casa do imperador no dia do arremate: “Quando chegar no dia do arremate, chega no imperador, canta a chegada, tudo por tabelas. Pelo menos o que eu sei é tudo saído do livro do oriente e da escritura sagrada.” (Seu Otaciano)
	Denominação	Cantorio de entrega da folia
	Quem executa	O Guia, o contra guia e demais foliões
	Descrição / Significado	É o último cantorio feito pelos foliões, anunciando a entrega da folia para o imperador: “E aí fica quieto lá, sem cantar reis, só brincando. Aí depois reza o terço, reza a ladainha e entrega (canta o cantorio de entrega). Cada qual é uma parte. Aí arrematou, pronto.” (Idelino)

III	Cantos de Trabalho
-----	--------------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Denominação	Cantos de farinha
Quem executa	Feita por quatro homens que giram a roda de farinha. O barulho da roda de farinha dá o ritmo à música, dois homens puxam o canto de um lado e dois respondem do outro.
Descrição / Significado	Eram músicas entoadas pelos pequenos produtores de farinha durante o trabalho manual de girar a roda para ralar a mandioca. Os cantos eram uma forma de distração durante o trabalho e ajudavam a dar ritmo ao trabalho de ralar a mandioca. As letras das cantigas eram improvisadas, a partir de temas antigos e cantadas principalmente pelos homens, quando giravam a roda de ralar a mandioca. <i>“Faz, da mandioca mansa você pode cozinhar ela, fazer bolo. Tem quem faz a puba da mandioca. A mandioca chama ‘mãe’, serve pra tudo. A gente tendo farinha em casa é bom demais. Se tiver farinha não precisa arroz não. Come farinha com café, faz até uma sopa.”</i> (Seu Aneandro) <i>“Que o pessoal agora não usa mais, faz farinha com o motor.”</i> (Idelino) <i>“Mulher não cantava não, mas homem cantava. Na roda eles cantavam, meu pai... Dois ficavam do lado de cima da roda e dois do lado de baixo. Ai um ia com a mão assim e o outro vinha por baixo assim... usava força, a bicha era pesada... Eles cantavam músicas, mas eu não lembro mais, que eu era pequena né? Mas cantava, cantava demais.”</i> (Ivanilde) Canto de Farinha, cantado por D. Nica e Seu Aneandro: <i>“Companheiro me ajuda, eihei/ Não me deixa cantar só/ Ei roda, oiei/ Eu sozinho canto bom, eihei/ Com você canto melhor/ Ei roda, oiei/ Mulandeira dessa roda, eihei/ Foi feita de piquizeiro/ Ei roda, oiei/ Foi feita por mão de homi, eihei/ E custou mile cruzeiro/ Ei roda, oiei/ Eu tô vendo a boniteza, eihei/ Nessa linda tarimbina/ Ei roda, oiei/ A mandioca virou massa, eihei/ A massa virou farinha/ Ei roda, oiei/ Companheiro me ajuda, eihei/ Que eu também te ajudarei/ Ei roda, oiei/ Embora que eu moro longe, eihei/ Alguma coisa eu falei Eieihei”</i>

IV	OUTROS CANTOS São cantos que nem sempre estão presentes nas celebrações, mas que integram a musicalidade da comunidade. Estes cantos iam sendo mostrados aos poucos durante os trabalhos de gravação, coordenados por Roberto Corrêa e que contou com a participação da equipe do projeto.
Denominação	Enumeração
Quem executa	Gumercindo e Otaciano

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“Eu tenho uma galinha / Que botava treze ovo / Tiú deu lá no ninho / Comeu um e ficou doze Os doze que ficou / Vou mandar cobrir de bronze / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou onze Os onze que ficou / Vou trocar pelo um mi`reis / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dez / Os dez que ficou / Vou trocar num automóvel / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou nove Os nove que ficou / Vou mandar fazer um biscoito / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou oito Os oito que ficou / Vou trocar em um chevette / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou sete Os sete que ficou / Vou vender p'rum japonês / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou seis Os seis que ficou / Vou trocar num par de brinco / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou cinco Os cinco que ficou / Vou trocar por um sapato / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou quatro Os quatro que ficou / Vou vender outra vez / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou três Os três que ficou / Vou trocar por um arroz / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou dois Os dois que ficou / Vou trocar em um buzum / Tiú deu lá no ninho / Comeu um só ficou um O um que ficou / É pura bobagem minha / Tiú deu lá no ninho / Comeu o ovo e a galinha”</i> (Faixa 7 do CD I, gravado por Roberto Corrêa) <i>“Primeiro é homem que é um bicho comportado / Pela mulher vive preso, encorrentado Joguei no dado pra sair enumerado / Eu sai número um é uma avestruz mais declarado Dois é águia com o bico revirado / Três é burro que do homem foi mansado Quatro é borboleta tem o pêlo cetinado / E cinco é o cachorro pelo homem é dominado Seis é a cabra que com leite apreciado / Sete é carneiro com tua lã alvejada Oito é o camelo tem o lombo encalombado / E nove é a cobra que é um bicho maldiçoado Dez é o coelho que é um bichinho escovado / Onze é cavalo que é do homem andar montado Doze é o elefante tem sua presa virada / Treze é o galo de terreiro é corado Quatorze é gato que do rato é respeitado / Quinze é o jacaré que no lago foi criado Dezesseis é o leão que é o chefe do reinado / Dezessete é macaco que é um bicho encapetado Dezoito é porco engorda se for tratado / Dezenove é o pavão com sua cor demudado Vinte é o peru que é um bicho sufocado / E vinte e um é touro que não gosta de encarnado Vinte e dois é o tigre tem o lombo patacado / Vinte e três é o urso que do mato é respeitado Vinte e quatro é o veado que do mato é o mais calado / E vinte e cinco é vaca tá o jogo determinado”</i> (Faixa 11 do CD I, gravado por Roberto Corrêa)
---------------------------------------	---

Denominação	Desafio de embolador
Quem executa	José Pereira da Silva (caixa); Glinercino Pereira Saraiva e Ivalino Paulo Ferreira da Silva (viola)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	“Ô me leve embolador / No Sertão do Ceará / Outra vez embolador / No Sertão do Ceará Pedro Paulino / E Zuru Floriano/ Nessa lei republicana / Ninguém ... dar/ Ô você mesmo/ Quem quebrou minha gamela/ E eu quero o dinheiro dela/ não mandei você quebrar/ Ô meu amigo/ pra você eu vou falar/ eu nunca te agravei pra você me agravar/ Ô você vigia se é assim / Escuta que eu vou lhe falar / Meia dúzia de você / Eu carrego no calcanhar Se nasceu mas não criou / Se criou não teve fim / Tirando as falta que tem / Jogando em cima de mim Em cima daquela serra / Tem um pezinho de jatobá / No buraco do seu dente / Tem morada de um gambá Ô meu amigo / Pra você eu vou falar / Eu montei na sua cacunda / Você morreu de apanhar Ô nego preto / Da cabeça de escapole / Foi pra rua puxa fole/ Pro ferreiro trabalhar Ô meu amigo / Mas se eu falo eu não tô vendo / Que aqui tem uma catinga / E é você que tá fedendo Ô você mesmo / Escuta o que eu vou falar / Você canta é revoltando / E eu canto sem revoltar A moça envem / Você tá de olho nela / Engoliu uma mula crua / E num viu passar na goela Ô Gumercino / Escuta que eu vou falar / Já cantemo até agora / E agora nós vai parar” (Faixa 11 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)
----------------------------	---

Denominação	Coco Travado
Quem executa	Otaciano Francisco das Neves

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	01	06	F20	05
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Descrição / Significado	<i>“O Coco é uma dança típica do nordeste brasileiro, geralmente acompanhada com palmas ou instrumento de percussão. O cantador tira o verso e os participantes respondem cantando o refrão. Na gravação realizada na casa de Dona Arcanja foram apresentados Cocos guardados na memória dos cantadores ali presentes, acompanhados com viola ou com viola e caixa. O Seu Tasso referiu-se a este tipo de Coco como Coco Travado.” (Roberto Corrêa)</i> <i>“Ô mais é mesmo / E agora que eu tô contando / Sobrenome graduado / E eu me chamo Otaciano / Num tem lelê num tem nada / Sobrenome graduado / E agora que eu tô contando / Eu me chamo Otaciano / Mato no mês de janeiro / Vou comer no fim do ano É verdade vou comer no fim do ano / Bonito eu vou lhe dizer / Bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Carro não anda sem boi / Me diga como é que foi / Nem eu canto sem tomar Ô mais é mesmo / Nem eu canto sem tomar / Eu hoje pisando a roda / Como roda de fiar / Pra você largar da moda / Eu vou desandar essa roda / Você vai me desculpar / É a roda de fiar / Eu sou como a dor de dente / Quando dá pra latejar É verdade bonito eu vou lhe contar / Daqui pra lá eu não vou / Pode vir de lá pra cá / Vamos cantar esse coco / E é de indo está que é Zé coco / E agora vamos parar Mas é mesmo agora vamos parar / Só vou dizer mais um verso / Pra você me desculpar / Se quer ver quem eu sou / Pode vir de lá pra cá / Nem doutor é cirurgião / Nem cirurgião é doutor / Pode vir de lá pra cá / Se quiser ver quem eu sou / Quero tirar na lambada / `Cê diz que me dava e eu dou”</i> (Faixa 6 do CD I gravado por Roberto Corrêa) <i>“Ô mais é mesmo / E agora que eu tô dizendo / Até hoje eu me alembro / Do tempo em que eu fui pequeno / Cantei mais Zé Cabeceira / Fui discípulo de Roseno / Quem dá saúde ni homem / É cachaça, sol e sereno / Nunca escapou um doente / Dos que eu tratei com veneno Ô mais é mesmo / É agora que eu vou dizer / Turro de onça não faz / Cachorro mestre correr / Jesus Cristo dá esmola / Quem atenta é o Satanás / Cachorro mestre correr / Turro de onça não faz / Carinho de moça donzela / É a morte de todo rapaz”</i> (Faixa 6 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)

Denominação	Romance
Quem executa	Otaciano Francisco das Neves (viola) e Glinercino Pereira Saraiva

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		MG	01	01	06	F20	05
Descrição / Significado	<i>“É um poema cantado, de origem medieval, que chegou ao nosso país já no início da colonização e que, pela oralidade, foi sendo repassado e recriado pelo nosso povo. São épicos de guerreiros e mesmo de animais. O Seu Tasso nos canta as peripécias de uma onça. Os versos são fragmentados, mesmo assim, nos contam uma interessante história.” (Roberto Corrêa)</i> <i>“Eu vim contar um causo / Que aconteceu na Bahia / A onça da terra nova / Agora mudou pra ilha A onça da terra nova / Que agora mudou pra ilha / `Cabando com a fazenda / Do gado do seu Elias Elias pegou na pena / Fez uma grande escrivania / Escreveu pro Xavier / E que agora essa onça morria / Essa onça respondeu / É isso mesmo é que eu queria / Que eu só pegava de noite / E agora eu pego de dia Sexta feira da paixão / Me deu uma fome de morte / Eu fui lá pra Carnicinha / Fui arroer os meus ossos / Eu fora de mal engano / Roendo meus osso assentada / Chegou um amigo cachorro / Da sobrelha demudada Amigo cachorro da sobrelha demudada / Quando vejo você por aqui / Já me cuido que é novidade / O cachorro respondeu / Amiga onça / Não é novidade nenhuma / É a bezerra do meu senhor / Que você rasgou com sua unha Amigo cachorro você pode prestar atenção / Se foi peste ou se foi cobra / De que morreu não sei não Amiga onça / Eu mesmo sou testemunha / Que ela tinha o couro fino / E tá todo rasgado de unha Do chão eu pulei no pau / E o cachorro me acuou / Eu enxerguei tanta gente / Todos eram caçador / Pegamos o rastro da onça / Fomos alcançar na campina / Toda arma negou fogo / Só pegou uma carabina Fui saindo atirada / Pro rumo do pé do morro / Eu tando dentro de minha lapa / Não escapa nem um cachorro / O povo de João Teixeira / É o povo de Arenginha / Foi falar com Xavier / Que eu peguei uma bezerrinha No tempo de eu menina / Que eu não sabia pegar / Em quatrocentas fazendas / Eu deixei uma boa renda / Só ficou um marruá”</i> (Faixa 7 do CD II, gravado por Roberto Corrêa)						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os Instrumentos musicais usados para executar as diversas músicas que integram o repertório da folia são viola, caixa, pandeiro, cavaquinho, rapa-pau e balainho. Os foliões fizeram referência à rabeca ou rebecca, que não é usada na comunidade, mas é usada na região do São Francisco. Houve referência também à sanfona, mas que é usada apenas no forró.

A viola, o pandeiro (adufe) e a caixa são os instrumentos sagrados dos foliões. Segundo Roberto Corrêa, o Violão, da forma como o conhecemos, surgiu final do século XXVIII na Espanha. A viola é bem anterior. A sanfona apareceu no Brasil no final do século XIX e foi ocupando lugares: da viola (no Sul) e da Rabeca (no Brasil Central). Alguns foliões a consideram como intrusa e não a aceitam em seus ternos.

Idelino conta que antigamente os instrumentos eram feitos pelas próprias pessoas da comunidade, *“Parou de fazer porque já achou feito, as pessoas que fazia já não mais interessa. João Cofocó, meu irmão, mesmo já fez pandeiro, já fez caixa.”*.

PANDEIRO: “ANTIGAMENTE ERA USADO, FEITO TUDO AQUI NA REGIÃO. O PANDEIRO ERA FEITO COM COURO DE VEADO CATINGUEIRO E COTIA. O PANDERIO ELES FAZIAM DE CASCA DE PAU D’ÓLEO, TIRAVA A CASCA (OU OUTRAS MADEIRA QUE DÊ PRA ENVERGAR), FAZIA O MOLDE DELA ASSIM, SECAVA, AMARRAVA. O MOLDE ERA DE LATÃO. PÕE O COURO NA ÁGUA PRA AMOLECER, AMARRA, ESTICA O COURO E AÍ CORTA AS ROSETAS DE LATÃO, PRA DAR AQUELE CHOCALHO. HOJE EM DIA JÁ COMPRA O PANDEIRO PRONTO, COMPRA EM ARINOS, UNAI OU BURITIS.”

CAIXA: “A CAIXA USAVA O MESMO COURO E A MADEIRA BOA ERA FOLHA LARGA.”

Viola: “o pessoal da região aqui não fazia não, mas lá pro lado de São Francisco fazia mais.”

Denominação	Viola
Quem provê	Comprada na região de Arinos-MG.
Descrição / Significado	<i>“A viola é pra tocar o cantorio, tocar a curraleira, a guaiana.”</i> (Seu Eduardo) <i>“No cantorio o mais importante é a viola”</i> (Idelino)

Denominação	Caixa
Quem provê	<i>“Caixa tem um monte aqui. Essa aqui quem fez foi um rapaz lá de Brasília, ele trabalha na serralheria. Tem um genro meu que faz. É um motorista de ônibus que trabalha aqui na Chapada.”</i> (Antônio ferro Velho)
Descrição / Significado	<i>“A curraleira mesmo, um instrumento que não pode fazer sem ele é a caixa e a viola. Que a caixa é quem faz a marcação certa de trocar. No lundu também é mais a caixa.”</i> (Idelino) <i>“A caixa é pra bater, que sem a caixa não faz a curraleira não.”</i> (Seu Eduardo)

Denominação	Pandeiro
Quem provê	Comprado na cidade, mas já foi feito na comunidade.
Descrição / Significado	<i>“É pra ajudar a bater. Que a curraleira tem que ser acompanhada da caixa, da viola e do pandeiro.”</i> (Seu Eduardo) <i>“O pandeiro acompanha”</i> (Idelino)

Denominação	Violão
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Acompanha a folia, fazendo a base harmônica.

Denominação	Cavaquinho
--------------------	------------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	“Às vezes <i>tem cavaquinho, eu mesmo toco cavaquinho.</i> ” (Idelino)

Denominação	Sanfona
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Não é usada na folia, mas é instrumento fundamental apara a execução do forró.

Denominação	Triângulo
Quem provê	Comprado na cidade.
Descrição / Significado	Foi citado pelos foliões, mas não é usado na folia, apenas no forró.

Denominação	Rapa-pau
Quem provê	Comprado na cidade ou feito na comunidade.
Descrição / Significado	Instrumento semelhante ao reco-reco, é feito com um pedaço de madeira retalhado e tocado com a ajuda de uma vareta. “É pra ajudar, que tudo faz zoada.” (Seu Eduardo)

Denominação	Rabeca ou Rebeca
Quem provê	“Aqui não tem quem sabe tocar rabeca.” (Idelino)
Descrição / Significado	“Aqui não usa rebeca não, é lá pra Vargem bonita.” (Seu Eduardo)

Denominação	Balainho (espécie de chocalho)
Quem provê	Feito na comunidade
Descrição / Significado	“Tem um balainho também. Uma muié que veio aí, Tercília, acho que é Tercília que ela chama. Andou ai pra baixo e achou um balainho de bater folia. Um povo que vem aí, como vocês mesmo que vem no assentamento. Não sei onde foi a pra baixo ela arranhou um balainho. Usa ele na folia também pra fazer zoada, check- check, check- check, check- check. Trança um balainho assim, põe milho dentro, agora sacode, aquele milho zoa dentro pra ajudar a entoar a folia.” (Seu Eduardo)

Denominação	Berimbau
Quem provê	Feito antigamente na comunidade. Relatado apenas por D. Arcanja.
Descrição / Significado	Usado nas danças de terreiro. É uma vara de uns 50 cm, envergada em forma de meia lua. Com uma corda de buriti unindo as pontas do arco. Semelhante ao arco de bater algodão. Não é o mesmo berimbau da capoeira, pois não usa cabaça e é tocado com o dedo na horizontal. “Corta o pauzinho, enverga ele. Pega uma talinha de buriti, bem fininho, bem arrumadinho, ali marra e aí toca com o dedo. Tala de buriti novo, verde.” (D. Arcanja)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.11.ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

Executante	Atividade
Imperador	Limpeza da casa do imperador, onde ocorreu o arremate: <i>“Depois que a festa acaba, aí todo mundo pra casa, curar essas ressacas lá. Limpar a casa, só sobra pro dono da casa mesmo. E tem o vizinho, que ajuda.”</i> (Antônio Ferro velho)

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
O público da folia é composto basicamente pelos moradores do assentamento e por parentes que vivem em regiões próximas. Algumas pessoas podem acompanhar a folia a cavalo, até como pagamento de promessa. É comum, também, a presença de parentes e amigos que moram em cidades mais distantes como Brasília, por exemplo. <i>“É o pessoal do assentamento. Final de ano sempre vem um pessoal de Brasília, o pessoal da gente que mora aqui e vai pra lá trabalhar, eles vem nessa época pra aproveitar, no final do ano da muita gente.”</i> (Antônio Ferro Velho)

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1.DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

12.2.REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

12.3.REGISTROS FOTOGRÁFICOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

**O Projeto Inventário dos Bens Culturais da
Comunidade Assentamento São Francisco Oriunda
do Parque Nacional Grande Sertão Veredas - MG,
foi realizado no período de julho de 2006 a janeiro de 2007
em parceria entre o Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN
Departamento de Patrimônio Imaterial/DPI e a
Fundação Pró-Natureza - FUNATURA**



Comunidade São Francisco Formoso-MG



FUNATURA, Fundação Pró-Natureza
SCLN 107 • Bloco B • salas 207 e 209 • Brasília-DF • CEP 70.743-520
Telefone: (61) 3274-5449 e fax: (61) 3274-5324
www.funatura.org.br • funatura@funatura.org.br

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	01	06	F20	05
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

Questionários analisados			
Pesquisador(es)	THAÍS TEIXEIRA DE SIQUEIRA E HELENA OLIVEIRA		
Supervisor			
Redator	Thaís Teixeira de Siqueira	DATA	
Responsável pelo inventário			